

HUGO ALEXANDRE CARRILHO LOURENÇO

**COMPARAÇÃO ENTRE O CONHECIMENTO
DECLARATIVO E PROCESSUAL -
ESTUDO DE CASO. ANÁLISE DA PRELEÇÃO DE UM
TREINADOR DE HÓQUEI EM PATINS**

Orientador: Professor Doutor Jorge Fernando Ferreira Castelo

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Educação Física e Desporto

Lisboa

2013

HUGO ALEXANDRE CARRILHO LOURENÇO

**COMPARAÇÃO ENTRE O CONHECIMENTO
DECLARATIVO E PROCESSUAL -
ESTUDO DE CASO. ANÁLISE DA PRELECCÃO DE UM
TREINADOR DE HÓQUEI EM PATINS**

Dissertação apresentada para a obtenção do grau de Mestre em Treino Desportivo na Especialidade de Alto Rendimento, no Curso de Mestrado em Treino Desportivo, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Orientador: Professor Doutor Jorge Fernando Ferreira Castelo

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Educação Física e Desporto

Lisboa

2013

*Coaching is communication. Every act of
coaching requires you to communicate.
Successful coaches are masterful communicators.*

Martens (1996)

O presente trabalho é dedicado à minha família e em especial à minha mulher e filha, assim como ao treinador objeto deste estudo, grande referência para mim e que inúmeros conhecimentos me tem transmitido ao longo dos anos, tendo sido totalmente incansável ao longo da recolha de informação para a elaboração do trabalho.

Agradecimentos

A realização deste trabalho de investigação não seria possível sem a participação de algumas pessoas.

Começo por agradecer à minha mulher, Sofia e filha Maria do Mar, pela compreensão por horas de ausência em prol do desenvolvimento deste trabalho. A elas o meu obrigado. Foi também por elas e para elas que me dediquei tanto a esta investigação.

Uma palavra para os meus pais, que ao longo do meu percurso académico sempre me apoiaram em todas as escolhas que fiz, muitas delas contra a vontade deles, mas contando sempre com o seu incondicional apoio.

O meu muito obrigado ao treinador que aceitou ser o meu objeto de estudo. Foi extremamente prestável, permitindo que eu gravasse as suas preleções sempre que desejasse e sem qualquer tipo de condicionalismos. Será sempre a maior referência para mim ao nível do treino e condução da equipa durante o jogo na modalidade de hóquei em patins e ao longo dos anos foi-me transmitindo inúmeros conhecimentos que irei aproveitar, quando iniciar a carreira de treinador.

Quero agradecer ao Professor Doutor Jorge Castelo, pois sempre que solicitado se mostrou disponível para ajudar, expressando também, por sua livre vontade, ideias que foram mais-valias para o trabalho.

O meu obrigado aos amigos Diogo Lã e Miguel Santos, que sempre que solicitados nunca se inibiram de me ajudar em tudo o que foi necessário.

Aproveito para agradecer ao Professor Luís Maçussa, por todo o empenho e ajuda no tratamento estatístico dos dados obtidos na presente investigação.

Uma palavra de apreço para o Professor Doutor Paulo Malico de Sousa, que me incutiu o desejo de ingressar no Mestrado. Sem a sua perseverança, tal ingresso não teria acontecido.

Aproveito para realçar o papel que o Instituto Superior de Ciências Educativas e os seus professores tiveram no percurso da minha Licenciatura, promovendo ao longo dos quatro anos o gosto pela investigação na área da Pedagogia do Desporto.

Uma palavra de apreço e consideração para a ULHT e seus professores, com os quais aprendi imenso, tendo sempre estado disponíveis para dissipar quaisquer dúvidas que me tenham assolado ao longo do Mestrado.

Quero agradecer à «mana», figura, sem dúvida, muito importante para a realização do meu trabalho.

Finalmente, um agradecimento aos Mestres Luís Sénica e Nuno Ferrão por terem validado inquérito relativo ao conhecimento declarativo preenchido pelo objeto de estudo e às alterações efetuadas ao SAIC original.

Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar as preleções que um determinado treinador emitiu ao longo dos jogos analisados e comparar o nível de congruência entre o conhecimento declarativo e processual. Neste estudo foram analisados quatro jogos durante a época desportiva 2012 / 2013.

Todos os jogos em análise foram referentes a uma equipa que competiu no Campeonato Nacional da 1.^a Divisão de Hóquei em Patins, sendo metade dos jogos em casa e a outra fora.

O sistema de observação para a recolha de dados utilizados foi o Sistema de Análise da Informação em Competição (SAIC), tendo sido validada a introdução da categoria Arbitragem, assim como a introdução de novas quarenta e seis subcategorias na Dimensão Conteúdo.

Globalmente, os resultados obtidos demonstram que existe um padrão na informação transmitida, sendo a informação essencialmente de cariz prescritiva/descritiva, tática e dirigida à Equipa. Sendo congruente o seu conhecimento declarativo com o processual.

No que concerne às subcategorias, existem algumas incongruências, normalmente por sobrevalorizar algumas delas no inquérito de expetativas e posteriormente os resultados não demonstrarem tanta importância conferida pelo treinador no momento da reunião que antecede o jogo.

Palavras-chave: Preleção, Instrução, Comunicação; Hóquei em Patins, Nível de Congruência, Conhecimento Declarativo e Processual.

Abstract

This work aims to analyze the profile of the lecture that a particular coach sets over the analyzed games to identify the degree of consistency between the expectations of the manager in relation to the information you want to lecture in each game and the information that has effectively been lectured. In this case study, four games were observed during the 2012/2013 sports season.

All games of this analysis referred to a team that competed in the First Division of the National Hockey Championship, with half the games being at home and the others away.

The observation system for collecting data on the analysis of the lecture is the Information Analysis System on Competition (CAS), having been validated the introduction of the category Arbitration on the Content Dimension, as well as introducing the new forty-six subcategories also in the Content Dimension.

Overall, the results show that there is a pattern in the data output by the coach used as an object of study, being the information essentially prescriptive/descriptive, tactical and team oriented.

In what concerns the level of expectations by the coach, we can consider that there is a congruence between what the object of study considers to be the most important information and the information that effectively is addressed.

Regarding the subcategories, there are some inconsistencies, usually by overvaluing some of them in the investigation of expectations and, posteriorly, the results do not show that much of importance given by the coach at the time of the lecture prior to the game.

Keywords: Lecture, Instruction, Communication, Hockey, Level of Congruence, Declarative and Procedural Knowledge

Lista de Siglas e Abreviaturas

45 SEG	Regra dos 45 Segundos
AF	Afetividade
AF +	Afetividade Positiva
AF -	Afetividade Negativa
AQUEC	Aquecimento
ARB	Arbitragem
ATL	Atleta
ATL DEF	Atleta Defensivamente
ATL OF	Atleta Ofensivamente
AV	Avaliação
AV +	Avaliação Positiva
AV-	Avaliação Negativa
CARAT	Caraterização
COL	Coletivo
COL DEF	Coletiva Defensiva
COL OF	Coletiva Ofensiva
DES	Descrição
EQU	Equipa
EQU ADV	Equipa Adversária
EQU DEF	Equipa Defensivamente
EQU OF	Equipa Ofensivamente
F EQU	Faltas de Equipa

F TEC	Faltas Técnicas
FCP	Futebol Clube do Porto
FIN ATL	Finalização Atleta
FIN EQU	Finalização Equipa
FIN GRU	Finalização Grupo
FIS	Físico
FIS ATL	Físico Atleta
FIS GRU	Físico Grupo
FIS EQU	Físico Equipa
GR	Guarda - Redes
GRU	Grupo
GRU DEF	Grupo Defensivo
GRU OF	Grupo Ofensivo
HP	Hóquei em Patins
IND	Indeterminado
INDI	Individual
INDI DEF	Individual Defensiva
INDI OF	Individual Ofensiva
INF NUM OF	Inferioridade Numérica Ofensiva
INT	Interrogativo
INTENS	Intensidade
ISCE	Instituto Superior de Ciências Educativas
PAT	Patinagem
PP OF	<i>Power Play</i> Ofensivo
PRES	Prescrição
PSIC	Psicológico

PSIC ATL	Psicológico Atleta
PSIC EQU	Psicológico Equipa
PSIC GRU	Psicológico Grupo
RES	Resistência
SAIC	Sistema de Análise da Informação em Competição
S/C	Sem Conteúdo
SCP	Sporting Clube de Portugal
SUP NUM DEF	Superioridade Numérica Defensiva
TÁC	Tática
TÉC	Técnica
TRANS DEF	Transição Defensiva
TRANS OF	Transição Ofensiva
ULHT	Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
UPLAY	<i>Underplay</i> – Jogar em inferioridade numérica
VEL	Velocidade

Índice Geral

Agradecimentos.....	5
Resumo.....	6
Abstract	7
Lista de Siglas e Abreviaturas.....	8
Índice de Tabelas.....	13
Índice de Figuras	14
Introdução	15
Capítulo 1 - Enquadramento Teórico	18
1.1. O Hóquei em Patins como modalidade desportiva	19
1.1.1. Origens do Jogo	19
1.1.2. Importância social do Jogo.....	20
1.1.3. Características do Jogo	21
1.1.4. Elementos do Jogo	22
1.2. O Treinador e as suas funções.....	25
1.3. A Importância do Processo Comunicativo entre treinador/jogador (es)	30
1.4. Preleção. Definição e componentes fundamentais	36
1.4.1. Objetivos da Preleção.....	40
1.4.2. Recursos Humanos.....	41
1.4.3. Duração da preleção	41
1.4.4. Momento de realização	43
1.4.5. Local de realização.....	44
1.4.6. Fundamentos organizativos.....	44
1.5. Aspectos suplementares a utilizar na preleção.....	45
1.6- Estudos sobre a organização do Conhecimento Tático.....	46
1.6.1. Conhecimento Tático Declarativo e Processual.....	47
1.6.2. Importância dos Processos Cognitivos para o Conhecimento Tático	50
1.7. Estudos sobre a análise do comportamento do treinador	52
Capítulo 2 - Metodologia	55
2.1. Estudo de Caso.....	56
2.2. Amostra	56
2.3. Objeto de Estudo	57

2.4. Recolha de Dados.....	57
2.5. Definição das Dimensões/Categorias da Análise	58
2.5.1.1. Dimensão Objetivo.....	58
2.5.1. 2.Dimensão Direção.....	59
2.5.1.3 Dimensão Conteúdo	59
2.6. Procedimentos Metodológicos e Instrumentos.....	65
2.7. Inquérito para análise do conhecimento declarativo	66
2.5.3 Fidelidade Interobservador e Fidelidade Intraobservador	69
2.6. Limitações do Estudo.....	70
Capítulo 3 - Apresentação e Discussão dos Resultados	71
3.1. Apresentação dos Resultados analisados na preleção ao longo dos quatro jogos	72
3.1.1. Análise dos quatro jogos em simultâneo - Dimensão Objetivo	72
3.1.2 Análise dos quatro jogos em simultâneo - Dimensão Direção.....	76
3.1.3 Análise dos quatro jogos em simultâneo - Dimensão Conteúdo.....	79
3.2. Apresentação dos Resultados relativos ao Conhecimento Declarativo do Treinador	87
3.2.1.Inquérito referente ao conhecimento declarativo relativo ao jogo 1 – PA x FCP	88
3.2.2.Inquérito referente ao conhecimento declarativo relativo ao jogo 2 – Física x PA	94
3.2.3.Inquérito referente ao conhecimento declarativo relativo ao jogo 3 – PA x SCP	100
3.2.4.Inquérito referente ao conhecimento declarativo relativo ao jogo 4 – Braga x PA	106
3.2.5. Apresentação dos resultados no total dos quatro jogos analisados:	111
3.2.6. Inquérito referente ao conhecimento declarativo do treinador no total dos quatro jogos analisado.....	113
3.3 Conclusões	116
Recomendações e perspetivas futuras	120
Bibliografia	122
APÊNDICES.....	I
Apêndice I – Validação das alterações ao SAIC original e ao inquérito relativo ao conhecimento declarativo do objeto de estudo pelo Mestre Luís Sénica e Mestre Nuno Ferrão	II
Apêndice II - Registos das preleções efetuadas	XIII
Jogo 1 - PA – FCP – Época 2012 / 2013.....	XIII
Jogo 2 - Física X PA – Época 2012 / 2013	XV
Jogo 3 -PA X SCP - Época 2012 / 2013	XVIII
Jogo 4 - Braga X PA - Época 2012 / 2013.....	XX

Índice de Tabelas

Tabela 1: Exemplo da análise da informação (codificação) ao nível da Dimensão Objetivo e Direção	67
Tabela 2: Exemplo da análise da informação (codificação) ao nível da Dimensão Conteúdo.....	68
Tabela 3: Índices de Fidelidade Intraobservador e Interobservador	69
Tabela 4: Frequências Relativas da Dimensão Objetivo ao longo dos quatro jogos.....	72
Tabela 5: Frequências Relativas da Dimensão Direção ao longo dos quatro jogos	76
Tabela 6: Frequências Relativas e Unidades de Registo da Dimensão Conteúdo ao longo dos quatro jogos	79
Tabela 7: Inquérito referente ao conhecimento declarativo relativo ao jogo 1 - Pa x FCP	88
Tabela 8: Inquérito referente ao conhecimento declarativo relativo ao jogo - Física x PA	94
Tabela 9: Inquérito referente ao conhecimento declarativo relativo ao jogo 3 - PA x SCP.....	100
Tabela 10: Inquérito referente ao conhecimento declarativo relativo ao jogo 4 - Braga x PA	106
Tabela 11: Total de Unidades de Registo e de Frequências Relativas no total das quatro preleções .	111
Tabela 12: Inquérito referente ao conhecimento declarativo do treinador no total dos quatro jogos analisados	113

Índice de Figuras

Figura 1 – Representação gráfica das Unidades de Registo da Dimensão Objetivo ao longo dos quatros jogos. A escala do gráfico representa o número de unidades de registo. 73

Figura 2 – Representação gráfica da Unidades de Registo da Dimensão Direção ao longo dos quatro jogos. A escala do gráfico representa o número de unidades de registo. 77

Introdução

O treinador, independentemente da forma de liderar, tem de ter a capacidade de comunicar para que consiga, de uma forma eficaz, fazer a gestão do grupo/equipa, conseguindo a motivação, autoestima e autoconfiança necessárias para atingir os objetivos da equipa (Santos, 2003), sendo esta ideia secundada por Castelo (2002) e Lima (2000).

Pina (1998) considera que a transmitir de forma eficiente a informação é uma das competências mais importantes dos treinadores.

Para Botelho et al. (2005) as exigências que o desporto tem vindo a impor, na procura da evolução dos atletas e das equipas, obrigam o treinador a procurar um conhecimento profundo sobre os processos de intervenção, nomeadamente, durante a partilha da informação.

Na mesma perspetiva, Pinto (2004) considera que um treinador de sucesso precisa de um conjunto de competências que se situam para lá de um conhecimento profundo dos fatores do desempenho da sua modalidade. Não basta saber planejar a sua equipa ao nível técnico, tático, físico e psicológico, tem de saber ensinar e transmitir esses mesmos conhecimentos.

Assim sendo, segundo Santos & Rodrigues (2008, p. 113), “a preleção de preparação para a competição é um momento fundamental na comunicação estabelecida entre o treinador e os jogadores”, sendo a comunicação, um processo fundamental para o sucesso desportivo e vital para uma preleção adequada.

Nesta linha de pensamento, Santos (2003, p. 1) afirma que “a comunicação estabelecida entre o treinador e os jogadores é talvez o aspeto mais importante no sucesso de ambos, pois é através dela que o primeiro pode liderar o segundo com vista ao máximo rendimento desportivo, podendo assim informar, criticar, motivar e conversar.

A importância do tema para o sucesso desportivo é salientada não só pelos autores referidos, como também é um assunto bastante debatido entre treinadores de forma particular. No entanto, sendo um tema pertinente, principalmente nesta altura de transição do regulamento, existem falta de estudos na modalidade em questão.

Desta forma, este trabalho tem como finalidade, responder à seguinte questão: Existe congruência entre o conhecimento declarativo e a informação que o objeto de estudo verbaliza?

Para responder a esta questão, será feita a análise da preleção de um treinador no escalão de Seniores, recorrendo a uma forma modificada do Sistema de Análise da Informação em Competição (SAIC), utilizando as Dimensão Objetivo, Conteúdo e Direção da informação por ele proferida.

Como tal, os aspetos que vão ser dissecados nesta investigação passarão pela:

- Análise da preleção do treinador em causa.
- Análise dos principais aspetos focados na preleção.
- Comparação dos resultados obtidos com estudos já realizados.
- Analisar o nível de congruência do treinador, comparando as suas expetativas ao nível da informação que vai abordar em determinada preleção e a informação verbalizada na mesma.

Assim, neste Estudo de Caso, serão analisados quatro jogos, metade efetuados em casa e metade fora, e a avaliação do comportamento do treinador será centrada apenas na informação verbal que este transmitiu no momento da preleção para o jogo.

Em particular, será também dissecado o tipo de instrução que o treinador utilizado como objeto de estudo utiliza nas suas preleções.

Assim, no primeiro capítulo deste relatório será apresentado o enquadramento teórico através da revisão da literatura sobre o tema, com especial incidência sobre a caracterização geral do Hóquei em Patins, a descrição das funções do treinador e das componentes da preleção, assim como a sua importância para o sucesso desportivo.

Na parte final do capítulo será feita a síntese dos estudos efetuados sobre o tema, com a finalidade de serem comparados com os resultados da presente investigação.

O Capítulo 2 será reservado para definir detalhadamente a metodologia da investigação, caracterizando a amostra, o objeto de estudo, definindo o procedimento de recolha da informação, procedimentos metodológicos e os instrumentos, a fidelidade interobservador e intraobservador, e as limitações do estudo.

No Capítulo 3 será desenvolvida a apresentação e análise dos resultados obtidos, assim como as respetivas conclusões.

Irão ser dissecados os jogos individualmente ao nível das três dimensões em análise, nos quais iremos tentar explicar os motivos de determinados resultados. O mesmo será efetuado também ao nível das expetativas do treinador, as quais serão analisadas e iremos averiguar se existe congruência entre os níveis de expetativas do treinador ao nível das

categorias e subcategorias que considera mais ou menos importante abordar e a informação que efetivamente aborda.

Na parte final deste capítulo, iremos realizar as conclusões finais, as quais serão referentes ao perfil de preleção do treinador em análise (total dos resultados obtidos nas quatro preleções escrutinadas) e ainda a congruência do treinador entre aquilo que considerou mais importante abordar no total dos mesmos quatros jogos e os respetivos resultados obtidos.

A última parte do trabalho destina-se à bibliografia, onde estarão expressos todos os autores consultados para a realização desta investigação.

Deve defender-se que quem não investiga... adivinha, como tal, é imperativo que não se poupe esforços na investigação no Hóquei em Patins, com o intuito da modalidade poder evoluir cada vez mais.

Importa ainda referir que esta dissertação será redigida segundo o novo acordo ortográfico da Língua Portuguesa e será adotada a norma da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, segundo o despacho nº 101/2009, com o título “Atualização das normas para elaboração e apresentação de teses e dissertações na ULHT”.

Capítulo 1

Enquadramento Teórico

1.1. O Hóquei em Patins como modalidade desportiva

O Hóquei em Patins é uma modalidade desportiva bastante popular em Portugal. Devido às suas características e às constantes alterações no regulamento, cada vez mais é importante estudar a qualidade da interação entre o treinador e os jogadores. Por este motivo, torna-se necessário fazer um enquadramento teórico sobre a modalidade e contextualizar o tipo de relação entre o treinador e a equipa.

1.1.1. Origens do Jogo

Os primeiros registos de patinagem no gelo são pré-históricos, por volta de 1.000 AC, e vêm do que é hoje a Noruega. Eram utilizados queixadas de rena por baixo dos pés que permitiam deslizar no gelo.

Já no século XVIII foram inventados os primeiros patins de rodas pelo holandês Hans Brinner, que fabricou um tipo de aparelho rudimentar que podia ser preso aos pés como os patins para o gelo, já utilizados de forma corrente nessa altura. Esta invenção permitiu responder à necessidade de substituir a patinagem no gelo por altura do verão, visto ser impossível praticar essa modalidade nessas alturas, tendo em conta que era uma modalidade sazonal.

O país onde se jogou pela primeira vez Hóquei em Patins foi a Inglaterra, sendo a primeira grande potência da modalidade, tendo conquistado os primeiros cinco campeonatos europeus, não existindo, contudo, certezas em relação à data do jogo e ao que esteve na sua origem.

Sénica (1995) defende que o Hóquei tanto em Patins como no Gelo constituem derivantes do jogo Bandy, cujo termo em inglês designa «cajado», jogo este que segundo o mesmo autor era praticado por índios americanos.

No nosso país, o primeiro jogo data do ano de 1915, sendo considerado como o arranque decisivo para a introdução do Hóquei em Patins em Portugal. (Sénica, 1995)

Lacerda (1991) constata que a 21 de abril de 1921, em Montreux na Suíça, foi fundada a «Fédération Internationale de Patinage à Roulette» onde se incluíam a Alemanha, França, Grã-Bretanha e Suíça, que elegeram o Sr. Fred Renkewtz (Suíço) como presidente.

Segundo o mesmo autor, a 1 de abril de 1925 foram apresentados os primeiros estatutos da Federação, realizando-se nessa altura o primeiro campeonato europeu da modalidade, em Herne Bay, na Grã-Bretanha, com a participação de seis países Europeus.

Só em 1929 Portugal foi filiado na Federação Internacional, e em 1933 participou pela primeira vez no Campeonato da Europa, classificando-se em quinto lugar. De acordo com o autor, a partir daí, não mais pararam os êxitos na modalidade em Portugal, sendo o grande baluarte desportivo ao nível de conquistas.

1.1.2. Importância social do Jogo

O Hóquei em Patins é, sem dúvida, um dos fenómenos desportivos de maior impacto em Portugal, tendo as seleções currículos recheados de êxitos constantes, interrompidos esporadicamente pela Espanha, Itália ou Argentina, sendo estas as quatro grandes potências da modalidade.

O facto de o Hóquei em Patins ser uma modalidade muito concentrada na sua localização geográfica, com predominância sul europeia e sul-americana, tem impedido, de certa forma, a sua maior expansão e protagonismo no panorama desportivo internacional. Sénica (1995) considera que o Hóquei em Patins, apesar de todos os esforços para o tornar modalidade olímpica, carece ainda de fraca representatividade a nível mundial. Contudo, a modalidade não deve ser menosprezada, pois é parte da cultura portuguesa e deve ser defendida como «modalidade tradicional», sem contudo deixar de lado a investigação e os estudos sistemáticos para a sua evolução.

Nesta perspetiva, Lacerda (1991) refere que todas as formas culturais estão sujeitas às vicissitudes do tempo, às mudanças sociais, a novas influências estéticas, a novos ritmos de vida, mas continuam a manter um patamar de continuidade em si. Em particular, apesar das alterações que têm surgido, os elementos essenciais continuam presentes: a equipa, a bola, e o aléu, no entanto os condicionalismos são substancialmente diferentes.

1.1.3. Caraterísticas do Jogo

As várias modalidades desportivas podem ser, segundo Sénica (1995), divididas em quatro grupos:

- De rendimento, quando o desempenho pode ser quantificado;
- De técnicas combinadas, quando têm uma apresentação estética e são avaliados por um júri;
- De pontaria a alvos fixos ou móveis;
- De situação, caracterizados pelo imprevisto das situações, provocado pela intervenção de outrem e pela predominância de situações de natureza técnica e tática.

Desta forma, este autor inclui o Hóquei em Patins nos desportos de situação, caraterizando-o por possuir limitações de número, espaço e tempo bem definidos, e com um regulamento próprio que tem sofrido alterações à medida que o tempo vai passando, com o intuito de aumentar a sua competitividade e espetacularidade. Contudo, esta regulamentação possui uma forte condicionante nas técnicas a utilizar e, por sua vez, na estratégia e na tática a adotar, que são elaboradas em função de o jogo se desenvolver sempre com um carácter de oposição.

O mesmo autor conclui que para caraterizar esta modalidade, não se deve utilizar uma visão segmentar, mas antes partir de uma visão que integre e estabeleça relações entre as características respeitantes ao regulamento, à dinâmica de grupos, à técnica e à tática.

Para Honório & Manaças (1994) um jogo de Hóquei em Patins é disputado de uma forma coletiva, entre duas equipas, em que a equipa que possui a bola utiliza os instrumentos do jogo - os patins para a movimentação e o *stick* para manipular a bola - para introduzir a bola na baliza da equipa adversária, enquanto esta, procura evitar o golo, tentando obter a bola.

Pode também caraterizar-se o Hóquei em Patins como uma atividade acíclica e intermitente, com fatores variáveis e de difícil quantificação, dependendo da atitude que desenvolva cada uma das equipas. No entanto, em comum assentam num conjunto de movimentações específicas e diversificadas de onde se destacam: os arranques rápidos; as travagens bruscas; as mudanças de direção e sentido; as marcações e desmarcações; os

choques; e as continuadas mudanças de ritmo que contemplam o esforço submáximal e a paragem total.

Sendo uma modalidade que se distingue pela movimentação sobre rodas, os desempenhos de ordem física dependem de três fatores: a técnica de patinagem; o atrito das rodas sobre a pista; e o grau de preparação do jogador.

Sénica (1995) afirma que em todos os jogos, quer sejam de sorte, de estratégia ou os que combinam a sorte com a estratégia, o decurso de cada jogo é único, em virtude do grande número de possibilidades de escolha possíveis. O carácter aleatório desta modalidade tem a sua origem na incerteza associada à ignorância da estratégia escolhida por cada um dos parceiros do jogo.

1.1.4. Elementos do Jogo

O Hóquei em Patins possui como elementos: a bola; a pista; duas balizas; um regulamento; dois árbitros; cinco jogadores para cada equipa, sendo quatro em campo e um guarda-redes; e espetadores.

A – Bola

A bola é esférica, pesa 155 gramas e tem um perímetro de 23 centímetros. Tem de ser de uma só cor e se possível em contraste com as cores da pista.

B – Pista

Possui um formato retangular, apresentando-se limitado pelas tabelas de fundo e laterais e sinalizado por linhas e marcas bem visíveis.

O comprimento e a largura da pista em locais onde se podem disputar competições oficiais são:

Comprimento – Mínimo 36 metros; Máximo 44 metros.

Largura – Mínima 18 metros; Máxima 22 metros.

O terreno de jogo é fechado nos seus quatro lados por uma vedação de 1 metro de altura, assim como por uma tabela de madeira ou acrílico de 2 centímetros de espessura mínima e uma altura mínima de 20 centímetros.

Os cantos devem ser semicirculares com um raio de 1 metro. Deve ser colocada, ao longo das duas tabelas de fundo, uma rede de proteção amovível, com uma altura de 4 metros medidos desde o solo (1+3).

Todas as linhas de demarcação têm obrigatoriamente uma largura de 8 centímetros.

C – Balizas

As balizas de Hóquei em Patins consistem numa armação em tubo de ferro, em que a altura interior é de 105 centímetros e a largura interior é de 170 centímetros. As balizas são cobertas por uma rede de cor branca resistente; na parte superior e no interior da baliza está suspensa uma outra rede mais fina que a exterior, de forma a impedir que a bola ressalte para fora da baliza. Os postes e a barra são circulares com 9 centímetros de diâmetro e cor de laranja.

Segundo Sénica (1995), a baliza é o alvo visado, e é transpondo-a que se alcança o objetivo do jogo, portanto há que realizar as ações sempre em função dela, pensando em todas as situações que existem quer para proteger a nossa baliza, quer para introduzir a bola na do adversário.

D – Regulamento

Para Sénica (1995), cada jogo tem as suas próprias regras, pelo que é importante que as alterações das regras que vão surgindo primam pela simplicidade e que estejam em concordância com os objetivos do jogo, daí que devam ser discutidas por todos os intervenientes.

O mesmo autor considera que as principais regras do Hóquei em Patins são do conhecimento do público, no entanto critica o facto de existirem constantes alterações, bem como o pouco apoio que os meios de comunicação social emprestam à modalidade, o que não contribui para a sua fácil perceção.

De referir que o Hóquei em Patins tem sido uma modalidade que tem sofrido inúmeras alterações às regras de jogo, tendo existido na temporada 2009/2010 uma reformulação significativa.

E – Árbitro

É a ele que cabe a fiscalização das regras, sendo soberano relativamente a todos os intervenientes no jogo. Existem dois árbitros por jogo, estando cada um situado em cada meio-campo.

F – Jogadores

No Hóquei em Patins, como em qualquer outro jogo de oposição, os jogadores - quatro jogadores de campo e um guarda-redes- só podem ser, uns relativamente aos outros, parceiros ou adversários.

Em relação aos parceiros, e atendendo a que o Hóquei em Patins é uma atividade realizada em conjunto e que implica a adoção de estratégias comuns, Sénica (2005) considera que há dois aspetos intimamente associados, que lhe devem ser sempre subjacentes: a cooperação e a comunicação. Por esse motivo há necessidade de se criar um sistema de referências comum. O jogador deve a todo o momento compreender e tentar visualizar antecipadamente o curso das ações que se desenvolvem à sua volta e com as quais ele está sempre implicado.

No que diz respeito aos adversários, as ações devem ser sempre de oposição, ou seja, realizadas visando o enfraquecimento e a desintegração da cooperação da equipa adversária, ocultando, sempre que possível, as suas intenções.

G – Espetadores

O Hóquei em Patins é provavelmente, a seguir ao Futebol, a modalidade mais acarinhada pelos portugueses, pese embora, nos últimos anos tenha existido um decréscimo de espetadores nos pavilhões. Este facto pode ser explicado não só pela falta de referências na modalidade, visto que a chamada «geração de ouro» da modalidade já está na fase final da carreira, mas também vou pelo facto de, há duas épocas seguidas, quase não serem transmitidos jogos de Hóquei Patins na televisão, o que provoca um maior distanciamento entre o público e a modalidade, pois impede a ascensão de novas referências da modalidade.

1.2. O Treinador e as suas funções

Em qualquer processo pedagógico, quem ensina tem um papel fundamental. Atualmente, independentemente do contexto em que esteja inserido, o treinador é um dos principais atores desse processo, pois é ele quem vai transmitir valores, ideais e saberes. Como tal, o treinador tem de dominar diferentes variáveis, de forma a poder fomentar a harmonia do grupo a atingir os objetivos a que se propôs.

Tentando ilustrar a importância do treinador, Patriksson & Eriksson¹ realizaram um estudo que tinha como objetivo principal avaliar o programa de formação de treinadores na Suécia. Através de questionários aos atletas, concluíram que estes consideravam o treinador como o agente mais importante do fenómeno desportivo.

Assim sendo, o treinador é um dos elementos fundamentais para o sucesso desportivo. É ele quem gere e orienta, quer o treino, quer a competição, pois é ele quem tem de conhecer os jogadores de forma a saber como interagir com cada um deles. Em suma, nesta profissão, não pode haver dogmas, porque o que é verdade para uns, é mentira para outros, estando, na maioria das vezes, dependente do contexto em que o treinador está inserido.

Neste contexto, Pina & Rodrigues (1999) consideram que a influência exercida pelo treinador é um dos fatores principais do sucesso dos jogadores e das equipas em competição.

Sénica (2011, p.1) considera que “treinar implica tomar um conjunto de decisões e assumir convicções que serão determinantes na evolução da equipa, cabe ao treinador pensar sobre as suas ideias para o jogo”.

Em relação à importância do treino, Ferrão (2011, p.1) considera que “este dependerá na sua maior magnitude, com fatores relacionados com as características da modalidade, com o nível dos atletas, com os objetivos a alcançar e do próprio treinador que o realiza e que na sua elaboração deve-se ter em conta os princípios da simplicidade, clareza e exequibilidade”.

O aspeto psicológico e a forma como o treinador controla os seus jogadores e demais intervenientes ligados à equipa, demonstrando um conhecimento total do seu grupo, é

¹ Patriksson, G. & Eriksson, S. (1990). Young Athlete's Perception of their coaches. *International Journal of Physical Education*, 27 (4) 9-14. In Pina, R. (1998). Análise da instrução do treinador em competição. Dissertação apresentada à Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa para a obtenção do grau de mestre, orientado pelo Professor Doutor José de Jesus Fernandes, Lisboa

extremamente importante para o sucesso, ou seja, para alcançar os objetivos preconizados é imperativo que os jogadores aceitem o modelo de liderança seguido pelo seu treinador.

Porém, e tendo em conta a atual sociedade tão mediatizada, na qual os desportistas são vistos como verdadeiros ícones, servindo de modelos para os mais jovens, não se pode pensar que o treinador é um mero transmissor de conhecimentos.

Aliás, Araújo (1994) tem uma perspetiva abrangente das competências do treinador ao considerar que este tem a obrigação de contribuir para a divulgação de uma cultura desportista humanista e humanizante, através da divulgação dos valores morais, sociais e éticos que regem a sua prática, de forma a serem passados de geração em geração, sempre com o objetivo de melhorar o índice global da cultura desportista da sociedade portuguesa. É um facto que o ato de treinar não se limita apenas à transmissão de informação técnica ou tática, como foi vista durante muitos anos no meio desportivo. Atualmente, o treinador é para além de um transmissor de conhecimentos, também um gestor de recursos humanos, que tem de saber como colocar em interação diferentes ideias, personalidades, competências, capacidades cognitivas e técnico-táticas.

Lima (2000) considera que deve ser reconhecida, sem reticências, que a função do treinador é algo mais do que ensinar as técnicas desportivas, conhecer as regras, saber de cor as táticas, planificar e organizar a preparação, utilizar racionalmente o tempo destinado a cada exercício e dominar a metodologia do treino desportivo. Como tal, o mesmo autor considera imperativo que o treinador receba uma formação adequada, coerente com a importância da sua função social e com a realidade do desenvolvimento do país, de forma a favorecer a valorização humana, desde o jogo amador à alta competição, e possibilitar a progressão de crianças e jovens na prática desportiva.

Para além disso, para ser um treinador de sucesso, é também importante não estagnar e procurar uma busca incessante do saber. Se aliar estas características ao facto de ter sido jogador, tanto melhor, mas a realidade é que não é imperativo que tenha sido um jogador de referência.

Ao abordar esse assunto, Rafael Benitez², atual treinador do Nápoles de Itália e vencedor de várias finais europeias de futebol, não tem dúvidas de que “para ser treinador não basta ter sido jogador de elite” (Pacheco, 2005, p.20), ou seja, é preciso dominar outras

² Entrevista concedida a Rui Pacheco, para a elaboração do livro Pacheco, R. (2005). *Segredos de balneário*. Lisboa: Prime Books, p. 20

competências, tais como a liderança, conhecimento teórico do jogo e ainda os diferentes contextos em que este está inserido.

Na mesma linha de pensamento, Neto (2004, p. 29), na biografia autorizada de José Mourinho, fundamenta este tema ao afirmar que “ter tido experiência no futebol como jogador é importante noutras vertentes. Ter vivido no futebol, ter sido jogador, saber viver em grupo, conhecer comportamentos predominantes em plantéis, tudo isso é uma ajuda importante.” Salientando ainda que um “jogador que tenha uma visão tática e uma capacidade de leitura de jogo ao nível do posicionamento pode, mais tarde, ser uma mais-valia como treinador. Mas nenhuma das duas é condição única para ser um grande técnico”, dando ainda o exemplo de Carlos Alberto Parreira ou de Van Gall, que nunca foram jogadores de elite, mas que foram treinadores de referência.

Posto isto, qual é a receita para se ser um treinador de sucesso? Não existe. Depende de vários contextos. Por exemplo, um treinador com muito sucesso num determinado local pode também ter uma experiência completamente falhada noutro, mas também não deixa de ser verdade que existem treinadores que estão no topo há muitos anos e que estão sempre mais próximo do sucesso do que do insucesso.

Um desses treinadores é Fábio Capello³, que aponta as características fundamentais que um treinador deve possuir. Características que passam por saber de futebol; saber ler o jogo e os jogadores; ter personalidade; e manter uma identidade em todos os momentos. Segundo o líder italiano, o treinador não pode estagnar, vive num permanente processo de aprendizagem, ao ponto de referir que “o melhor treinador é o maior dos ladrões, porque se esforça sempre por aumentar a soma dos seus conhecimentos e, quando necessário, rouba até ideias aos outros treinadores.” (Pacheco, 2005, p. 24)

A ideia supracitada aponta para a importância da partilha de conhecimentos no desporto, algo que no Hóquei em Patins não se efetua com a periodicidade desejada, pois todos têm receio de que o outro tenha mais sucesso. É preciso interiorizar esta partilha cada vez mais, até pelo facto de se viver numa era globalizante, muitas vezes denominada de Era da Comunicação, em que o conhecimento não é de ninguém, mas de todos.

³ Entrevista concedida a Rui Pacheco, para a elaboração do livro Pacheco, R. (2005). *Segredos de balneário*. Lisboa: Prime Books, p.24

José Mourinho⁴ considera que os mandamentos necessários para ser um treinador de sucesso são:

1. “Não complicar o que é fácil”, até porque “o futebol é um jogo fácil de entender.”
2. “O treinador deve ser inteligente e culto para além do futebol.”
3. “Ser um grande condutor de homens.”
4. “Ter uma estratégia clara e vencedora.”
5. “Ter o vício de vencer.” Neto (2004, p. 30)

Ideia corroborada por Pacheco (2005) que considera que o treinador deve deter um conhecimento profundo de futebol; possuir competências no plano tático-técnico; saber preparar psicologicamente os seus jogadores; saber gerir possíveis conflitos; e saber interagir com os diferentes agentes desportivos.

Para Barreto (1998, p. 630) “o treinador deve ser um especialista na sua modalidade, conhecendo-a nas suas mais variadas dimensões (histórica, cultural, estrutural, metodológica, relacional, técnica, tática e estratégica) ”, assim como, também é vital que tenha a capacidade de analisar o treino e a competição, apercebendo-se de como consolidar e potenciar ao máximo o rendimento individual e do grupo.

No mesmo contexto, Barroja (2005) considera que um treinador de sucesso é aquele que consegue deter os conhecimentos dos conteúdos que vai ensinar; dominar tarefas - por exemplo, observar, comparar, constatar erros e progressos, procurar causas das incorreções, consolidar execuções, comunicar através de instruções e *feedbacks* -; e ainda acompanhar as consequências imediatas da sua intervenção.

Ideia similar tem Araújo (1994) ao afirmar que o treinador deve ter uma preocupação que incida sobre a aquisição de conhecimentos, sobre o domínio das técnicas específicas e um saber estar que implique uma transformação positiva das atitudes que vão acontecendo diariamente, de modo a que a sabedoria inerente a quem ensina tenha também uma consequência prática e não apenas teórica.

O mesmo autor determina as características essenciais que um treinador deve possuir. São elas:

⁴ Entrevista concedida a Joel Neto para a elaboração da biografia Neto, J. (2004). *José Mourinho, o vencedor*. Lisboa: Edições Dom Quixote, p. 30

- *Líderes*, pelo que o treinador deve apontar o caminho a seguir e sentir que a sua liderança é aceite pelo seu grupo, quer sejam jogadores ou colaboradores;
- *Professores*, pois o treinador, para além de treinar, também tem de ensinar, com a responsabilidade de educar os que estão sobre a sua direção;
- *Organizadores/Planificadores*, uma vez que o treinador tem a obrigação de saber organizar e planificar toda a atividade da sua equipa;
- *Motivador*, visto que o treinador tem como missão conseguir aumentar a ambição da sua equipa e conseguir que os seus jogadores e colaboradores tenham sempre uma entrega total;
- *Guias/Conselheiros*, pois o treinador não se pode esquecer de que tem enormes responsabilidades formativas e educativas;
- *Disciplinadores*, dado que a disciplina tem de ser vivida com responsabilidade e ponderação, onde a autoridade se imponha ao autoritarismo.

O autor em questão aponta ainda as qualidades que um treinador deve possuir para uma melhor condução do seu grupo e para a consecução dos objetivos previamente traçados. São elas:

- *Saber/Conhecimento*, pois é imperativo que domine os conhecimentos quer gerais quer específicos. Deve ter a perfeita noção dos objetivos a atingir, de forma a não ter dúvidas sobre quais os conhecimentos a transmitir;
- *Habilidade para ensinar*, tendo em conta a dicotomia que se pode fazer entre o saber e o saber ensinar. O último é um dos fatores essenciais, sem esta qualidade, segundo o autor, é impossível o treinador ter sucesso;
- *Qualidades próprias*, uma vez que o treinador deve ser entusiasta, atuar de acordo com a sua personalidade, de forma a ser a leal com o seu grupo; e
- *Criar clima de sucesso*, visto que tem por obrigação aumentar os índices de confiança dos seus atletas, no sentido de os ajudar a superarem-se constantemente.

Em suma, pode-se concluir que o treinador deve possuir um saber específico da modalidade, não podendo estagnar, assim como deve deter uma abrangência de saberes que interfiram com diferentes fatores condicionantes do rendimento desportivo, de forma a poder

potenciar as ajudas e minimizar as contrariedades. O treinador tem de ter a perfeita noção de que não existem dogmas, não podendo, deste modo, generalizar o que não é generalizável, pois em desporto cada caso é um caso e cada jogador ou contexto é diferente dos demais.

Sobre a questão da contextualização e ausências de dogmas no desporto, José Mourinho é perentório ao afirmar que “Tenho de conhecer os meus jogadores melhor que ninguém. Se existem alguns que no final do jogo lhes posso dizer que foram os melhores em campo, a outros isso é completamente impensável” (Mourinho, 2004).

1.3. A Importância do Processo Comunicativo entre treinador/jogador (es)

Comunicação é o “ato que o treinador utiliza para instruir, ou seja, para transmitir um conjunto de conhecimentos, ordens ou indicações.” (Santos, 2003, p. 34)

Tudo o que o Homem faz é comunicação, pois o processo comunicativo está inerente a qualquer aspeto do quotidiano, independentemente do que quer que se faça. Como tal, o treinador de sucesso também deve ser um bom comunicador, ou pelo menos, não negligenciar esta parte do ato de treinar. É impossível analisar a preleção de um treinador sem falar primeiro no fenómeno da comunicação.

Para Lima (2000, p. 66) a “comunicação pode estabelecer a diferença entre o êxito e o fracasso individual dos jogadores, entre a vitória e a derrota da equipa.” Por conseguinte, “muitas vezes, perante um mau resultado, o treinador analisa o jogo, à procura dos motivos e esquece que a grande razão do insucesso reside naquilo que não disse, naquilo que disse a mais, ou que disse fora de propósito...”.

Segundo Santos, Sequeira & Rodrigues (2012, p. 1) é importante que a comunicação em competição seja eficaz para o treinador conquistar a sua liderança perante o grupo de trabalho e para o jogador obter a motivação, autoconfiança e a autoestima necessárias a um ótimo rendimento. Independentemente do estilo de liderança, é importante o treinador dominar técnicas de comunicação para uma eficaz gestão do grupo/equipa. Ou seja, os “bons treinadores se são de sucesso, diferenciam-se dos restantes devido à sua capacidade de comunicação.”

Para Barroja (2005), uma vez que treinar é por excelência um processo de comunicação entre o treinador e os atletas, a relação entre ambos não se resume a uma simples transmissão e receção passiva de informação, estabelecendo-se uma interação recíproca complexa.

Na mesma perspetiva, Castelo (2002) defende que saber comunicar é a forma que o treinador desportivo tem para transmitir os seus conhecimentos, isto é, para tornar a sua competência técnico-desportiva acessível a todos os praticantes.

O processo comunicativo é algo dúbio e nem sempre tão linear como se possa pensar, pois a informação emitida nem sempre tem o retorno desejado pelo recetor. Como tal, quando o treinador comunica, tem de ter a noção que nem todos os recetores são idênticos, nem têm a mesma capacidade de perceção da informação, devendo desta forma, caso necessário, individualizar não somente o conteúdo, mas principalmente a forma com que emite determinadas informações. Para Mesquita (2005), a eficácia da comunicação depende de um conjunto de aspetos, tais como: desenvolver a capacidade de saber ouvir os jogadores, desenvolver a comunicação verbal e a comunicação não-verbal.

Sobre a importância da individualização do processo comunicativo e da sua assertividade, Hotz (1999) considera que os treinadores qualificados atuam com competência nos aspetos relacionados com a comunicação, recorrendo a informações individuais adequadas, de maneira convincente, no momento oportuno e com o doseamento certo.

Desta forma, Pina & Rodrigues (1994) salientam que é importante que o sistema de comunicação entre o treinador e os jogadores seja eficaz, pois a informação transmitida fornece indicações acerca da execução de ações técnico-táticas, o que influencia o rendimento individual e da equipa. Afirmção corroborada por Richheimer & Rodrigues (2000) que consideram que a «arte» de saber comunicar pode ter influência no rendimento do atleta de uma forma positiva ou negativa.

No mesmo contexto, Pacheco (2005, p. 115) refere que treinar é, na sua essência, um processo de comunicação e que a sua experiência lhe diz que “os grandes treinadores são fundamentalmente grandes comunicadores” e ainda que muitos dos casos de insucesso dos treinadores se deve, em grande parte, às dificuldades de comunicação com os atletas.

Já Barroja (2005) considera que treinar bem é o resultado de uma comunicação eficiente e que, muitas vezes, a ineficácia da comunicação é uma incapacidade de quem envia a mensagem.

A mesma autora refere que a comunicação utilizada pelo treinador é o instrumento mais importante na direção dos atletas, quer individual quer coletivamente. Conclui ainda que treinar é por excelência um processo de comunicação entre o treinador e o jogador, pelo que o modo como o treinador desportivo transmite os seus conhecimentos torna a sua competência técnico-desportiva acessível a todos os praticantes.

Apesar de Mesquita (2005) referir que nem sempre a melhor forma de comunicar com os jogadores é dizer-lhes o que se pensa, mas sim através da instrução na sua forma não-verbal, Santos (2003), no seu estudo, verificou que a forma de comunicação mais utilizada é a verbal, seguida da verbal-não verbal ou mista, e por último, a não-verbal.

De acordo com Santos (2003), a forma como o treinador estabelece o contacto com os seus atletas faz-se fundamentalmente através da comunicação verbal e não-verbal, no entanto a primeira é claramente mais utilizada e influenciadora do rendimento individual e coletivo.

Sobre este assunto, Pieron⁵ (1991) tem uma opinião totalmente diferente da de Santos, pois considera que cerca de 75% da informação que se recebe chega até nós de forma não-verbal. Deste modo, para Pieron, um dos principais segredos para o sucesso do treinador depende do controlo das mensagens não-verbais que envia aos atletas.

Santos (2003, p. 35) considera que é a comunicação entre treinador e jogador que permitirá ao primeiro a conquista e a definição da sua liderança e ao segundo a motivação, a autoestima e a autoconfiança necessárias para a obtenção de altos desempenhos, pelo que “o treinador que não for capaz de comunicar positivamente com os seus jogadores, independentemente do seu estilo de liderança, terá com certeza imensos conflitos, que dificultarão ou impedirão a concretização dos objetivos formulados.”

Um dos motivos pelos quais se torna imperativo uma comunicação eficaz na relação treinador/jogador é o facto de, segundo Cook⁶ (2001), os treinadores passarem maioritariamente o seu tempo a transmitir ordens, indicações ou informações aos seus

⁵ Pieron, M. (1991). *Una introducción a la terminología de la pedagogia deportiva*. Málaga: Unisport. In Barroja, E. (2005). Análise da instrução do treinador. Caracterização da informação transmitida pelo treinador na preleção inicial e do grau de retenção por parte dos atletas em situações de competição de Judo. Dissertação apresentada à Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa para a obtenção do grau de mestre, orientado pelo Professor Doutor António Fernando Boleto Rosado, Lisboa

⁶ Cook, M. (2001). *Dirección Y entrenamiento de equipos de fútbol*. Barcelona: Editorial Paidotribo. In Santos, A. (2003). Análise da instrução na competição em futebol. Estudo das expectativas e dos comportamentos de treinadores da 2ª Divisão B, na preleção de preparação e na competição. Dissertação apresentada à Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa para a obtenção do grau de mestre, orientado pelo Professor Doutor José de Jesus Fernandes Rodrigues, Lisboa

jogadores, caso contrário, a relação entre ambos poderá ser confusa e extremamente conflituosa, até porque, segundo Santos (2003), o treinador que não é capaz de comunicar eficazmente pode gerar conflitos com mais frequência com os seus atletas.

Barroja (2005) e Bolchover & Brady (2008) consideram imperativo que um treinador, para além dos conhecimentos relativos ao processo de treino, detenha conhecimentos relacionados com a transmissão e processamento da informação, sendo essencial a comunicação clara das instruções, salientando que as ideias mais complexas necessitam de ser transmitidas de uma forma sintética.

Sobre este assunto, Mesquita⁷ considera que na comunicação com os jogadores o treinador deve:

- “Aperfeiçoar a comunicação verbal, devendo preparar sempre o que pretende dizer aos jogadores, sem nunca esquecer que tem de ser claro e conciso”;
- “Desenvolver a capacidade de saber ouvir os seus jogadores, demonstrando interesse por eles, considerando o que eles pensam”;
- “Desenvolver a comunicação não-verbal. Por vezes, o treinador consegue captar mais depressa a atenção do jogador através de um gesto, tocando-o ou através de expressões faciais”;
- “Estimular a comunicação audiovisual. Os jogadores parecem entender melhor através de uma imagem, ou da reprodução audiovisual de uma ação, do que através da comunicação verbal.” (Pacheco, 2005, p. 114)

É um facto que inúmeros atletas não conseguem perceber a informação proferida pelo treinador, se esta for apenas de cariz verbal, sendo, em muitos casos, necessário que gestos acompanhem as palavras.

Sobre este assunto, Coelho (2004) refere que a maioria das pessoas aprende melhor quando segue um bom exemplo, do que através de palavras que lhe sejam ditas sobre a maneira certa de agir.

Neste sentido, Barroja (2005) considera que a demonstração em parceria com a explicação ocupam um papel essencial nas atividades desportivas, na medida em que fornecem ao jogador a visualização dos movimentos a realizar. O autor quer com isto dizer que o atleta não deve apenas fazer o que o treinador diz, como também o que o treinador faz,

⁷ Mesquita, I. (2005). *A Pedagogia do Treino. A formação em jogos desportivos coletivos*. Lisboa: Livros Horizonte In Pacheco, R. (2005). *Segredos de balneário*. Lisboa: Prime Books, p.114

não se aplicando neste caso a famosa frase que, muitos treinadores, à falta de mais argumentos, gostam tanto de proferir “faz o que eu digo e não faças o que eu faço...”

Para Cunha (1998) uma comunicação eficaz entre treinador e jogadores implica que o primeiro: comunique com entusiasmo, de uma forma clara, breve e objetiva; utilize informações simples e precisas; e procure assegurar que os jogadores compreendem as suas informações.

Pieron⁸ considera que uma transmissão de informação deve assegurar: informações eficazes e frequentes; informações de aprovação sempre que tal se justifique; indicações simples e precisas; pouca sobrecarga de informação; que os atletas compreendam as suas informações; e, por fim, indicações logo após a realização da tarefa.

Na mesma perspetiva, Barroja (2005) refere que a obtenção do êxito na realização das propostas do treinador passa pela adequada interpretação das informações do conteúdo, ou seja, só através do domínio dos conteúdos que se pretende transmitir, bem como da capacidade de comunicar de forma clara e precisa é que é possível garantir a qualidade da informação transmitida durante o processo de instrução.

No que concerne aos principais problemas inerentes ao processo comunicativo, Lima (2000) considera as seguintes premissas como as mais incapacitantes para um bom processo comunicativo:

- A forma como a mensagem é transmitida pode ter significados distintos daqueles que os treinadores pretendem ministrar, pois os atletas podem percecionam a realidade de forma distinta;
- O treinador tem de compatibilizar os objetivos individuais com os coletivos; e
- A falta de objetividade da comunicação pode ocorrer por a mensagem não ser completa e específica, ou seja, podem existir pormenores que não foram ditos, que são extremamente eficazes para a compreensão da mensagem na sua totalidade.

Por outro lado, Santos (2003) refere que existem erros comuns a muitos treinadores, salientando:

- A falta de organização e ordem da informação transmitida, o que dificulta a correta perceção da mesma pelos recetores;

⁸ Pieron, M. (1991). *Una introducción a la terminología de la pedagogia deportiva*. Málaga: Unisport In Pacheco, R. (2005). *Segredos de balneário*. Lisboa: Prime Books

- A inadequada preparação do emissor ou a própria incapacidade para comunicar, o que leva facilmente ao descontrolo da comunicação, confundindo-se toda a informação e/ou esquecendo-se da mensagem que se pretende atingir;
- A insuficiência de informação a ser transmitida pelos treinadores, pois pode interferir significativamente no rendimento, uma vez que irá contribuir para uma menor capacidade cognitiva do jogador, na perspetiva de uma resolução das diferentes situações de jogo;
- A incoerência da informação comunicada pelo emissor, dado que provoca o desinteresse do recetor, podendo promover conflitos, devido ao facto de o emissor falar algo que não corresponde ao que faz.

No que diz respeito à comunicação da informação, Lima (2000, p.67) distingue três tipos:

- “*Indicação direta*, que representa a instrução que o treinador fornece logo após a observação que realiza, com vista a informar o seu jogador o que fazer e como fazer.”
- “*Preleção*, que poderá ser utilizada para preparar a equipa para a competição ou analisar a competição já realizada. Pretende envolver toda a equipa, com o intuito da mesma dominar um conjunto de fundamentos previamente definidos pelo treinador.”
- “*Demonstração*, uma técnica utilizada para demonstrar aos jogadores o que o treinador quer que eles façam. Pode ser realizada diretamente, por ele próprio ou por um jogador, ou indiretamente através da análise de vídeo.”

Em suma, no que concerne à prática desportiva, “a comunicação também é um fator determinante para a obtenção do sucesso, sendo mesmo vital na relação treinador/jogadores, mas o facto, é que é inúmeras vezes negligenciada pelos treinadores.” Este fator torna, por exemplo, “os *feedbacks* muitas vezes impercetíveis e na grande maioria dos casos, quando existe problemas ao nível da comunicação, faz com que esses mesmos *feedbacks* não atinjam nem o objetivo, nem o alvo pretendido.”

Sobre este assunto, Barroja (2005) sintetiza de uma forma objetiva que a comunicação entre treinador e atleta é a chave do sucesso do processo desportivo, em situação de treino e competição, sendo através do sistema de comunicação estabelecido entre estes dois

intervenientes que irá depender, em grande parte, o rendimento dos atletas, sendo por isso algo que o primeiro jamais pode descurar.

Ao interiorizar-se o que os autores de referência supramencionados referem nos seus estudos, afere-se que a relação entre o treinador e os atletas é uma das chaves do sucesso desportivo na competição, pois para a maioria deles é através do sistema de comunicação entre estes dois intervenientes que irá depender em grande parte o rendimento dos atletas e das equipas.

No entanto, é um facto que inúmeros treinadores descuram o processo comunicativo, não só nas suas preleções, como também diariamente nos treinos com os seus jogadores.

Por esse motivo, uma das formas de combaterem esta «falha», muitas vezes impercetível, mas que na realidade existe, é tentarem interiorizar de uma vez por todas que o aspeto comunicativo está cada vez mais inerente ao processo de formação do treinador como um todo. Como tal os treinadores têm a obrigação de perceber que ao descurar este processo, estão eles próprios, a minar o seu caminho, tornando ainda mais difícil a obtenção do sucesso.

1.4. Preleção. Definição e componentes fundamentais

A preleção é um termo que as diferentes modalidades desportivas coletivas utilizam para definir o momento em que o treinador tem a sua intervenção de carácter teórico/prático sobre a sua equipa nos momentos que antecedem a competição oficial.

Apesar de, como foi dito anteriormente, tudo ser comunicação, na prática desportiva, existe um momento em que essa mesma comunicação tem um papel preponderante para a execução dos objetivos traçados. Este momento, a preleção, é o último em que o treinador revela aos jogadores o que pretende, sendo uma das principais competências que um treinador deve possuir, até porque, esta informação pode ser crucial para o desfecho do jogo, seja ela sobre observações ou análises da equipa adversária, prescrição de estratégias coletivas ou individuais, ou simplesmente motivação (Pina, 1998).

Mesquita (1997) considera que para além de ter um carácter eminentemente pedagógico, a preleção ocorre sobretudo num processo comunicativo, no qual a capacidade de transmissão de informação é determinada sobretudo na qualidade e pertinência dessa mesma informação, tornando-se óbvio que a forma como a instrução é realizada interfere na interpretação dos recetores.

De acordo com Peseiro⁹, “o treinador durante a preleção deverá promover na sua equipa sentimentos de segurança, força, de decisão, certezas, autonomia, autorresponsabilidade, tranquilidade, resistência à ansiedade e à adversidade (Santos, 2003, p.47).

O mesmo autor refere ainda, que os treinadores mais experientes conseguem adequar a preleção em função do estado de espírito da equipa, uma vez que não existem dogmas, pois esta varia consoante o contexto e os seus atores. Por exemplo, quando a mesma está apática, o treinador experiente deve falar mais energicamente, enquanto o menos experiente é normal alongar-se, misturar conteúdos e ter dificuldade em dosear a transmissão, tornando assim, “a preleção cansativa, enfadonha e muito pouco objetiva.” (Santos, 2003, p. 47)

Já Lima (2000) é da opinião de que este momento é como uma revisão da matéria para a realização de um exame, com vista à obtenção da nota máxima.

Porém, Santos (2003) salienta ainda a preleção como um ritual em dia de jogo, sendo o seu principal objetivo a preparação mental dos jogadores para a competição, revestindo-se de um carácter cognitivo e afetivo.

No entanto, mesmo sendo um ritual, Houlier & Crevoisier¹⁰ consideram que “apesar de ser uma rotina, jamais deverá ser banalizada, já que a reunião que antecede a entrada da equipa em competição constitui para os jogadores um momento de grande importância.” (Pacheco, 2005, p. 134)

No mesmo sentido, Nerin¹¹ nota que este momento deverá “procurar induzir um efeito motivacional, essencialmente sobre os domínios estratégico-tático e psicológico, através de uma dinâmica de confiança/estimulação com o objetivo de mobilizar ao máximo os recursos dos jogadores na obtenção da melhor performance desportiva” (Pacheco, 2005, p. 107).

⁹ Peseiro, J. (1998). Futebol I e II. Sebenta de apoio ao Curso de Treino Desportivo em Alto Rendimento da Escola Superior de Desporto de Rio Maior do Instituto politécnico de Santarém, Rio Maior. In Santos, A. (2003). Análise da instrução na competição em futebol. Estudo das expectativas e dos comportamentos de treinadores da 2ª Divisão B, na preleção de preparação e na competição. Dissertação apresentada à Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa para a obtenção do grau de mestre, orientado pelo Doutor José de Jesus Fernandes Rodrigues, Lisboa, p. 47

¹⁰ Houlier & Crevoisier (1993) *Entraîneur competence et passion, les détails qui font gagner*. Canal Éditions In Pacheco, R. (2005). Segredos de balneário. Lisboa: Prime Books, p. 134

¹¹ Nerin (1986) *Le discours d'avant match en sports collectifs. Déterminants et contenu. L'exemple du Volley, du Basketball, du Handball et du rugby*. Mémoire pour le diplôme de L'institut National du sport et L'Education Physique, Paris. In Pacheco, R. (2005). Segredos de balneário. Lisboa: Prime Books, p. 107

Já Castelo¹² considera que na preleção pretende-se recapitular não só os comportamentos tático-estratégicos individuais e coletivos, como também as características táticas, técnicas, físicas e psicológicas da equipa adversária, sendo o principal objetivo dissecar ao máximo as especificidades da equipa adversária. Facto corroborado por Neto (2004) que afirma que nas suas preleções define sempre situações-tipo do adversário, isto é, aquelas jogadas que normalmente ensaiam, que são estudadas.

Esta opinião é confirmada por Pina & Rodrigues (1997) que apontam a preleção como o momento que foca essencialmente as particularidades da equipa adversária, as soluções estratégico-táticas e ainda a vertente psicológica.

Valdano¹³ é perentório sobre o que se deve, ou melhor, sobre o que não se deve evocar em demasia numa preleção. Assim, “os treinadores que passam o tempo a falar de luta, garra e coragem são os que têm pouco para ensinar”, ou seja, segundo o treinador, não basta apelar ao espírito de sacrifício, é fundamental, que o treinador prescreva os comportamentos que os seus atletas têm que adotar em campo, com o intuito de estarem cada vez mais perto do objetivos preconizados. (Pacheco, 2005, p. 136)

Nerin¹⁴ (1986) conclui que a maioria dos treinadores atribui muita importância à preleção, pois considera que este é um momento que tem uma influência direta nos diferentes fatores de rendimento, até porque “durante o jogo, o treinador tem mais dificuldades em mudar os comportamentos individuais e coletivos dos jogadores.” (Santos, 2003, p. 134)

Para Peseiro¹⁵ (1998) esta união apenas é possível se todos os seus participantes tiverem a plena consciência das diferentes missões, quer individuais, quer coletivas. O mesmo autor considera ainda que esta reunião não deve ter um carácter rígido, formal e muito menos

¹² Castelo (2000). Reunião de preparação para o jogo. *Training*, 3;24-29. In Santos, A. (2003). Análise da instrução na competição em futebol. Estudo das expectativas e dos comportamentos de treinadores da 2ª Divisão B, na preleção de preparação e na competição. Dissertação apresentada à Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa para a obtenção do grau de mestre, orientado pelo Doutor José de Jesus Fernandes Rodrigues, Lisboa

¹³ Jorge Valdano em entrevista em 2002 enquanto Diretor Desportivo do Real Madrid. Recolhida por Pacheco, R. (2005). Segredos de balneário. Lisboa: Prime Books, p.136

¹⁴ Nerin (1986) *Le discours d'avant match en sports collectifs. Déterminants et contenu. L'exemple du Volley, du Basketball, du Handball et du rugby*. Mémoire pour le diplôme de L'institut National du sport et L'Education Physique, Paris. In Santos, A. (2003). Análise da instrução na competição em futebol. Estudo das expectativas e dos comportamentos de treinadores da 2ª Divisão B, na preleção de preparação e na competição. Dissertação apresentada à Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa para a obtenção do grau de mestre, orientado pelo Doutor José de Jesus Fernandes Rodrigues, Lisboa, p., 134

¹⁵ Peseiro, J. (1998). Futebol I e II. Sebenta de apoio ao Curso de Treino Desportivo em Alto Rendimento da Escola Superior de Desporto de Rio Maior do Instituto politécnico de Santarém, Rio Maior. In Pacheco, R. (2005). Segredos de balneário. Lisboa: Prime Books

solene, ou seja, deve ser dirigida de uma forma que os jogadores a sintam como mais uma componente da preparação para a competição e não como algo extraordinário.

Neste contexto, Castelo (2009, p. 566) denota que “a reunião de preparação para o jogo constitui-se como uma etapa fundamental de importância vital para a eficácia da planificação estratégica da equipa e encerra o ciclo de preparação para o confronto competitivo.” Esta reunião deverá ter “um carácter, fundamentalmente, teórico versando aspetos técnicos, táticos, psicológicos e organizativos, respeitantes às duas equipas em confronto.”

O mesmo autor realça que “esta reunião constitui-se como mais um elemento chave no processo de preparação da equipa para o jogo, na qual o treinador intervém, pela última vez, de forma sistemática antes da competição.” Por isso, é “fundamental encontrar as ideias e as palavras certas ao momento.” Assim sendo, “a reunião de preparação para o jogo contribui substancialmente para a participação consciente, sobre o entendimento, clarificação e sistematização da direção-geral do jogo da equipa e das missões táticas individuais atribuídas aos diferentes jogadores em particular.” (p. 566)

Santos (2003, p. 40) em jeito de conclusão salienta ainda que a elevada importância dada à preleção “deve muito ao facto de ser um momento de congregação dos objetivos, ideias, pensamentos e expectativas de todos os jogadores em função de um objetivo de equipa,” ou seja, é neste momento que se dá a última congregação do grupo, que vai permitir que o mesmo se mantenha unido ao longo da competição.

Por outro lado, Castelo (2009) é da opinião de que é extremamente importante que exista uma individualização das preleções tendo em conta os contextos em que se está inserido. Por isso, o autor é contra as posições dogmáticas que conferem o mesmo tipo de preleção aos mais diversos intervenientes ou contextos, até porque “a utilização de um modelo estereotipado e imutável irá contribuir para a concretização de um objetivo inverso ao pretendido.” Esta premissa é ilustrada pelo facto de “duas reuniões absolutamente idênticas com o mesmo grupo de jogadores, realizadas com um certo intervalo de tempo, têm efeitos diferentes.” (Castelo, 2009, p. 571)

1.4.1. Objetivos da Preleção

Teodorescu¹⁶ considera que a preleção deve cumprir como objetivos:

- “Compreender de uma forma precisa, a maneira como os jogadores deverão aplicar o plano estratégico-tático previamente elaborado.”
- “Precisar de forma conclusiva as diferentes missões táticas a desempenhar dentro do plano estratégico-tático da equipa.”
- “Contribuir para ultrapassar um eventual excesso de ansiedade e para o estabelecimento no seio da equipa de um sentimento positivo.”
- “Relembrar as particularidades do adversário, sem as sobrestimar nem as subestimar.”
- “Estabelecer medidas e formas como os jogadores deverão atuar, no caso de conseguirem uma vantagem ou uma desvantagem sobre o adversário durante o jogo.”
- “Contribuir para estimular as componentes morais e volitivas.” (Pacheco, 2005, p. 135)

Do ponto de vista de Castelo (2009, p. 566) a reunião de preparação para o jogo tem como objetivos:

- “*Precisar* de forma conclusiva as diferentes missões táticas individuais e a forma segundo a qual os jogadores irão colaborar com os seus companheiros, que têm missões táticas especiais a cumprir.”
- “*Contribuir* para ultrapassar o estado emotivo e para o estabelecimento no seio da equipa de um sentimento positivo eliminando, neste âmbito, influências perturbadoras.”
- “*Fazer a Apreciação* final das características e, das potencialidades dos adversários, sem as sobrestimar nem as subestimar. “
- “*Estimular* as componentes volitivas e morais.”
- “*Desenvolver* algumas medidas que prevejam situações para o caso de se conseguir uma vantagem ou, pelo contrário, uma desvantagem durante o jogo.”

¹⁶ Teodorescu (1984) *Problemas da teoria e metodologia nos jogos desportivos*. Lisboa: Libros Horizonte. In Pacheco, R. (2005). *Segredos de balneário*. Lisboa: Prime Books, p. 135

- “Melhorar o nível de preparação teórica dos jogadores para esse jogo, em especial e, para os jogos seguintes, em geral.”

Santos (2003) refere ainda que o treinador deve estimular e educar as componentes morais dos jogadores para que respeitem todos os intervenientes na competição. No entanto, um dos objetivos principais da preleção deve ser preparar a equipa para possíveis surpresas e/ou contrariedades verificadas durante a competição, como por exemplo, lesões, expulsões, golos sofridos ou marcado, etc.

1.4.2. Recursos Humanos

Teodorescu¹⁷ considera que na preleção, com exceção de casos extraordinários, apenas devem participar os jogadores, o treinador, o médico e o diretor responsável.

Por outro lado, Castelo (2000) considera que apenas os jogadores convocados e equipa técnica deverão estar presentes neste momento de união de grupo, sendo normal que os jogadores também possam ter uma participação ativa na mesma.

No entanto, Mourinho sobre este assunto é sintomático e revela: “estou dois dias a falar sobre o jogo, por isso, considero que não tenho muito para falar antes do jogo. Sou breve e deixo os jogadores falarem” (Mourinho, 2004).

Já na opinião de Santos (2003) a preleção deverá sempre ser conduzida pelo treinador principal podendo ser, em alguns aspetos mais específicos, coadjuvado pelos seus colaboradores.

Neste sentido, Castelo (2009, p. 567) considera que "durante a realização da reunião dever-se-ão utilizar quadros ou maquetas do campo de jogo com peças móveis (que representam jogadores), para que seja possível uma fácil, clara e orientada perceção dos elementos da equipa, sobre a exposição do treinador.”

1.4.3. Duração da preleção

Existem diferentes opiniões acerca da duração das reuniões de preparação para o jogo e a verdade é que cada treinador tem a sua convicção, mas também não é menos verdade que os treinadores devem saber adotar, não só o tipo de preleção, como também a duração da

¹⁷ Idem, Idem, p. 141

mesma ao núcleo de jogadores que tem ao seu dispor. Uma vez mais, é extremamente importante perceber em que contexto está inserido e qual a capacidade máxima de retenção de informação por parte dos atletas que compõem a sua equipa.

Em entrevista, Capello¹⁸ afirma que fala pouco, “pois é preciso manter os jogadores concentrados” (Pacheco, 2005, p. 144).

Noutro sentido, Teodorescu¹⁹ considera que a duração da preleção deverá ser de sensivelmente 60 minutos.

Já Castelo²⁰ é da opinião que no máximo não deverá durar mais de 45 minutos, enquanto que Houlier & Crevoisier²¹ contrapõem dizendo que não deve ultrapassar os 20 minutos e que os treinadores de topo, e mais experientes, a realizam em 10 minutos. No mesmo sentido, Lima (2000) considera os 15 minutos como ideal, sendo vital, que a informação seja breve, concisa e focada.

Castelo (2009, p. 569) diseca em oito pontos a preleção, tendo em conta o tempo que cada treinador, obviamente inserido no seu contexto, deve incidir em cada aspeto do jogo, sendo eles:

1 - *Curta introdução* - entre 2 a 3 minutos -, na qual fará comentários acerca da importância do jogo dentro do contexto competitivo em que a equipa está inserida.

2 - *Caracterização do árbitro do encontro* - entre 2 a 3 minutos -, no que diz respeito à sua forma pessoal de interpretar as leis do jogo; como reage às situações de indisciplina dos jogadores; e quais os seus hábitos nos julgamentos das situações mais vantajosas do jogo.

3 - *Caraterização sucinta da equipa adversária* - entre 3 e 4 minutos -, focando as suas particularidades positivas e negativas, no plano individual e coletivo, apresentando o modo como pressupõe que este atuará.

4 - *Transmissão do plano estratégico* concebido para a própria equipa - entre 4 e 5 minutos -, precisando de forma segura: (a) o sistema de jogo a utilizar; (b) a constituição da equipa, com a indicação dos jogadores; (c) a distribuição das missões táticas gerais e específicas; (d) a organização do processo ofensivo e defensivo; e, (e) a resolução das situações de bola parada, com os esquemas táticos e a consequente indicação dos jogadores com a responsabilidade de os executar.

¹⁸ Idem, Idem, p. 144

¹⁹ Idem, Idem, p. 143

²⁰ Castelo (2000). Reunião de preparação para o jogo. *Training*. 3;24-29. Idem, p. 143

²¹ Idem, Idem, p. 144

5 – *Comparação das equipas* no plano teórico - entre 3 a 4 minutos.

6 - *Breve previsão* das diferentes hipóteses respeitantes ao comportamento da equipa adversária - entre 2 a 3 minutos -, perante um quadro situacional vantajoso ou desvantajoso, demonstrando como a própria equipa deverá atuar para contrastar com essas modificações.

7 – *Definição dos jogadores suplentes e passagem da palavra aos jogadores* - entre 3 a 4 minutos -, para se efetuarem precisões sobre as missões táticas gerais e específicas.

8 – *No último momento*, o treinador *insistirá* nas atitudes e comportamentos tático/técnicos fundamentais para fazer face à equipa adversária - entre 2 a 3 minutos - mobilizando fortemente a vontade dos jogadores, a sua combatividade, disciplina e organização, fazendo prevalecer o otimismo e a crença de se conquistar um resultado consentâneo com os objetivos estabelecidos. Este último aspeto deverá ser lembrado pelo treinador através de frases sucintas, claras, audíveis e enérgicas, momentos antes de a equipa entrar para o terreno de jogo.

1.4.4. Momento de realização

Pacheco (2005) cita vários autores com opiniões distintas sobre este tema. Entre os diversos autores, salientam-se os seguintes cinco:

Gomelski²² considera que a reunião deverá ser feita duas ou três horas antes do início do jogo, pois os jogadores necessitam de tempo para interiorizarem o que lhes foi explicado.

Para Castelo (2009, p. 567) “a preleção deverá ser realizada entre as 24h e as duas horas antes do jogo, mediante o contexto em que o jogo está inserido e o grau de concentração dos jogadores.”

No entender de Houlier & Crevoisier²³ a preleção deverá ocorrer “na manhã ou na tarde que antecede o jogo, podendo ser repartida por duas ou três vezes, no sentido de transmitir a informação necessária ao desenvolvimento do jogo.” (Pacheco, 2005, p. 147)

Já na opinião de Cook²⁴, o ideal é ser feita duas horas antes da competição, pois se for muito próxima da hora do jogo, a sua perceção por parte dos jogadores vai ser influenciada pela tensão nervosa a que estão sujeitos.

²² Gomelsky, A. (1990). *Baloncesto – La direccion del equipo*. Editorial hispano europea, S.A. Barcelona. In Pacheco, R. (2005). *Segredos de balneário*. Lisboa: Prime Books, p. 145

²³ Idem, Idem, p. 147

²⁴ Idem, Idem, p.146

1.4.5. Local de realização

De acordo com Castelo²⁵ a “reunião de preparação deverá ser levada a efeito num local apropriado, calmo e agradável [...], durante a qual os jogadores estejam isolados, sem se preocuparem com outras atividades” (Pacheco, 2005, p. 167).

Houlier & Crevoisier²⁶, consideram que os jogadores devem estar próximos uns dos outros, de modo a permitir uma boa visibilidade do quadro ou da maqueta do campo do jogo e num ambiente acolhedor para os membros da equipa.

1.4.6. Fundamentos organizativos

Cada treinador tem diferentes perspetivas sobre o que vai explorar na sua preleção. A verdade é que não podem existir dogmas, não se pode generalizar, pois cada momento é único e merece uma atenção especial. Como tal, os aspetos a organizar para comunicar aos jogadores são diferentes de treinador para treinador e variam consoante diferentes fatores.

Pacheco (2005) enuncia os seguintes fatores que influenciam a preleção do treinador:

- *Local de realização do jogo*, pois o discurso é diferente se for em casa ou fora.
- *Qualidade da equipa adversária*, com os seus pontos fortes e fracos.
- *Expetativas e os julgamentos dos dirigentes sobre a equipa*, ou seja, quando os dirigentes criticam os jogadores é usual que os treinadores façam os tão famosos *Mind Games* com os jogadores e lhes digam, por exemplo, “vocês sabem que eles vos consideram uma nulidade, mas vamos demonstrar-lhes o vosso valor”, de forma a espicaçá-los ao máximo.
- *Imprensa desportiva*, que é atualmente muito explorado, pois a intervenção dos treinadores é a melhor forma de conseguir que os jogadores se consigam superar. José Mourinho, por exemplo, costuma colocar recortes de jornais nos balneários, para surtir o efeito desejado nos jogadores.

No que concerne à metodologia da reunião de preparação para o jogo, Castelo (2009, p. 568) considera, à partida, duas vertentes essenciais:

²⁵ Idem, Idem, p. 167

²⁶ Idem. Idem, p. 140

- *Organizativa*, onde o treinador deve dedicar os primeiros minutos - entre 2 a 4 minutos - da reunião para abordar aspetos ligados, nomeadamente, à hora e local de partida do jogo, ao meio de transporte e a outras informações referentes ao jogo. Neste período deve também convidar igualmente os jogadores a pronunciarem-se ou a pedirem esclarecimentos suplementares, se for caso disso.
- *Estratégica/tática*, em que o treinador deve solicitar a concentração dos jogadores, encontrando sempre as palavras e o tom mais adequado, para transmitir as suas convicções de forma clara. Neste contexto, o treinador deve, de forma metódica e sistematizada, dirigir o pensamento dos seus jogadores, influenciando positivamente no seu comportamento, convencendo-os com argumentos válidos.

1.5. Aspetos suplementares a utilizar na preleção

Para uma melhor condução da preleção, Castelo (2009, p.572) recomenda um leque de sugestões, sendo elas:

- “Recorrer à utilização do vídeo, de programas informáticos para PC e do data-show como meio de apoio, no sentido de facilitar a transmissão da informação dos treinadores aos jogadores.”
- “Afixar nas paredes do balneário maquetas do campo de jogo indicadoras das posições/funções a desempenhar pelos jogadores no desenvolvimento dos esquemas táticos ofensivos e defensivos.”
- “Ter conhecimento das características das equipas adversárias, o que passa pela consulta das páginas da Internet dos clubes a defrontar.”
- “Optar por fazer reuniões parciais por setores (defesas, médios, avançados...)”, caso seja necessário, segundo a avaliação do treinador.
- Dividir a reunião “em duas ou três sessões de curta duração [...], tratando cada uma delas temas específicos (equipa adversária - véspera do jogo, plano tático-estratégico – manhã do jogo e esquemas táticos – antes do jogo) de modo a não sobrecarregar os jogadores com demasiada informação antes do jogo.”

1.6-Estudos sobre a organização do Conhecimento Tático

De acordo com o estudo de Sousa (2006), a organização do conhecimento depende da memória, do tipo de conhecimento – declarativo ou processual – (que será exposto no item seguinte), das emoções e das imagens mentais.

Em relação à memória, Godinho, Mendes, Melo & Barreiros (1999)²⁷ definem-na como a faculdade de separar e organizar as informações dos estímulos recebidos, permitindo evocar e reconhecer experiências passadas e confrontá-las com as mais recentes.

Entre as várias definições e perspetivas da memória, Oliveira (2004) distingue memória explícita de memória implícita. A primeira, também designada por declarativa, está relacionada com a aprendizagem associada à experiência e às recordações dos acontecimentos, podendo ser dividida em memória a curto prazo – onde se inclui a memória operacional, que depende da atenção e do interesse - e memória a longo prazo – dividida em memória episódica, que contextualiza os acontecimentos, e semântica, que permite ter o conhecimento através de ideias, relação de ideias e associações. Quanto à memória implícita, ou processual, está associada com a aprendizagem do “como fazer”, como proceder perante determinada situação, sendo distinguida entre memória a curto prazo – que engloba a memória sensorial, derivada de informações que provêm dos órgãos sensoriais, e a memória de representação perceptual, relativa à perceção – e memória de longo prazo – onde se encontra a memória procedimental, relacionada com as competências adquiridas e permite agir adequadamente perante determinada situação (Schachter, 1987; Oliveira, 2004).

Ainda sobre a memória, Oliveira (2004) salienta a importância da sua recuperação no contexto de ensino/aprendizagem e treino, uma vez que depende não só da forma como foi estimulada a aprendizagem, como também como são requisitadas no momento da recuperação, que deve surgir em tempos, espaços e contextos similares.

No que diz respeito às emoções, Damásio (2003) defende que a emoção é um conjunto de respostas químicas e neurais padronizadas a um estímulo, que apesar de serem automáticas dependem da experiência e vivência pessoal de cada indivíduo.

²⁷ Godinho, M., Mendes, R., Melo, F. & Barreiros, J. (1999). *Controlo motor e aprendizagem: Fundamentos e aplicações*. Lisboa: FMH. In Cid, L. (2006). O processamento de informação e a cognição social. A nossa construção da Realidade. *Revista Digital Efdeportes*. Ano 10, Nº9.

Neste sentido, Oliveira (2004) refere que elas estão relacionadas com as perceções, tomadas de decisão, raciocínios, aprendizagens, processos de memorização, conhecimentos adquiridos, relações de interação social e interpessoais e com o estado de espírito.

Por conseguinte, a aprendizagem durante o treino deve ser associada a emoções e sentimentos que facilitem tanto a tomada de decisões como a implementação das ideias de jogo (Sousa, 2006).

Já no que concerne às imagens mentais, Damásio (2003) salienta que são elaboradas no cérebro após a interação dos órgãos sensoriais com o ambiente. Assim, a forma como cada um «sente» um determinado estímulo cria memórias, experiências e conhecimento, que dependem da forma como é percecionada e interpretada a realidade.

Deste modo, a forma como cada jogador atua depende das imagens mentais criadas ao longo da sua vida, que advêm do conjunto de memórias, experiências e conhecimentos que foram vivenciados e adquiridos.

1.6.1. Conhecimento Tático Declarativo e Processual

No contexto desportivo, este conhecimento pode ser classificado em declarativo ou processual, consoante este esteja relacionado com o “saber o que fazer”, que deve ser transmitido por palavras, uma vez que está relacionado com a memória explícita, ou o “saber executar”, que deve explicado por ações, pois está associado à memória implícita (Oliveira, 2004).

O conhecimento declarativo representa a capacidade de relacionar conceitos e, sob o ponto de vista tático, refere-se ao conhecimento dos jogadores no que diz respeito aos regulamentos da modalidade, às suas posições e às estratégias de defesa e ataque.

Assim sendo, quando maior for o conhecimento declarativo dos jogadores melhor será o seu desempenho, uma vez que aumentam o número de possibilidades de associar, interpretar e decidir, sendo favorecida a compreensão do jogo e tornando as soluções mais criativas (Oliveira, 2004).

Por outro lado, o conhecimento tático processual é mais complexo, uma vez que é mais do que interpretar ações, é a capacidade de as desenvolver recorrendo às capacidades motoras, que aumentam com a prática, passando a ser realizadas de forma automática (Giacomini et al, 2011).

Este tipo de conhecimento recorre à memória implícita e, no contexto de jogo, em que não há muito tempo para pensar, as decisões são tomadas de acordo com este conhecimento e com a memória a ele associada. Estas decisões são habitualmente designadas por hábitos ou automatismos, pois foram criadas através das experiências, conscientes e inconscientes, que foram preservadas na memória e são invocadas sempre que é necessário decidir e reagir perante as situações (Oliveira, 2004).

O mesmo autor defende ainda que para melhor perceber a passagem do conhecimento declarativo para o conhecimento processual, este pode distinguir-se, de acordo com a sua proveniência, entre aquele que advém dos padrões de jogo ou da realização de ações técnicas. Quando provém dos padrões de jogo está relacionado com hábitos adquiridos que passaram dos processos conscientes para os não conscientes, dependendo, assim, da quantidade de padrões reconhecidos, da sua complexidade e das relações entre eles, mas também do nível de interpretação e compreensão do jogador. Quanto ao conhecimento processual relacionado com as ações técnicas, refere-se à capacidade técnica que permite a execução da tarefa após a decisão tomada²⁸. Esta capacidade está dependente das imagens mentais criadas através da experiência, que se tornam conhecimentos não conscientes e se adaptam às várias situações de jogo.

O processo de passar do conhecimento tático declarativo para o processual envolve a compilação de conhecimentos e, segundo Anderson (1982), designa-se por procedimentalização. Este processo está diretamente relacionado com a experiência adquirida através da tríade ensino-aprendizagem-treino, dado que após procedimentalizar um conhecimento é possível iniciar novo processo de aprendizagem, fortalecendo todo o conhecimento do atleta. Assim, aumenta a capacidade de tomada de decisões inteligentes e criativas, e por conseguinte, melhora o seu desempenho.

No mesmo sentido, Matias & Greco (2010) referem que, numa primeira fase de aprendizagem, o atleta adquire regras e conceitos de forma consciente, desenvolvendo, assim, um conhecimento declarativo. A partir daí, este conhecimento é apreendido sob a forma de regras e procedimentos tornando-se processual. Deste modo, é expectável que atletas mais experientes possuam maior conhecimento tático declarativo e processual.

A comprovar esta perceção teórica, vários estudos mostram que o conhecimento declarativo é influenciado pelo nível de experiência dos jogadores.

²⁸ Note-se que, em jogadores principiantes este conhecimento é ainda declarativo, dado que faltam conhecimentos técnicos conscientes (Oliveira, 2004).

Ferreira (1999) realizou um estudo comparativo entre o nível de conhecimento tático declarativo entre 205 jogadores de futebol federados e 72 não federados e entre federados de elevado nível e nível reduzido de rendimento. Para tal, elaborou um protocolo de avaliação com imagens de ações técnico-táticas ofensivas, concluindo que, não só os praticantes federados possuíam maior conhecimento declarativo do que os não federados, como também os federados de elevado rendimento demonstraram maior conhecimento declarativo do que os federados de nível reduzido. Para além disso, apesar das imagens serem de ações ofensivas, os atletas ofensivos não demonstraram possuir maior conhecimento declarativo que os restantes atletas.

Utilizando o mesmo protocolo, Miragaia (2011) desenvolveu um estudo com 36 jogadores de futebol da 1ª e 2ª liga e divisão “b” de Portugal e concluiu que os jogadores que disputam competições de nível mais elevado têm melhor capacidade de decisão do que os jogadores que disputam competições de nível inferior.

Ainda neste contexto, Giacomini, Silva & Greco (2011) aplicaram o mesmo protocolo a 221 jogadores de futebol - 80 da categoria sub-14, 79 da categoria sub-15 e 72 da categoria sub-17 – e concluíram que os jogadores da categoria sub-14 demonstraram menores conhecimentos táticos declarativos que os das restantes categorias, que entre elas não apresentaram diferenças, o que sugere que a partir dos 15 anos o conhecimento já adquiriu características processuais quando o atleta é submetido a um treino sistematizado e constante ao longo dos anos. Ainda neste estudo, não houve diferenças no conhecimento tático declarativo entre jogadores que ocupavam diferentes posições no campo.

No que diz respeito ao conhecimento tático processual, Giacomini & Greco (2008) compararam este conhecimento em 221 jogadores de futebol de diferentes categorias e posições aplicando o parâmetro tático “oferecer-se e orientar-se” do teste KORA – Avaliação Orientada através do Conceito dos Peritos – desenvolvido por Memmet (2002). Deste estudo concluíram que os atletas da categoria sub-17 possuíam melhores resultados tanto no pensamento convergente – ou inteligência de jogo - como divergente – relacionado com a criatividade tática - em relação às categorias inferiores, havendo um decréscimo de conhecimento de categoria para categoria, ou seja, os atletas sub-17 tinham maior, seguidos dos atletas sub-15 e, por fim, os sub-14. Quanto à posição específica do jogador no campo, verificou-se que nas manifestações de pensamento convergente apenas diferiram para os guarda-redes, facto justificado pelo teste estar relacionado com o jogo com os pés, já para o pensamento divergente, além das diferenças entre guarda-redes e restantes jogadores, também

houve diferenças entre defesas-centrais e médios, dado que jogam numa zona onde a simplificação é normalmente a melhor solução, utilizando por isso pouco pensamento divergente.

Em suma, Oliveira (2004) considera que, apesar de se distinguir os dois tipos de conhecimento, é a interação entre os dois que permite a sua melhoria mútua e a aquisição de um conhecimento específico, importante para a realização da tarefa com êxito.

1.6.2. Importância dos Processos Cognitivos para o Conhecimento Tático

Na prática de um jogo desportivo coletivo, os jogadores são constantemente confrontados com a necessidade de resolver os problemas que vão surgindo, dependendo esta resolução dos seus conhecimentos específicos e da interação da sua experiência e vivência com a dos restantes jogadores (Oliveira, 2004).

Este conhecimento específico está relacionado, por um lado com a cultura tática do jogo, mais abrangente, que permite entender e opinar sobre o que pode ser feito, e por outro lado com uma auto e hetero-interpretação do projeto do jogo, mais específico e que favorece a evolução, coletiva e individual, através da interação entre os jogadores (Garganta & Oliveira, 1996; Matias & Greco, 2010).

Esta auto e hetero-interpretação do projeto de jogo depende da interpretação que os jogadores fazem da exposição e das ideias que o treinador transmite, sendo considerado um conhecimento principalmente processual que passou por uma fase declarativa (Oliveira, 2004).

Os jogos desportivos coletivos, em particular os de alta estratégia, como o futebol, o futsal, o voleibol, o basquetebol, o andebol e o polo aquático caracterizam-se pela sua imprevisibilidade e variabilidade de comportamentos e ações. Por esse motivo, analisar a dimensão estratégico-tática neste contexto coletivo é muito importante (Garganta & Oliveira, 1996; Matias & Greco, 2010).

A esta imprevisibilidade, Oliveira (2004) salienta a aleatoriedade e a sensibilidade às condições iniciais como características dos jogos, em particular de futebol, visto ser este o seu objeto de estudo. No que concerne à imprevisibilidade, mostra que as várias situações de jogo podem ser resolvidas através de soluções diversas, consoante os conhecimentos específicos e a interpretação que o jogador faz da situação e modelos de referência individual e coletivo que construiu. Quanto à aleatoriedade, o autor refere que esta mostra o carácter arbitrário e não

linear das várias situações do jogo. Já a sensibilidade às condições iniciais dizem respeito às ações dos jogadores de acordo com as ocorrências durante o jogo (Oliveira, 2004).

Neste sentido, e atendendo a estas características, a preparação dos jogos desportivos coletivos depende não só da condição física dos jogadores e das componentes técnica e tática, como também das suas capacidades cognitivas, pois é através da captação da informação e do conhecimento armazenado na memória que são tomadas as decisões a cada momento do jogo (Giacomini, Soares, Santos, Matias & Grego, 2011; Matias & Greco, 2010).

Esta tomada de decisão está relacionada com um conjunto de processos cognitivos, como a sensação, a perceção, a antecipação, a memória de curto e longo prazo, a atenção/concentração, o rendimento intelectual e o estilo cognitivo. Por conseguinte, os atletas utilizam os processos cognitivos para fazer a leitura de jogo a cada instante, no entanto perante a mesma situação cada jogador percebe, interpreta e executa a ação de forma divergente, consoante o seu conhecimento, a sua experiência e as suas emoções. (Miragaia, 2011; Matias & Greco, 2010; Oliveira, 2004).

Deste modo, Miragaia (2011) considera que um bom jogador é aquele que processa a informação de forma a optar pelas melhores ações tático-técnicas perante as várias situações de jogo, tanto das que vê, como também das que prevê. Assim, é capaz de a cada momento realizar a ação mais eficaz para a sua equipa.

Na mesma linha de pensamento, Costa, Garganta, Fonseca & Botelho (2002) um jogador experiente é o que, a nível cognitivo, possui um conhecimento declarativo e processual mais organizado e estruturado; um processo de captação de informação mais eficiente; um processo decisional mais rápido e preciso; um reconhecimento dos padrões de jogo mais rápido e preciso também; um conhecimento tático superior; uma maior capacidade de antecipação dos eventos do jogo e das respostas do adversário; e um superior conhecimento das probabilidades situacionais, ou da evolução do jogo.

Tendo em conta que o conhecimento é um processo em constante evolução e crescimento, Sousa (2006) entende que a importância do conhecimento tático advém tanto das características do jogo acima referidas como da necessidade dos jogadores conhecerem o que e como fazer nos diferentes momentos de jogo. Assim,

“o treinador [...] deverá contribuir para a aquisição de um conhecimento específico comum nos jogadores, ao permitir-lhes, através da exercitação, obter a representação mental (por imagens) do contexto global (Modelo de

Jogo) e das partes (princípios) que o compõem, em coerência com o que pretende para o jogo (o «jogar») (Sousa, 2006, p.16)

Por outras palavras, para que durante o jogo os vários jogadores, com as suas especificidades de conhecimentos, estejam em sintonia, é importante que o treinador tenha conhecimentos declarativos sobre o jogo e saiba transmitir as ideias pretendidas e que os jogadores estejam preparados para interpretar, decidir e agir nas várias situações de jogo enquadrados com o coletivo. Contudo, estes comportamentos só serão bem sucedidos quando forem corretamente direcionados durante os processos de ensino-aprendizagem-treino (Oliveira, 2004).

Face aos estudos evocados parece-nos fundamental analisar a informação transmitida pelo treinador durante a reunião de preparação para o jogo. Esta constitui-se como uma etapa essencial para a eficácia da planificação estratégica da equipa e, encerra o seu ciclo de preparação para o confronto competitivo.

1.7. Estudos sobre a análise do comportamento do treinador

Ao analisar a informação transmitida pelo treinador selecionado como objeto de estudo, será posteriormente realizada a respetiva comparação dos seus resultados, com outros obtidos em estudos previamente realizados sobre a informação que os treinadores prelecionem nas reuniões de preparação para a competição.

O nosso objetivo seria comparar os resultados obtidos, com outros realizados no Hóquei em Patins, em modalidades individuais; em Futebol, quer na Liga principal, quer em Ligas secundárias, visto ser a modalidade de eleição dos portugueses e, ainda, em modalidades de pavilhão, por serem mais próximas do Hóquei em Patins, não só pelo próprio número de atletas em ringue como pela especificidade das próprias modalidades.

No entanto, apenas serão reportados os estudos efetuados no Judo e no Futebol da 1.^a Liga, pois nas restantes modalidades não foi encontrado qualquer tipo de estudo sobre a preleção do treinador na reunião de preparação para o jogo, incidindo essas investigações na sua totalidade sobre a informação que o treinador debita durante a competição.

Pacheco (2005) realizou um estudo sobre as preleções, que englobou a 1ª Liga de Futebol e a 2.ª Divisão B. Contudo, os resultados serão apenas limitados ao escalão principal, para que quando se analisar o treinador em estudo se possa fazer algum tipo de comparação.

A amostra do estudo supramencionado incidiu em seis treinadores em seis jogos da 1.ª Liga e as suas preleções foram todas registadas em áudio. Os treinadores possuíam uma média de idade de 40 anos, com um currículo competitivo médio de 19 anos a treinar, sendo 15 destes anos como treinador principal.

No que concerne ao tipo de informação transmitida aos jogadores, ela foi maioritariamente composta pela dominante Estratégico-Tática (60.2%). A dominante Psicológica teve 16.8 % da informação transmitida, enquanto a dominante Técnica, apenas é referida em 2.9% da preleção. A restante informação - 20.1% - corresponde a “Outras Dominantes” do rendimento desportivo.

Em relação à forma de intervenção do treinador, ela foi claramente prescritiva, sendo 51.3% da sua informação deste tipo. Desta, sensivelmente metade - 24,1.% - foi de carácter descritivo. Em média o treinador da 1ª Liga usou 10.6% da sua informação em Questionamento, sendo a restante repartida por Avaliação Positiva (AV+) – 5,6% -; Avaliação Negativa (AV-) – 5,4% -; pressão/estimulação – 1,7% -; e, Afetividade Positiva (AF+) – 1,3%.

Ao destinatário da informação transmitida pelo treinador, ela foi claramente, em grande parte, dirigida para a vertente «Toda a Equipa» (56,1%).

A vertente «jogador individual», também teve uma percentagem considerável - 39,3% e a vertente «subgrupo de jogadores» aparece como a que recebe menos informação, com apenas 4,6%.

Outros dos estudos que fala acerca do tipo de preleções é o de Santos & Rodrigues (2008), que se debruça sobre a informação debitada em 12 preleções por seis treinadores, em duas sessões cada, da 2.ª Divisão B do Campeonato Nacional de Futebol, tendo sido utilizado o SAIC para codificar as respetivas Unidades de Registo das diferentes preleções.

No que concerne à dimensão Objetivo, o estudo constatou que 79,2% da informação debitada pelos treinadores é de cariz prescritivo, sendo claramente a categoria com maior percentagem de codificação. Os seis treinadores analisados, em média, proferiam 17,5% de informação descritiva, sendo esta o segundo tipo de informação mais utilizada. As restantes categorias não têm muita relevância: AV+ com 0,2%; AV- com 0,1%; Interrogativo com 2,5%; AF + com 0,5%; e, não se registou nenhum valor para AF-.

No que concerne à Direção da informação, Santos & Rodrigues (2008) constataram que 15,9% da informação era dirigida ao Atleta, 8,4% a um determinado Grupo de Atletas e 75,7% destinava-se à Equipa.

Relativamente à Dimensão Conteúdo, os autores supramencionados verificaram que a informação proferida era maioritariamente de cariz Tático - 55,5% - e Psicológico - 35,0% -, não tendo as restantes categorias grande relevância: Técnica – 2,0%; Físico – 0,9%; Equipa Adversária – 4,3%; Arbitragem – 0,0%; Sem conteúdo - 2,1% e Indeterminado – 0,2%.

Na presente análise, foi ainda utilizado um outro estudo realizado por Barroja (2005) com o objetivo de analisar a relação que existe entre a instrução do treinador de Judo na reunião de preparação para o combate e a capacidade de retenção dos atletas.

Nesse estudo foram analisados 11 treinadores com diferentes idades, habilitações académicas e anos de prática enquanto treinadores, sendo que o autor teve como objetivo analisar as Dimensões Objetivo, Conteúdo e Forma, não concluindo a última parte da nossa investigação, que foi substituída pela Dimensão Direção.

Na sua amostra, Barroja (2005), concluiu que os treinadores analisados debitam 84,7% de informação prescritiva, 13,3% descritiva e 1,0% de informação AV+ e AV-, não sendo contempladas mais categorias na Dimensão Objetivo.

Na Dimensão Conteúdo, o autor concluiu que relativamente à informação de cariz tático-técnico o treinador debitou 74,4%; sobre o adversário 13,3%; de cariz psicológico 9,9%; sendo os restantes 2,5% sem conteúdo.

Capítulo 2

Metodologia

2.1. Estudo de Caso

Segundo Pina (1998) o Estudo de Caso é frequentemente utilizado na investigação de indivíduos, grupos, ou sistemas sociais na ausência de controlo experimental.

O mesmo autor considera que os Estudo Caso poderão ser muito valiosos, pois permitem o estudo de fenómenos raros ou aparentemente sem importância que, por definição, não estão disponíveis em número suficiente para serem avaliados noutro tipo de desenhos de pesquisa.

Para o autor, outra das vantagens do Estudo Caso é o facto de estes terem, tradicionalmente, servido como uma fonte rica de ideias e hipóteses sobre os comportamentos, as suas causas e os processos de modificação.

O autor refere ainda que os Estudos Caso, não raras vezes, fornecem demonstrações dramáticas ou persuasivas de determinados fenómenos que poderão estimular o desenvolvimento da teoria e futuras pesquisas sistemáticas. Para além disso, servem ainda para, em pesquisas de avaliação, serem um instrumento para explorar possíveis ligações causais em intervenções da vida real que são demasiado complexas para inspeção ou para estratégias experimentais.

2.2. Amostra

O presente estudo tem como amostra a gravação e descodificação das preleções realizadas em quatro jogos oficiais de um treinador especializado na modalidade de hóquei em patins (conhecimento processual) e posteriormente um inquérito versando sobre os aspetos que o mesmo técnico considera importantes de referir e aprofundar durante a realização da reunião imediatamente antes da competição (conhecimento declarativo).

2.3. Objeto de Estudo

O objeto de estudo escolhido para realizar esta investigação foi a gravação e posterior análise do conteúdo das preleções através de um sistema de codificação SAIC (Sistema da Análise da Informação em Competição). O treinador especializado na modalidade de hóquei em patins tem 42 anos e cuja formação académica base é o 12.º ano.

Atualmente está a treinar o Sport Lisboa e Benfica, equipa atual Campeã da Europa e do Mundo. Contudo, a sua carreira profissional conta já com 22 anos de experiência, tendo sido:

- Seleccionador Nacional de Moçambique, tendo ficado em 4.º lugar no último Campeonato do Mundo;
- Treinador de equipas seniores durante doze épocas consecutivas (oito épocas na 1.ª divisão e quatro na segunda);
- Vencedor de uma Supertaça Europeia e de uma Taça Intercontinental (época 2013 / 2014);
- Finalista vencido da Taça CERS (época 2006 / 2007).

2.4. Recolha de Dados

A recolha de dados para a realização desta investigação baseou-se em dois momentos essenciais:

1. Gravação de quatro preleções em condições ecológicas na cabina entre o treinador e os jogadores momentos antes do início da competição oficial (conhecimento processual) durante a época desportiva 2012/2013. A recolha da informação teve como critério dois jogos em casa e dois na casa do adversário com o auxílio do gravador áudio SONY ICD-SX712. Neste quadro não tivemos como intuito comparar por exemplo adversários de valor idêntico, ou adversários mais fortes ou menos fortes.

2. Gravação das respostas do treinador a um inquérito sobre os aspetos que este considera fundamentais de serem desenvolvidos durante a preleção (conhecimento declarativo).

2.5. Definição das Dimensões/Categorias da Análise

O sistema que foi utilizado para analisar a preleção do treinador objeto de estudo foi o Sistema de Análise da Informação em Competição (SAIC), criado por Pina & Rodrigues (1993), que tem como objetivo codificar todos os episódios de informação que o treinador profere na sua instrução.

A categorização deste SAIC teve por base as categorias que Raul Pina prescreveu no seu trabalho, *Análise da instrução do treinador em competição* (1998).

No entanto, foram realizadas algumas alterações em relação ao SAIC original, tendo em conta a especificidade da modalidade da presente investigação, nomeadamente, alteraram-se os exemplos demonstrativos de cada categoria e reduziu-se o número das mesmas.

Assim, acrescentou-se a categoria Arbitragem na Dimensão Conteúdo, pois um dos objetivos do trabalho é analisar a preleção do treinador em questão e considerámos que esta categoria seria importante, visto que a dupla de arbitragem são mais um elemento no jogo.

Para além disso, das quatro dimensões de análise originais - Forma, Objetivo, Direção e Conteúdo da informação – foram apenas tidas em conta as três últimas, pois a Dimensão Forma não entra no âmbito deste estudo.

De referir que neste sistema, procedemos à subdivisão de quarente e seis subcategorias incluídas em oito categorias principais e em três dimensões.

2.5.1.1. Dimensão Objetivo

Nesta dimensão, o treinador procura informar os atletas sobre a sua prestação. As categorias desta dimensão são:

- Avaliação (AV) - O treinador fornece uma estimativa qualitativa da execução do atleta sem emitir qualquer informação específica. A avaliação pode assumir um carácter aprovativo (AV+), como por exemplo: “Está bem o remate”, ou assumir um carácter desaprovativo (AV-), como por exemplo “ A rematar assim não”,
- Descrição (DES) - O treinador descreve o gesto, a ação efetuada pelo atleta, na totalidade ou em parte, como por exemplo: “ A inclinação do corpo dessa forma é correta”;

- Prescrição (PRE) - O treinador fornece indicações que o atleta deverá respeitar em futuras execuções, propondo um novo comportamento, como por exemplo “Deves rematar da seguinte forma...”;
- Interrogação (INT) - O treinador coloca questões ao atleta sobre a sua execução, levando-o a refletir sobre o erro, como por exemplo: “Achas que estás a patinar corretamente?”;
- Afetividade (AF) - O treinador reage à prestação do atleta incentivando-o (AF+), como por exemplo: “Está bem”, ou criticando-o (AF-), como por exemplo: “Está mal”.

2.5.1. 2.Dimensão Direção

Esta dimensão é constituída por três categorias principais: Atleta, Grupo e Equipa.

- Atleta (ATL) - O treinador dirige a mensagem a um só atleta;
- Grupo (GRU) - O treinador dirige a mensagem a um grupo de atletas inferior à totalidade da equipa, como por exemplo: “ Os defesas não podem estar tão perto da nossa baliza...”;
- Equipa (EQU) – A mensagem é dirigida à totalidade da equipa.

2.5.1.3 Dimensão Conteúdo

Esta dimensão é constituída por oito categorias principais: Técnica, Força, Tática, Psicológica, Equipa Adversária, Arbitragem, Sem Conteúdo e Indeterminado.

De referir, que estas oito categorias principais estão divididas em quarenta e seis subcategorias.

- **A)Técnica (TÉC)** - O treinador refere os elementos técnicos realizados pelo atleta, como por exemplo: “atenção que no passe deves colocar o corpo da seguinte forma...”;

- A.1) - Individual (Ind) – O treinador refere os elementos técnicos enfatizando o papel de um único atleta, como por exemplo “ João, ao passares a bola, deves inclinar mais o corpo...”;
 - A.2) – Coletiva (Col) – O treinador refere os elementos técnicos, enfatizado o papel da equipa, como por exemplo” tenham atenção à travagem, pois o piso escorrega muito...”;
 - A.3) – Finalização Equipa (Fin Equ) – O treinador foca aspetos da finalização para toda a equipa, como por exemplo “Ao rematarem devem baixar mais o tronco ...”;
 - A.4) – Finalização Grupo (Fin Gru) – O treinador foca aspetos da finalização para um determinado grupo de atletas, como por exemplo ”O João e o André devem pegar no stick mais abaixo...”;
 - A.5) – Finalização Atleta (Fin Atl) – O treinador dirige a sua informação acerca da finalização para um atleta, como por exemplo “João, deves baixar-te mais aquando do remate...);
 - A.6) - Patinagem (Pat) – O treinador aborda elementos técnicos da patinagem, como por exemplo “ João estás a travar com o corpo pouco fletido...”
- **B) Tática (TÁC)** - O treinador salienta os pormenores táticos, procedimentos individuais e coletivos, como por exemplo “devemos utilizar a jogada combinada...”
- B.1) – Individual Ofensiva (Ind Of) – O treinador refere aspetos táticos ofensivos para um só atleta, como por exemplo “ João, tens de bloquear o jogador contrário ao lado da bola...”;
 - B.2) – Individual Defensiva (Ind Def) – O treinador refere aspetos táticos defensivos para um só atleta, como por exemplo “João, tens que marcar o avançado à frente e não atrás”;
 - B.3) – Grupo Ofensiva (Gru Of) – O treinador refere aspetos táticos ofensivos para um grupo de atletas, como por exemplo “os avançados devem jogar mais atrás da baliza”;

- B.4) – Grupo Defensiva (Gru Def) – O treinador refere aspetos táticos defensivos para um grupo de atletas, como por exemplo “ Os nossos avançados devem marcar os defesas deles mal perdemos a bola...”;
- B.5) – Coletiva Ofensiva (Col Of) - O treinador refere aspetos táticos ofensivos para a totalidade da equipa, como por exemplo “ Quero uma circulação de bola em 2x1x1”;
- B.6) – Coletiva Defensiva (Col Def) - O treinador refere aspetos táticos defensivos para a totalidade da equipa, como por exemplo “ Quero uma defesa 4x4 com trocas de marcação”;
- B.7) – Transição Ofensiva (Trans Of) – O treinador refere aspetos táticos relativos à transição ofensiva, como por exemplo “ Em situação de 3x2, quero o passe e corte pelas costas com entrada do outro avançado ao 2.º poste...”;
- B.8) – Transição Defensiva (Trans Def) - O treinador refere aspetos táticos relativos à transição defensiva, como por exemplo “ Em situação de 1x2, o defesa sai ao passe...”;
- B.9) – Power Play Ofensivo (PP Of) – O treinador refere aspetos táticos relativos a situação de superioridade numérica de 4x3, como por exemplo “ em situação de Power Play, quero um bloqueio cego ao jogador do vértice do triângulo...”;
- B.10) – Underplay (Uplay) - O treinador refere aspetos táticos relativos a situação de inferioridade numérica em situação de 3x4, como por exemplo “ Quero 2x1, no entanto o defesa lateral sobe sempre ao homem da bola, para impedir a meia-distância ...”;
- B.11) – Inferioridade Numérica Ofensiva (Inf Num Of) – O treinador aborda aspetos táticos sobre o momento em que a sua equipa está em inferioridade numérica no processo ofensivo, como por exemplo “ se estivermos em inferioridade numérica, quero 2x1 e não 1x2...”;
- B.12) – Superioridade Numérica Defensiva (Sup Num Def) - O treinador aborda aspetos táticos sobre o momento em que a sua equipa está em superioridade numérica no processo defensivo, como por exemplo “ se estivermos em

superioridade numérica, defensivamente quero sempre 2 homens com o portador da bola...”;

• **C) - Psicológico (PSIC)** – O treinador opina sobre medidas gerais e especiais que têm por fim desenvolver aspetos do foro psíquico do atleta, como por exemplo: “temos de nos concentrar”.

• **D) - Físico (FIS)** - O treinador centra a sua informação nas qualidades motoras específicas do atleta, como por exemplo: “o sprint tem de ser mais forte”;

- D.1) – Velocidade (Vel) – O treinador realça aspetos físicos, enfatizando questões inerentes à capacidade física velocidade, como por exemplo “tens que ser mais rápido no arranque...”;
- D.2) – Resistência (Res) - O treinador realça aspetos físicos, enfatizando questões inerentes à capacidade física resistência, como por exemplo “tens têm que se resguardar, poi o jogo tem 50 minutos, não podemos jogar sempre ao mesmo ritmo...”;
- D.3) – Intensidade (Intens) – O treinador ao longo do jogo, fala sobre aspetos físicos, nomeadamente, sobre a importância da recuperação física ao longo do jogo, como por exemplo “tivemos jogo na quarta-feira passada, vamos entrar num ritmo lento...”;
- D.4) – Aquecimento (Aquec) – O treinador foca aspetos inerentes ao aquecimento antes da entrada em competição, como por exemplo “vamos fazer um bom aquecimento para entrarmos bem preparados para o jogo...”;

• **E) - Equipa Adversária (EQU ADV)** - O treinador transmite informação sobre a equipa adversária, como por exemplo: “a equipa deles ataca mais pelas tabelas”.

- E.1) – Caraterização (Carat) – O treinador carateriza o adversário, como por exemplo “Vamos jogar contra um adversário muito experiente...”;

- E.2) – Transições Ofensivas (Trans Of) – O treinador foca aspetos inerentes à transição ofensiva do adversário, como por exemplo “ O Benfica quando ganha a bola é muito rápido na transição ofensiva, aproximando imediatamente dois jogadores perto da baliza adversária...”;
- E.3) – Transições Defensivas (Tran Def) - O treinador foca aspetos inerentes à transição defensiva do adversário, como por exemplo “ O Benfica quando perde a bola é muito rápido na transição defensiva, marcando imediatamente o portador da bola...”;
- E.4) – Finalização Equipa (Fin Equ) – O treinador fala sobre a forma como o adversário finaliza, como por exemplo “ O FCP é uma equipa que remata de todo o lado...”;
- E.5) – Finalização Grupo (Fin Gru) - O treinador fala sobre a forma como determinados atletas do adversário finalizam, como por exemplo “ Os avançados do FCP finalizam muito bem de primeira...”;
- E.6) – Finalização Atleta (Fin Atl) – O treinador fala sobre a forma com que um determinado atleta da equipa adversária finaliza, como por exemplo “ O Reinaldo remata muito bem do lado esquerdo...”;
- E.7) – Guarda – Redes (GR) – O treinador emite informações sobre o guarda – redes da equipa adversária, como por exemplo “ O Guilherme já não tem os mesmos reflexos de antigamente...”;
- E.8) – Equipa Ofensivamente (Equip Of) – O treinador informa os seus atletas sobre pormenores do foro ofensivo do adversário, como por exemplo “ O Braga é uma equipa que joga sempre em 2x2...”;
- E.9) Equipa Defensivamente (Equip Def) - O treinador informa os seus atletas sobre pormenores do foro defensivo do adversário, como por exemplo “ O Braga é uma equipa que defende à zona...”;
- E.10) – Grupo Ofensivamente (Gru Of) – O treinador comunica aos seus atletas informações do foro ofensivo, sobre determinados atletas do adversário, como por exemplo “Os médio do FCP entram muito bem nas costas dos avançados adversários...”;

- E.11) – Grupo Defensivamente (Gru Def) - O treinador comunica aos seus atletas informações do foro defensivo, sobre determinados atletas do adversário, como por exemplo “Os médio do FCP marcam muito mal dentro da área...”;
- E.12) – Atleta Ofensivamente (Atl Of) – O treinador refere pormenores de cariz ofensivo sobre um determinado atleta adversário, como por exemplo “ O André dribla sempre da direita para a esquerda...”;
- E.13) – Atleta Defensivamente (Atl Def) - O treinador refere pormenores de cariz defensivo sobre um determinado atleta adversário, como por exemplo “ O André no 2x1 defensivo ataca sempre a bola...”;
- E.14) – Físico Equipa (Fis Equip) – O treinador refere aspetos físicos do adversário sobre a totalidade da equipa, como por exemplo “ O SLB jogou a meio da semana, vamos aproveitar o desgaste que sofreram no jogo europeu e na respetiva viagem...”;
- E.15) – Físico Grupo (Fis Gru) - O treinador refere aspetos físicos do adversário sobre parte da equipa, como por exemplo “ os avançados são algo pesados e recuam muito lentamente...”;
- E.16) – Físico Atleta (Fis Atl) – O treinador aborda aspetos físicos de um determinado atleta adversário, como por exemplo “ O Alan já não tem a mobilidade de outros tempos...”;
- E.17) – Psicológico Equipa (Psic Equ) – O treinador refere aspetos psicológicos sobre a equipa adversária, como por exemplo “O SCP é uma equipa que quando está a perder fica totalmente desnorteada...”;
- E.18) – Psicológico Grupo (Psic Grup) - O treinador refere aspetos psicológicos sobre parte da equipa adversária, como por exemplo “ O Rafa e o Tomás quando as coisas não lhes saem bem perdem completamente a cabeça...”;
- E.19) – Psicológico Atleta (Psic Atl) - O treinador refere aspetos psicológicos sobre um atleta da equipa adversária, como por exemplo “ O Manuel é um jogador extremamente concentrado ...”;

• **F) - Arbitragem** - O treinador transmite informação sobre a equipa de arbitragem, como por exemplo: “o árbitro ao mínimo toque marca falta”;

- F.1) – Regra dos 45 segundos (45 seg) – O treinador fala sobre a importância do limite do tempo de ataque da sua equipa, como por exemplo “esta dupla de arbitragem é totalmente descoordenada na cadência da contagem do tempo de ataque...”;
- F.2) – Faltas Técnicas (F Téc) – O treinador aborda questões sobre as faltas técnicas, como por exemplo “Atenção que só podem voltar para o nosso meio – campo 5 vezes na mesma jogada...”;
- F.3) – Faltas de Equipa (F Equ) – O treinador emite informação sobre as faltas de equipa, como por exemplo “Atenção com as entradas na tabela, que os árbitros marcam logo falta...”;
- F.4) – Psicológico (Psic) - O treinador aborda questões emocionais da equipa de arbitragem, como por exemplo “esta dupla quando apita em ambientes hostis tem tendência para proteger o visitado...”;
- F.5) – Caraterização (Carat) – O treinador carateriza a dupla de arbitragem, como por exemplo “esta dupla de arbitragem ao mínimo toque marca falta ...”.

• **G) - Sem Conteúdo (S/C)** - O treinador transmite informação, que não contém nenhum tipo de conteúdo, como por exemplo: “Boa, Manuel”;

• **H) - Indeterminado (IND)** - Não se percebe o que o treinador transmite aos seus atletas.

2.6. Procedimentos Metodológicos e Instrumentos

Qualquer dos dois momentos de recolha análise de dados obedeceu a um protocolo previamente escrito e metodologicamente validado:

1. Utilização do Sistema de codificação – SAIC – Sistema da Análise da Informação em Competição de modo a analisar o conteúdo das preleções realizadas durante as competições oficiais. Neste âmbito e seguindo o protocolo deste sistema de codificação eliminou-se os segmentos sem significado, contabilizando-se as ideias e não das palavras.

2. Desenvolvimento, validação e preenchimento de um inquérito por parte do treinador de cinco inquéritos, sendo um para cada jogo abordado e outro referente à totalidade dos quatro jogos sobre o que considera mais ou menos pertinente verbalizar ao longo das respetivas preleções. De modo a manter a coerência e a congruência da análise do conteúdo realizada para as preleções e posteriormente para as entrevistas esta foi tratada, categorizada e codificada de acordo com o sistema SAIC.

2.7. Inquérito para análise do conhecimento declarativo

De modo a concretizar o objetivo do trabalho elaborámos um inquérito devidamente validado por dois treinadores especialistas da área do hóquei em patins de modo a analisar o conhecimento declarativo do treinador. Neste inquérito o treinador codificou em sentido ascendente de Nada Importante (Nível 1) a Bastante importante (Nível 5) as diferentes Dimensões, Categorias e Subcategorias em análise. Reforça-se o facto da análise do conteúdo das entrevistas ter sido codificada de acordo com as categorias do Sistema da Análise da Informação em Competição (SAIC), sendo medidas sob forma de frequência. Manteve-se assim, pressupostos dos níveis de coerência e a congruência da análise do conteúdo declarativo e processual do treinador.

Nesta perspetiva, partindo do valor de escala estabelecida pelo treinador em resposta ao inquérito no quadro das diferentes dimensões, categorias e subcategorias em análise (do menos ao mais importante), medimos a congruência entre o conhecimento declarativo e processual do técnico em análise, conjugando o valor da frequência dos episódios informativos analisados. Em última análise será expectável que quanto maior for a importância dada pelo treinador a cada uma das dimensões, categorias e subcategorias maior será o valor percentual representada pela frequência dos episódios de informação

Apresentamos de seguida um exemplo de uma grelha de codificação no âmbito das diferentes dimensões do inquérito a ser preenchida pelo treinador referente ao seu conhecimento declarativo.

Tabela 1: Exemplo da análise da informação (codificação) ao nível da Dimensão Objetivo e Direção

Episódios de informação	Dimensão Objetivo							Dimensão Direção		
	AVAL +	AVAL -	DES	PRES	INT	AF +	AF -	ATL	GRU	EQU
O Chumbinho quando entra, mexe com o jogo,			x							x
às vezes é ele quem entra para marcar as bolas paradas.			x							x
O Vieirinha vai entrando,			x							x
apesar de ser muito novo e revelar alguma imaturidade,			x							x
pode mexer com o jogo.			x							x
Um Braga em bloco baixo,			x							x
com algumas brechas defensivas no último terço do ringue de duas formas.			x							x
As bolas defendidas pelo Guilherme para a frente			x							x
e no espaço concedido pelo Rato na marcação ao jogador sem bola.			x							x
Vamos aclarar o lado contrário ao da bola,				x						x
Vamos obrigar que eles virem-se de costas para a bola,				x						x
Quero o portador da bola com movimentos pouco lineares				x						x
É bom aproveitarmos este clima de confiança,				x						x

mas não subvalorizarmos os outros.			x							x
Com o GR que temos e a equipa a defender como está,	x									x
o contra ataque chega para ganharmos o jogo,	x									x
isto se seguirmos à risca os princípios propostos.			x							x
Temos que aumentar a intensidade.				x						x
João, ao bloqueares, vira-te para o jogo.				x				x		

Tabela 2: Exemplo da análise da informação (codificação) ao nível da Dimensão Conteúdo

Episódios de informação	Dimensão Conteúdo							
	TÉC	TÁC	PSIC	FIS	EQU ADV	ARB	SC	IND
Os nossos médios devem entrar sem bola nas costas		COL OF						
e criar desequilíbrios.		COL OF						
O Kika é o jogador menos utilizado,					CARAT IND			
vale pelo remate,					CARAT IND			
é pesado,					CARAT IND			
tem pouca mobilidade.					CARAT IND			
Se marcarem perto ganham muitas bolas		COL DEF						
e originam muitos contra ataques.		TR OF						
Temos que apostar nesta situação.		TR OF						
Vamos lá buscá-lo.		COL DEF						
temos que dar trabalho ao Guilherme,		COL OF						

sobretudo na procura das segundas bolas.		COL OF						
É um GR que ocupa muito bem a baliza.					GR			
O Guilherme na primeira bola, continua a ser dos mais difíceis de bater.					GR			
Falta falar da arbitragem,						CARAT		
que cada vez assume mais preponderância e importância.						PSIC		
São dois árbitros que deixam jogar						CARAT		
Mas que gostam de ir ao sabor do público						CARAT		

2.5.3 Fidelidade Interobservador e Fidelidade Intraobservador

A Fidelidade Interobservador possibilita garantir que diferentes observadores, utilizando o mesmo sistema de observação, consigam codificar os comportamentos da mesma maneira.

Por outro lado, a Fidelidade Intraobservador pretende garantir que o mesmo observador, em diferentes momentos, apresente codificações semelhantes dos diversos comportamentos em estudo.

Tabela 3: Índices de Fidelidade Intraobservador e Interobservador

Jogo	Dimensão Objetivo		Dimensão Direção		Dimensão Conteúdo	
	Interobservador (%)	IntraObservador (%)	Interobservador (%)	Intraobservador (%)	Interobservador (%)	Intraobservador (%)
1	97,3%	94,2%	100%	100%	100%	96,8%
2	100%	89,0%	100%	100%	93,7%	90,6%
3	98,1%	94,8%	100%	100%	97,1%	93,9%
4	97,2%	93,7%	100%	100%	98,4%	95,3%

2.6. Limitações do Estudo

Da análise metodológica do presente trabalho verificamos um conjunto de limitações que importa explicitar:

1. O facto de o objeto de estudo ser influenciado pelo material utilizado, neste caso o gravador áudio, sendo normal que uma pessoa que sente que está a ser avaliada e a sua voz gravada, não atue de uma forma totalmente natural. Como tal, na análise dos resultados, esta é sempre uma questão que se deve levar em linha de conta.

2. Atender que a análise dos resultados se deve basear num Estudo Caso, como tal, não se pode generalizar os resultados obtidos.

3. Deve ainda ter-se em conta que a especificidade do presente trabalho se baseia numa análise de conteúdo, o que torna as evidências sempre subjetivas, pois depende da leitura que o investigador fez da preleção analisada.

4. Existem poucos trabalhos realizados sobre o tema e de não ter sido encontrado nenhum que abordasse este assunto na modalidade de Hóquei em Patins, poderão limitar a comparação com estudos anteriormente realizados.

Capítulo 3

Apresentação e Discussão dos Resultados

A apresentação e discussão dos dados serão desenvolvidas sob duas áreas:

- A primeira resulta da análise dos dados referentes ao conteúdo das preleções realizadas pelo treinador durante o momento imediatamente anterior à competição oficial.
- A segunda desenvolve na análise das respostas do treinador ao inquérito realizado, bem como dos níveis de congruência entre o conhecimento declarativo e processual.

3.1. Apresentação dos Resultados analisados na preleção ao longo dos quatro jogos

Nesta parte do trabalho será dissecada a preleção do objeto de estudo ao nível das Dimensões Objetivo, Direção e Conteúdo e respetivas categorias e subcategorias.

Para facilitar a sua explanação esta parte do trabalho será dividida por duas partes, sendo elas a análise dos quatro jogos em simultâneo nas diferentes dimensões escrutinadas e os resultados relativos à análise do conhecimento declarativo do treinador em cada jogo.

3.1.1. Análise dos quatro jogos em simultâneo - Dimensão Objetivo

Tabela 4: Frequências Relativas da Dimensão Objetivo ao longo dos quatro jogos

Objetivo	PA-FCP (jogo 1)	Física - PA (jogo 2)	PA - SCP (jogo 3)	Braga – PA (jogo 4)
Avaliação +	0,0%	0,0%	4,1%	1,9%
Avaliação -	0,0%	0,0%	1,7%	0,7%
Descrição	43,8%	48,3%	49,2%	53,9%
Prescrição	53,8%	51,7%	42,5%	42,8%
Interrogação	2,2%	0,0%	1,7%	0,0%
Afetividade +	0,8%	0,0%	0,8%	0,7%
Afetividade -	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%

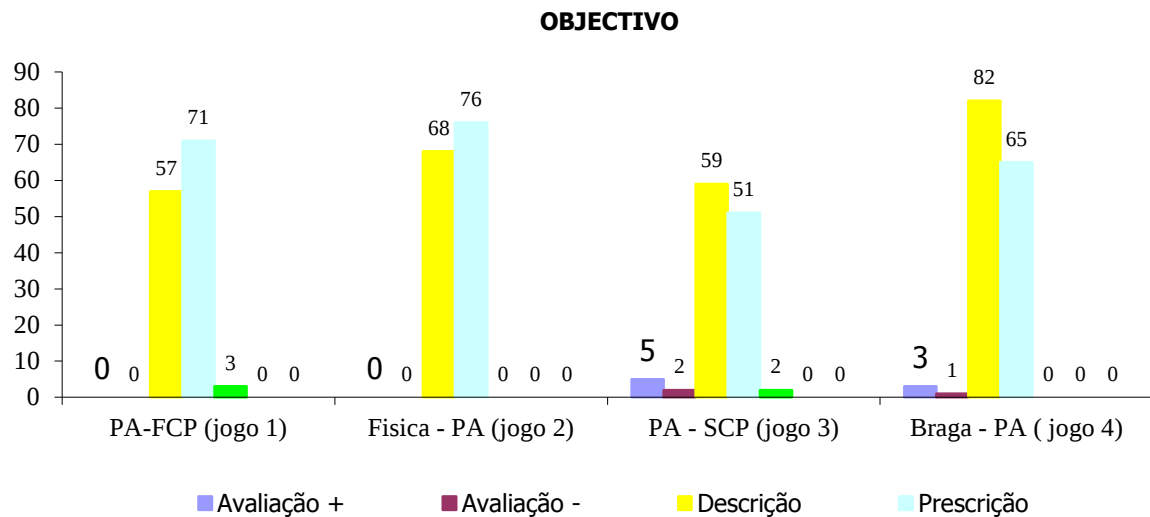


Figura 1 – Representação gráfica das Unidades de Registo da Dimensão Objetivo ao longo dos quatro jogos. A escala do gráfico representa o número de unidades de registo.

O treinador ao longo dos quatro jogos analisados mostrou uma tendência para utilizar, essencialmente, informação prescritiva e descritiva, com 48,0% e 48,6% da informação total a pertencerem respetivamente a estas duas categorias.

Qualquer uma destas categorias atingiu, nos quatro jogos analisados, percentagens superiores a 40%, não existindo nenhum jogo que se destacasse particularmente em relação aos outros.

Este facto mostra que este treinador é fiel ao seu perfil de preleção e também que não muda de estilo de comunicação de uma forma profunda em virtude do adversário.

Tal atitude pode ter a ver com o facto de o treinador estar a treinar o atual 3.º classificado do campeonato, o que demonstra que a sua equipa é superior à maioria dos seus adversários, não necessitando de grandes alterações ao estilo de preleção de jogo para jogo.

Comparativamente com o estudo de Pacheco (2005) - que, como já referido, tinha como objetivo analisar a informação transmitida pelos treinadores na 1ª Liga de Futebol nas suas preleções - no que diz respeito à informação prescritiva, as percentagens atingidas pelo presente objeto de estudo nas preleções, após a reformulação das regras no Hóquei em Patins, apresentaram uma média ligeiramente inferior às do estudo de Pacheco (2005), pois no caso do treinador em estudo não passou dos 48,0% e no caso do estudo de Pacheco (2005), ela atingiu os 51,3%

Santos & Rodrigues (2003) no estudo, já referido, acerca da instrução debitada nas preleções de jogos da 2.ª Liga de Futebol, concluíram que 79,2% da informação transmitida é

deste cariz, atingindo claramente os valores mais altos entre as preleções dos desportos coletivos analisados.

Comparativamente com o estudo de Barroja (2005) sobre a instrução que um treinador de Judo debita antes dos combates, ela foi manifestamente inferior no caso do presente objeto de estudo, pois no caso de Barroja (2005) a informação prescritiva atingiu 84,7% de informação deste tipo.

De considerar que o facto de o Hóquei em Patins e o Futebol serem ambas modalidades coletivas, aproxima-as mais do ponto de vista de preleção, do que no caso do Judo, que é uma modalidade individual, onde não existem tantas variantes para o treinador dispersar informação como nos desportos coletivos.

Ao analisar os quatro jogos em simultâneo verificou-se que foi no jogo com o FCP que o treinador objeto de estudo debitou mais informação de cariz prescritivo. Tal facto pode justificar-se porque ia ter como opositor o atual 1.º classificado e uma equipa que em 11 anos, tinha conquistado 10 campeonatos nacionais e que lhe iria causar muito mais adversidades do que os restantes adversários. Por isso, era vital que o treinador prescrevesse os comportamentos necessários para que os seus atletas estivessem mais próximos de atingir o sucesso.

De referir que contra o Física o treinador debitou 51,7% de informação prescritiva, bem acima dos 42,5% contra o SCP e dos 42,8% contra o Braga. Tal resultado pode justificar-se por a Física ser um opositor com os mesmos objetivos do Paço de Arcos, que são claramente mais ambiciosos que os do Braga e SCP, que apenas têm o anseio de se manterem na 1.ª divisão. À altura dos respetivos jogos com o Paço de Arcos, o Física encontrava-se na 5.ª posição e os restantes dois adversários estavam em posição de descida de divisão, já com mais de metade do campeonato percorrido. Tal facto demonstra a diferença de qualidade entre o FCP, Física, Braga e SCP, justificando-se desta forma, que prescreva muito mais informação acerca dos dois primeiros do que dos dois últimos.

No que concerne à informação de carácter descritivo, este estudo apresenta uma média superior (48,6%) ao estudo de Pacheco (2005), pois na 1ª Liga de Futebol os treinadores em média, debitaram 24,1% de informação deste tipo e no estudo de Barroja (2005) não passaram dos 13,3%.

Na 2.ª Liga de Futebol, Santos & Rodrigues (2003) afirmaram que em média 17,5% da informação debitada nas preleções antes dos jogos era descritiva.

No caso do treinador em estudo, nestes quatro jogos analisados ele apresentou uma média de 48,6% de informação de carácter descritivo, sendo claramente o estudo que apresenta maiores percentagens nesta categoria.

No presente caso, o treinador descreveu minuciosamente, quer os adversários, individualmente e coletivamente, quer os árbitros, quer as condições do piso, dos espetadores ao mais ínfimo pormenor, o que o fez aumentar exponencialmente a percentagem de informação descritiva debitada.

De referir que grande parte desta percentagem é relativa a questões de arbitragem, algo que o treinador não fazia no momento das preleções antes da reformulação das regras.

Ao analisar os quatro jogos salta à vista os 53,9% de informação debitada sobre a Equipa Adversária com o Braga. Tais resultados podem dever-se ao facto de nessa semana, o treinador em virtude de estar ausente dos treinos por doença, não ter descrito minuciosamente as características individuais e coletivas do Braga, algo que fez na reunião que antecedeu o jogo, exponenciando, desta forma, os resultados de informação descritiva debitada face aos restantes adversários.

O facto de o jogo com o FCP ter sido aquele onde debitou menos informação descritiva, pode estar relacionado com o encontro ser com o adversário mais forte do campeonato, o que o obrigou, mais do que descrever comportamentos, prescrevê-los.

Nas restantes categorias em análise, AV+, AV-, Interrogação, AF+, e AF-, obteve-se normalmente valores muito baixos, sendo praticamente insignificantes.

Comparativamente com o estudo de Pacheco (2005) verificou-se que no caso dele, os seus objetos de estudo garantiram percentagens manifestamente superiores. Em média debitaram 5,6% de informação de AV+; 5,4% de AV-, 10,6% de Interrogação; e 1,3% de AF+. Na mesma linha, o estudo de Santos & Rodrigues (2008) apresentou valores muito idênticos aos do presente objeto de estudo.

Tais resultados podem justificar-se com a especificidade de cada modalidade e até pelo facto de o treinador em estudo ser muito racional nas suas preleções, não tendo por isso grande significado os valores atingidos, por exemplo, nas categorias AF e AV.

Outro valor que salta à vista são os 4,1% de informação de AV+ debitada no jogo com o SCP, tendo em conta que nos restantes jogos, no máximo não passou dos 1,9%.

Uma das justificações que se pode encontrar para este resultado é o facto de a sua equipa na 1.^a volta do campeonato ter sido surpreendentemente derrotada pelo SCP, o que levou o treinador a elogiar mais os seus atletas na reunião de preparação para o jogo do que

habitualmente. Pode ter sido a forma que encontrou de tentar motivar mais os seus atletas para que estes se apercebessem que tinha sido um resultado casual, mas que ao nível de valores, as duas equipas encontravam-se em polos totalmente antagónicos, tal como a tabela classificativa refletia. O treinador, desta forma, quis dissipar da cabeça dos seus atletas eventuais dúvidas que pudessem surgir, nomeadamente, por exemplo o facto de o Paço de Arcos não «encaixar» bem na equipa do SCP.

O facto de a categoria Interrogação atingir um valor de 10,6% no estudo de Pacheco (2005) pode justificar-se por no Futebol existirem muito mais posições e jogadores, o que pode levar os treinadores a realizarem questionários aos jogadores das diferentes posições sobre o desempenho a atingir, ou até mesmo sobre valências de determinados adversários diretos que vão encontrar no jogo. No entanto, no estudo de Santos & Rodrigues (2008) esta categoria não passou dos 2,5% de informação por jogo.

Em suma, pode concluir-se que, no que concerne à dimensão objetivo, ao longo dos quatro jogos, o treinador revelou-se pouco emotivo, tal como demonstraram os valores obtidos pela categoria AF. De lembrar que este treinador não costuma realizar questionamentos aos seus atletas, primando fundamentalmente a sua preleção por informação, quer descritiva - 48,6% da informação total desta dimensão -, quer prescritiva - 48,0% da informação total desta dimensão.

3.1.2 Análise dos quatro jogos em simultâneo - Dimensão Direção

Tabela 5: Frequências Relativas da Dimensão Direção ao longo dos quatro jogos

Direção	PA-FCP (jogo 1)	Física - PA (jogo 2)	PA - SCP (jogo 3)	Braga – PA (jogo 4)
Atleta	3,7%	1,4%	0,9%	1,4%
Grupo	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Equipa	96,3%	98,6%	99,1%	98,6%

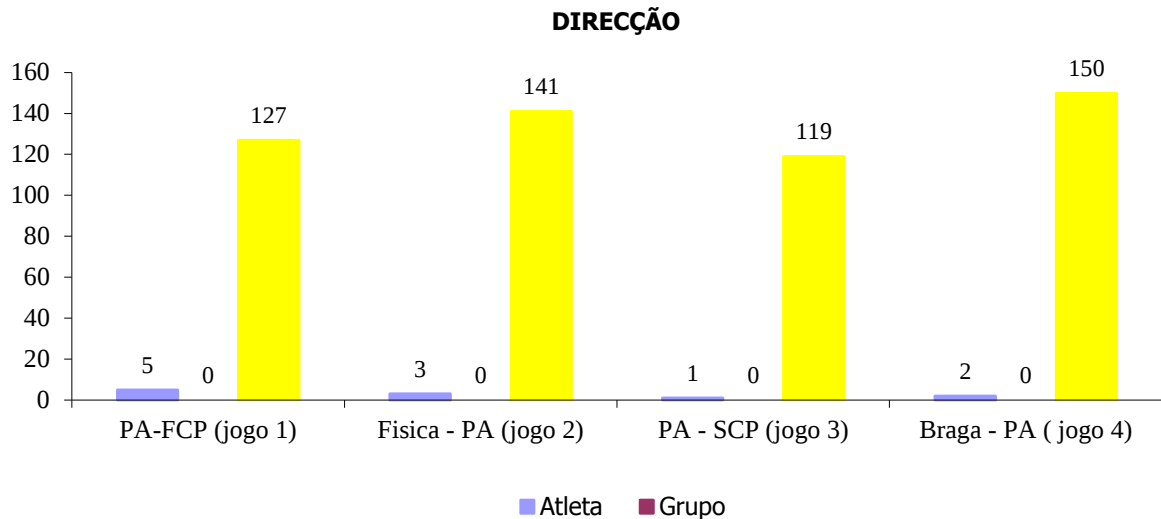


Figura 2 – Representação gráfica da Unidades de Registo da Dimensão Direção ao longo dos quatro jogos. A escala do gráfico representa o número de unidades de registo.

Ao longo dos quatro jogos, 98,2% da informação transmitida pelo treinador foi dirigida à Equipa, 1,2% a Atletas e 0,0% a Grupos de Atletas.

Comparativamente com o estudo de Pacheco (2005) constatou-se que o presente treinador objeto de estudo dirigiu-se com muito mais frequência à equipa, pois o autor citado concluiu que apenas 56,1% da informação transmitida pelos treinadores na 1ª Liga de Futebol eram dirigidos à equipa.

No seu estudo, Santos & Rodrigues (2008) concluíram que 75,7% da informação foi transmitida à Equipa.

Considerou-se que tal facto é normal, pois se se atender às diferenças entre o Hóquei em Patins e o Futebol verifica-se, por exemplo, que este último tem mais jogadores, tem mais posições - guarda-redes, defesas, médios e avançados -e que como tal é normal que os seus treinadores dispersem mais a sua informação.

No que concerne à categoria Atleta, o estudo de Pacheco (2005) revela que, em média, 39,3% da informação era transmitida a atletas, verificando-se percentagens superiores às do Hóquei em Patins, o que também não deixa de ser normal pois, como foi referido anteriormente, o futebol tem muitos mais jogadores de posições diferenciadas do que o Hóquei em Patins.

No estudo, de Santos & Rodrigues (2008) referente à 2ª divisão B, esta percentagem subiu exponencialmente para os 15,9%.

Na categoria Grupo de Atletas, Pacheco (2005) concluiu que 4,6% da informação debitada era para esta categoria, assim como 8,4% da informação debitada na 2.ª Liga de futebol, segundo Santos & Rodrigues (2008).

Relativamente à categoria supramencionada, o objeto do presente estudo, nestes últimos quatro jogos após a reformulação das regras no Hóquei em Patins, negligenciou-a por completo.

Considera-se normal, uma vez mais, devido ao facto de nesta modalidade não existir uma segregação acentuada de posições no ringue, não se justificando desta forma escarpelizar informação muito diferenciada de uns atletas para outros.

Ao longo dos quatro jogos o treinador obteve uma percentagem de informação dirigida à equipa bastante homogénea, variando entre os 96,3% e os 98,6%.

De referir que o jogo onde o treinador em estudo debitou mais informação individualizada, ou seja, para a categoria Atleta, foi no jogo com o FCP, no qual 3,7% da sua informação foi dirigida a jogadores individualmente.

Ao comparar com os restantes jogos verifica-se que são percentagens manifestamente superiores, pois nos restantes jogos variaram entre os 0,9% e os 1,4%.

Tal justificação pode prender-se com o facto de estar a jogar com o atual 1º classificado, que conta na sua equipa com todos os jogadores internacionais pelas respetivas seleções. Como tal, não enjeitou a possibilidade de falar individualmente de uma forma mais acentuada que nos restantes jogos sobre comportamentos individuais a adotar para superar as enormes mais-valias que o FCP possui no seu plantel, algo que nos restantes adversários não se verificou com tanta clareza.

Como conclusão, pode-se considerar, que o presente objeto de estudo dirigiu essencialmente a sua informação à Equipa, com 98,2% da informação total desta dimensão.

No que diz respeito à informação dirigida a Atletas - 1,2% da informação total desta dimensão é referente a esta categoria, ela reportou-se essencialmente sobre aspetos individuais dos jogadores do FCP.

No que concerne à informação dirigida a Grupos de atletas - 0,0% da informação total desta dimensão, a mesma foi totalmente negligenciada pelo treinador em causa.

3.1.3 Análise dos quatro jogos em simultâneo - Dimensão Conteúdo

Tabela 6: Frequências Relativas e Unidades de Registo da Dimensão Conteúdo ao longo dos quatro jogos

Jogos	PA x FCP		Física x PA		PA x SCP		Braga x PA	
3-Conteúdo	UR	%	UR	%	UR	%	UR	%
A - Técnico	0	0,0%	3	2,1%	0	0,0%	0	0,0%
A.1-Individual	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%
A.2-Coletiva	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%
A.3-Finalização Equipa	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%
A.4 - Finalização Grupo	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%
A.5 – Finalização Atleta	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%
A.6-Patinagem	0	0,0%	3	2,1%	0	0,0%	0	0,0%
B-Tático	68	51,5%	51	35,6%	43	35,9%	56	36,9%
B.1-Individual Ofensiva	0	0,0%	0	0,0%	1	0,8%	7	4,6%
B.2 – Individual Defensiva	3	2,3%	2	1,4%	0	0,0%	1	0,7%
B.3 – Grupo Ofensiva	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	1	0,7%
B.4 – Grupo Defensiva	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%
B.5 – Coletiva Ofensiva	24	18,2%	19	13,0%	38	31,8%	24	15,8%
B.6 – Coletiva Defensiva	34	25,7%	28	19,1%	4	3,3%	15	9,8%
B.7 - Transição Ofensiva	5	3,8%	2	1,4%	0	0,0%	7	4,6%
B.8 - Transição Defensiva	0	0,0%	1	0,7%	0	0,0%	1	0,7%
B.9 - Power Play Ofensivo (4x3)	2	1,5%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%
B.10 - Underplay (3x4)	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%
B.11 - Inferioridade Numérica Ofensiva	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%
B.12 - Superioridade Numérica Defensiva	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%
C - Psicológico	11	8,3%	13	9,1%	29	24,1%	7	4,6%
D - Físico	0	0,0%	5	3,5%	2	1,6%	1	0,7%
D.1 - Velocidade	0	0,0%	0	0,0%	2	1,6%	0	0,0%
D.2 - Resistência	0	0,0%	3	2,1%	0	0,0%	0	0,0%
D.3 - Intensidade	0	0,0%	1	0,7%	0	0,0%	0	0,0%
D.4 - Aquecimento	0	0,0%	1	0,7%	0	0,0%	1	0,7%
E - Equipa Adversária	39	29,5%	27	18,9%	26	21,7%	66	43,4%
E.1 – Caracterização	6	4,4%	3	2,1%	1	0,8%	23	15,1%
E.2 - Transições Ofensivas	1	0,8%	0	0,0%	1	0,8%	1	0,7%

E.3 - Transições Defensivas	1	0,8%	0	0,0%	1	0,8%	1	0,7%
E.4- Finalização Equipa	1	0,8%	3	2,1%	0	0,0%	0	0,0%
E.5 – Finalização Grupo	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%
E.6 – Finalização Atleta	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	3	2,0%
E.7 – Equipa Ofensivamente	12	9,0%	6	4,2%	6	5,0%	7	4,6%
E.8 – Equipa Defensivamente	2	1,5%	4	2,8%	9	7,5%	4	2,6%
E.9 – Grupo Ofensivamente	3	2,3%	1	0,7%	0	0,0%	0	0,0%
E.10 – Grupo Defensivamente	4	3,0%	0	0,0%	2	1,7%	3	2,0%
E.11 – Atleta Ofensivamente	0	0,0%	3	2,1%	5	4,3%	10	6,5%
E.12 – Atleta Defensivamente	3	2,3%	3	2,1%	0	0,0%	4	2,6%
E.13 - Guarda - Redes	1	0,8%	2	1,4%	1	0,8%	7	4,6%
E.14 – Físico Equipa	4	3,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%
E.15 – Físico Grupo	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%
E.16 – Físico Atleta	0	0,0%	1	0,7%	0	0,0%	3	2,0%
E.17 – Psicológico Equipa	1	0,8%	1	0,7%	0	0,0%	0	0,0%
E.18 – Psicológico Grupo	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%
E.19 – Psicológico Atleta	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%
F - Arbitragem	14	10,7%	44	30,8%	20	16,7%	22	14,4%
F.1 - Regra dos 45 segundos	1	0,9%	0	0,0%	0	0,0%	1	0,6%
F.2 - Faltas Técnicas	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%
F.3 - Faltas de Equipa	10	7,7%	15	10,5%	5	4,2%	5	3,2%
F.4 - Psicológico	0	0,0%	13	9,1%	4	3,3%	7	4,6%
F.5 - Caraterização	3	2,1%	16	11,2%	11	9,2%	9	5,9%
G - Sem conteúdo	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%
H - Indeterminado	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%
Total	132	100%	143	100%	120	100%	152	100%

Ao longo dos quatro jogos analisados pode constatar-se que a informação foi maioritariamente de cariz tático, sendo que a média ao longo dos jogos, atingiu os 39,8%.

A percentagem obtida por este estudo está abaixo da obtida por Pacheco (2005), na qual cada treinador debitava em média 60,2% de informação tática, assim como, também está abaixo, comparativamente com o estudo levado a cabo por Barroja (2005), pois em média o seu treinador debitou 74,4% de informação tática, que se encontrava englobada com a categoria técnica. No mesmo contexto, Santos & Rodrigues (2008) afirmam que na 2.^a Divisão B do campeonato nacional de Futebol, 55,5% da informação proferida é de ordem tática.

Constata-se que foi no jogo com o FCP que o presente objeto de estudo emitiu mais informação de cariz tático, algo que não deixa de ser normal, tendo em conta a valia do opositor. Como tal, o treinador ciente que só o coletivo poderia levar de vencida uma equipa como o FCP não se inibiu de proferir mais de metade da sua preleção sobre aspetos táticos.

Nos restantes jogos existiu uma homogeneidade em relação a esta categoria, variando as percentagens entre os 35,6% e os 35,9%.

Apesar de ter imitado imensa informação tática, a mesma foi manifestamente inferior ao que os estudos de Pacheco (2005), Barroja (2005) e Santos & Rodrigues (2008) reportaram, atingindo 60,2%, 74,4% e 55,5%, respetivamente.

De referir que ao longo da categoria Tático, a mesma dividiu-se em subcategorias, sendo interessante dissecar os motivos para determinados resultados.

No jogo PA x FCP constatou-se que dos 51,5% de informação de cariz tático proferida nesse jogo, 18,2% foi referente a informação tática de cariz coletivo ofensivo e 25,7% de informação tática de cariz defensivo coletivo.

Tais resultados refletem bem a valia do opositor, pois o FCP é uma equipa que luta pelo título, tendo o treinador dissecado mais aspetos defensivos do que ofensivos na preleção que antecedeu o jogo.

Realce ainda, para o facto de 3,8% da informação tática, ser sido referente a aspetos sobre a transição ofensiva, demonstrando que a sua ideia de jogo era jogar em contra ataque, pois sobre as transições defensivas o treinador não proferiu qualquer tipo de informação.

Neste jogo, 2,3% da informação proferida foi sobre aspetos táticos individuais defensivos, o que demonstra todas as preocupações do treinador por estar a defrontar o FCP, tendo referido vários aspetos individuais de foro defensivo a adotar por parte dos seus atletas com o intuito de contrariar a mais-valia do adversário, algo que não sucedeu nos aspetos Táticos Ofensivos Individuais (0,0%).

No jogo Física X PA, duas equipas com os mesmos objetivos no campeonato, o treinador prelecionou 35,6% de informação tática, tendo também dado mais ênfase a aspetos táticos coletivos, sendo 13,0% da sua informação sobre aspetos táticos coletivos ofensivos e 19,1% sobre aspetos táticos coletivos defensivos.

Nos jogos com o SCP e com o Braga, dois opositores claramente inferiores, podemos constatar que o treinador tinha muito mais preocupações sobre aspetos ofensivos do que defensivos.

Com o SCP, uma equipa que tinha acabado de subir à 1.^a Divisão, dos 35,9% de informação de cariz tático, 31,8% foi sobre aspetos coletivos ofensivos e apenas 3,3% sobre aspetos defensivos coletivos, o que demonstra bem que a sua preocupação era sobre como atacar a equipa do SCP, talvez por esta ser manifestamente inferior ao PA e não ter grandes argumentos ofensivos para fazer face à sua equipa.

No jogo com o Braga, 36,9% de informação foi tática, tendo sido 15,8% de informação Tática Coletiva Ofensiva e 9,8% de informação Tática Coletiva Defensiva, o que demonstra mais uma vez, a superioridade da sua equipa em relação ao Braga, pois o treinador teve mais preocupações do foro ofensivo do que defensivo, algo que nos jogos com opositores de maior nomeada (FCP e Física) tal não aconteceu.

De realce para os 4,6% de informação Tática Individual Ofensiva, na qual o treinador enfatizou pormenores individuais de determinados atletas da sua equipa ao longo do processo ofensivo, em grande parte, por ter a ideia que os seus avançados iam ser alvo de uma marcação individual por parte dos defesas do Braga.

As restantes subcategorias da categoria Tática, não apresentam valores significativos, tendo sido ou totalmente negligenciados pelo treinador ou pouco abordados.

No que concerne à informação de cariz Técnico, a mesma é quase nula no que diz respeito à informação debitada pelo treinador em questão, pois a mesma atingiu apenas 0,5% ao longo dos quatro jogos.

No seu estudo Pacheco (2005) concluiu que 4,0% da informação debitada pelos treinadores da 1.^a Liga de Futebol era sobre aspetos técnicos, enquanto Santos & Rodrigues (2008) constatarem que na 2.^a Divisão B debitaram 2,0% de informação sobre estes aspetos.

Tais resultados surpreendem na medida em que à partida na 1.^a Liga se encontram jogadores mais evoluídos tecnicamente do que na 2.^a Divisão B, daí seria normal falar-se mais de aspetos técnicos na 2.^a Divisão B do que na 1.^a Liga. Pode-se, entretanto, observar este fenómeno de outra forma, que é o facto do treinador da liga principal ser mais preocupado com os pormenores, não descurando tanto a parte técnica como o da 2.^a Liga.

Deve levar-se em linha de conta que o treinador em estudo à data estava a trabalhar com o 3.^o classificado do Campeonato Nacional da 1.^a Divisão de Hóquei em Patins, como tal, tinha ao seu dispor um leque de valorosos atletas, os quais não tinham com certeza grandes lacunas deste cariz ou ainda, que o treinador pode aproveitar os treinos durante a semana para abordar esses aspetos.

Ao analisar os quatro jogos salta à vista o jogo com o Física, pois foi o único onde emitiu informação sobre a categoria Técnica, tendo dispensado 2,1% da informação total desse jogo, sobre pormenores técnicos.

Tal facto justifica-se porque os seus atletas iam jogar num ringue com algumas deficiências ao nível do piso e tabelas, sendo sempre esses aspetos que o Física explora quando joga em casa, tendo o treinador objeto de estudo alertado várias vezes para as especificidades acima referidas, nomeadamente no que diz respeito aos aspetos relativos à patinagem dos atletas, pois todas as Unidades de Registo referenciadas sobre a categoria Técnica, foram relativos à subcategoria Patinagem (2,1%). Tal resultado justifica-se na medida que o ringue da Física é muito velho, não estando nas melhores condições, tendo inclusivamente vários tacos soltos.

No que concerne à categoria Psicológico, 11,0% da informação que o treinador debitou foi deste cariz, estando um pouco abaixo dos resultados obtidos por Pacheco (2005) - 13,8% - e muito abaixo dos resultados obtidos por Santos & Rodrigues (2008).

O facto de estar a treinar a equipa sensação do campeonato torna normal que não tenha tanta informação de cariz psicológico como os objetos de estudo dos outros autores comparados, pois a equipa estava extremamente motivada, não necessitando de grandes cuidados com esta vertente, a não ser para não caírem no deslumbamento.

Ao analisar os jogos verifica-se que o jogo PA x SCP atingiu valores na ordem dos 24,1%, estando os outros jogos entre os 4,6% e os 9,1%.

Tal resultado pode justificar-se com o facto de o SCP ter sido a única equipa a ganhar ao Paço de Arcos na primeira volta do campeonato e com uma polémica entrevista que o capitão do SCP concedeu antes do jogo da segunda volta, tendo o presente objeto de estudo aproveitado para potenciar os níveis de motivação da sua equipa, assim como tentado minimizar os efeitos da derrota na primeira volta para o jogo da segunda volta.

No que diz respeito à informação de cariz Físico, a mesma não é muito relevante para o treinador objeto de estudo ao longo das suas preleções, sendo que apenas 1,5% da informação proferida aborda esta questão.

Pacheco (2005) no seu estudo concluiu que os treinadores analisados não proferiram qualquer informação de cariz físico nas preleções dos jogos da 1.^a Liga, enquanto Santos & Rodrigues (2008) afirmaram que na amostra recolhida, apenas 0,9% da informação era de cariz físico, sendo ambos os resultados dos estudos congruentes com os obtidos nesta investigação.

Sobre esta categoria destaca-se o jogo com o Física, no qual 3,5% da informação foi sobre aspetos físicos. Tal resultado teve em grande parte a ver, com o facto de o Paço de Arcos apenas ter dois atletas seniores no banco, visto terem sido convocados dois jogadores para a seleção angolana, sendo os restantes jogadores juniores e, portanto, não oferecendo as mesmas garantias em caso de rotação. Por isso mesmo, o treinador em estudo terá apelado a uma maior consciencialização e racionalização do desgaste a despendido pelos seus atletas.

Em relação à informação emitida acerca da Equipa Adversária esta atinge os 29,0% da informação total proferida pelo treinador em questão, tendo valores superiores aos dos restantes estudos comparativos.

Santos & Rodrigues (2008) afirmam que no seu estudo 4,3% da informação era sobre a Equipa Adversária, enquanto no estudo de Pacheco (2005) esta categoria atingiu os 15,9%.

Já Barroja (2005) no seu estudo concluiu que 13,3% da informação proferida na preleção era sobre os adversários.

Ao analisar os quatro jogos, o disputado com o Braga destacou-se com 43,4% da informação transmitida a ser sobre o adversário. No entanto, este jogo teve a especificidade do treinador ter estado ausente durante a semana, o que o obrigou a descrever a equipa do Braga e os seus jogadores no momento de reunião antes do jogo, tendo exponenciado a informação deste cariz ao longo deste jogo comparando com os restantes.

Dos 43,4% de informação sobre a equipa adversária no jogo com o Braga, 15,1% foi a caracterizar o adversário, em grande parte, como foi dito anteriormente, por o treinador não o ter podido fazer durante a semana de trabalho.

Realce ainda para os 4,6% sobre aspetos ofensivos da equipa e os 2,6% sobre os aspetos defensivo da equipa e ainda para os 4,6% de informação proferida referente ao Guarda – Redes adversário, pois este era, segundo o treinador, um dos grandes pilares do adversário.

De realçar que também no jogo com o FCP esta categoria se destacou, tendo atingido os 29,5%, enquanto com o Física não passou dos 18,9% e com o SCP dos 21,7%.

A mais-valia do adversário, só por si, justifica tal importância tendo o objeto de estudo em questão sentido mais necessidade de falar sobre o adversário do que o normal, até porque dos quatro jogos analisados, este era o único contra um adversário que se encontrava acima na tabela classificativa.

Em relação ao jogo com o FCP, dos 29,5% de informação proferida sobre a equipa adversária, 4,4% foi para caracterizar a mesma, ou seja, o treinador focou os aspetos fortes e menos fortes do adversário, assim como especificidades do mesmo.

Constatou-se que o nosso objeto de estudo deu particular preponderância a informação referente a aspetos ofensivos da equipa, pois 9,0% da sua informação foi sobre esta subcategoria. Tal resultado demonstra a grande preocupação que o treinador tinha sobre o poderio ofensivo do FCP, equipa que era a mais concretizadora do campeonato aquando da realização do jogo PA x FCP.

Outra particularidade referente a este jogo e que também demonstra o poderio ofensivo do FCP é o facto de o treinador ter proferido 2,3% de informação sobre aspetos ofensivos referentes a um grupo de jogadores do FCP. O treinador, tentou desta forma, dar a conhecer as especificidades mais individuais de alguns jogadores do FCP, nomeadamente ao nível das diferentes posições que ocupam no ringue.

O facto de o FCP ser uma equipa extremamente ofensiva, propiciou que o treinador também enfatizasse alguns aspetos defensivos sobre determinado grupo de jogadores (3,0%) e ainda sobre aspetos Individuais Defensivos (2,3%), pois desta forma tentou dar a conhecer aos seus atletas a forma de atuar defensivamente dos avançados, médios ou defesas no aspeto defensivo e ainda de alguns jogadores individualmente, com o intuito dos seus atletas possam rentabilizar essa informação ao longo do jogo.

Neste jogo, o treinador explorou ainda ao longo da sua preleção os aspetos físicos do adversário, pois 3,0% da informação proferida ao longo da referida preleção, foi destinada á subcategoria “Físico Equipa”, pois o FCP teve um jogo a meio da semana e ainda esteve sujeito a várias viagens de avião.

No jogo com a Física, 18,9% da informação proferida foi destinada à equipa adversária, sendo que 2,1% da informação foi para caracterizar a equipa, 2,1% referentes à categoria “Finalização Equipa”, pois a Física joga muito perto da baliza adversária, tendo o treinador dado enfoque a esse facto.

Salienta-se neste jogo os 2,1% de informação proferida sobre a subcategoria “Atleta Ofensivamente”, pois a Física tem 1 jogador que assume capital importância na manobra da equipa e ainda os 1,4% de informação sobre o GR adversário (1,4%).

No que concerne ao jogo com o SCP, 21,7% da informação foi sobre a equipa adversária.

Neste jogo, salienta-se os 4,3% de informação referente à subcategoria “Atleta Ofensivamente”, pois o SCP tem algumas variantes de jogo ofensivo mediante a presença em ringue de determinados atletas, tendo o treinador tentado munir os seus atletas sobre o máximo de informação referente a esses mesmos atletas.

No que diz respeito à categoria Arbitragem, nestes quatro jogos analisados após a reformulação das regras no Hóquei em Patins, esta assume uma maior importância – 18,2% -, quando comparada com os resultados obtidos das preleções antes da reformulação das regras - 00,0%.

Na 1.^a Liga de Futebol, de acordo com Pacheco (2005), os treinadores debitavam 3,8% de informação sobre situações de arbitragem e na 2.^a divisão B 4,3%, segundo Santos & Rodrigues (2008).

Constata-se que o treinador objeto de estudo obteve, percentagens inferiores em relação aos estudos comparativos acima referenciados,

Tal facto permite concluir que as regras atuais vieram trazer uma maior subjetividade ao jogo e são, cada vez mais, parte integrante da estratégia a adotar para o jogo, tornando-se, atualmente, um fator mais decisivo para o resultado final do jogo no Hóquei em Patins do que no Futebol.

Nesta categoria destaca-se o jogo com o Física, onde 30,8% da informação debitada foi sobre este aspeto, estando claramente acima relativamente aos outros três jogos analisados, nos quais obteve 10,7%, (PA x FCP), 16,7% (PA x SCP) e 14,4% (Braga x PA).

Tal resultado pode-se justificar, na medida em que o jogo do Física é muito propício ao contato físico dentro da área, tendo sido, por exemplo, de acordo com a preleção do treinador, beneficiada na jornada anterior com seis lances de grande penalidade.

Em, grande parte, o treinador caracterizou a equipa de arbitragem, pois era a mesma que os tinham arbitrado anteriormente e segundo o treinador, com claros prejuízos para a sua equipa.

Outro dos fatores a considerar é as bancadas serem muito perto do ringue, o que pode, segundo o treinador analisado, atemorizar os árbitros, tendo o treinador dissegado muita informação acerca de aspetos psicológicos da dupla de arbitragem.

O treinador, desta forma, tentou que os seus atletas fossem mais familiarizados com esta dupla de arbitragem.

No que diz respeito à categoria Arbitragem, ao analisarmos as diferentes subcategorias na totalidade dos quatro jogos, observamos que o treinador dá pouco realce à

regra dos 45 segundos e às Faltas Técnicas, talvez por estas duas infrações não terem grande peso no resultado final.

Ao invés, o treinador enfatiza nas suas preleções os aspetos relacionados com a Caraterização da dupla de arbitragem, aspetos Psicológicos dos mesmos e ainda sobre as Faltas de Equipa, pois na totalidade dos 18,2% de informação proferida sobre arbitragem ao longo dos quatro jogos, 6,4% foi sobre Faltas de Equipa, 4,4% sobre os aspetos Psicológicos da dupla de arbitragem e 7,0% a Caraterizar a equipa de arbitragem.

Em suma, pode-se concluir que ao nível do conteúdo o treinador em estudo debitou essencialmente informação de cariz tático, com 39,8% e sobre a equipa adversária, com 29,0%, não descurando as questões psicológicas, com 11,0% e dando uma grande relevância a questões de arbitragem, com 18,2%.

3.2. Apresentação dos Resultados relativos ao Conhecimento Declarativo do Treinador

Nesta fase do trabalho iremos dissecar cada inquérito referente ao conhecimento declarativo do treinador e analisar o seu nível de congruência, ou seja, iremos verificar se a informação preconizada pelo objeto de estudo como mais ou menos importante de ser abordada na preleção de cada jogo o é efetivamente.

Importa referir que cada preleção é diferente da outra, cada uma tem contextos específicos, como tal, parece-nos de todo pertinente analisar numa primeira fase cada inquérito de cada preleção e posteriormente realizar a respetiva conclusão final, que contará com os resultados totais dos inquéritos preenchidos e dos resultados obtidos em cada preleção (através de unidades de registo).

Importa reforçar que o inquérito será preenchido em sentido ascendendo, no qual o Nível 1 equivale a Nada importante e o Nível 5 a Bastante Importante.

3.2.1. Inquérito referente ao conhecimento declarativo relativo ao jogo 1 – PA x FCP

Tabela 7: Inquérito referente ao conhecimento declarativo relativo ao jogo 1 - Pa x FCP

DIMENSÃO	1 Nada importante	2 Pouco Importante	3 Importante	4 Consideravelmente importante	5 Bastante importante
1-Objetivo					
Avaliação +	X				
Avaliação -	X				
Descrição					X
Prescrição					X
Interrogação		X			
Afetividade +		X			
Afetividade -	X				
2- Direção					
Atleta			X		
Grupo	X				
Equipa					X
3-Conteúdo					
A -Técnico			X		
A.1-Individual		X			
A.2-Coletiva		X			
A.3-Finalização Equipa			X		
A.4 - Finalização Grupo		X			
A.5 – Finalização Atleta			X		
A.6-Patinagem		X			
B-Tático					X
B.1-Individual Ofensiva		X			
B.2 – Individual Defensiva			X		
B.3 – Grupo Ofensiva		X			
B.4 – Grupo Defensiva		X			
B.5 – Coletiva Ofensiva					X
B.6 – Coletiva Defensiva					X
B.7 - Transição Ofensiva				X	
B.8 - Transição Defensiva			X		
B.9 - Power Play Ofensivo (4x3)			X		
B.10 - Underplay (3x4)			X		

B.11 - Inferioridade Numérica Ofensiva		X			
B.12 - Superioridade Numérica Defensiva		X			
C - Psicológico			X		
D - Físico		X			
D.1 - Velocidade		X			
D.2 - Resistência		X			
D.3 - Intensidade		X			
D.4 - Aquecimento					X
E - Equipa Adversária					X
E.1 – Caraterização				X	
E.2 - Transições Ofensivas			X		
E.3 - Transições Defensivas			X		
E.4- Finalização Equipa			X		
E.5 – Finalização Grupo	X				
E.6 – Finalização Atleta		X			
E.7 – Equipa Ofensivamente					X
E.8 – Equipa Defensivamente				X	
E.9 – Grupo Ofensivamente			X		
E.10 – Grupo Defensivamente			X		
E.11 – Atleta Ofensivamente		X			
E.12 – Atleta Defensivamente		X			
E.13 - Guarda - Redes			X		
E.14 – Físico Equipa			X		
E.15 – Físico Grupo	X				
E.16 – Físico Atleta	X				
E.17 – Psicológico Equipa			X		
E.18 – Psicológico Grupo	X				
E.19 – Psicológico Atleta	X				
F - Arbitragem			X		
F.1 - Regra dos 45 segundos	X				
F.2 - Faltas Técnicas	X				
F.3 - Faltas de Equipa				X	
F.4 - Psicológico			X		
F.5 - Caraterização			X		
G - Sem conteúdo	-	-	-	-	-
H - Indeterminado	-	-	-	-	-

Relativamente ao jogo número um – PA x FCP podemos constatar que ao nível da Dimensão Objetivo, existe uma enorme congruência entre aquilo que o nosso objeto de estudo considera importante abordar no jogo supramencionado e aquilo que efetivamente diz.

O treinador referiu que para o jogo em causa, as categorias Descrição, Avaliação Negativa e Afetividade Negativa não eram importantes, tendo respondido com o Nível 1 (Nada Importante) ao grau de importância de 1 a 5 em escala ascendente e efetivamente o treinador não prelecionou informação deste teor durante a sua preleção.

Relativamente às categorias Interrogação e Afetividade Positiva, o objeto de estudo considerou-as de Pouco Importantes, atribuindo-lhes Nível 2.

A primeira categoria foi abordada em 2,2% das unidades de registo ao longo da sua preleção e a segunda em 0,8%, tendo desta forma, também elas um alto nível de congruência entre a importância que o treinador lhes conferiu e a informação proferida ao longo da sua preleção.

No que concerne à Dimensão Direção, a mesma divide-se nas categorias Atleta, Grupo e Equipa.

O treinador considerou a categoria Grupo como Nada Importante, tendo atribuindo-lhe Nível 1 e é um facto que a mesma não atingiu qualquer unidade de registo (0,0%), enquanto que à categoria Atleta atribui-lhe nível 3 (Importante), tendo atingido os 3,7% dos totais das unidades de registo.

Em relação à categoria Equipa, a mesma foi considerada Bastante Importante (Nível 5) pelo treinador e atingiu os 96,3%, sendo claramente a categoria mais utilizada ao longo desta dimensão e a única que mereceu por parte do treinador o nível 5 na escala ascendente de importância (Bastante Importante).

Relativamente à Dimensão Conteúdo, que foi dividida em oito categoria e quarenta e seis subcategorias, podemos começar por constatar que ao nível da categoria Técnico não existe congruência entre a informação que o treinador considera importante abordar e aquilo que efetivamente aborda, pois o nosso objeto de estudo considerou Importante (Nível 3) referir os aspetos técnicos e verdade é que esta categoria e por consequências as suas subcategorias não tiveram qualquer tipo de unidade de registo ao longo da preleção (0,0%).

No que diz respeito à categoria Tática, o treinador denominou-a de Bastante Importante (Nível 5) e constatou-se que o mesmo ao longo da sua preleção teve bastante cuidados sobre aspetos táticos, pois 51,5% da sua informação foi deste cariz.

No que diz respeito às subcategorias da categoria Tático, nem todas têm o mesmo nível de congruência.

Por exemplo, o treinador considera que as subcategorias Transição Defensiva, Power Play Ofensivo e Underplay eram Importantes (Nível 3) na abordagem deste jogo e no entanto na prática não lhes conferiu esse estatuto, pois a Transição Defensiva e o Underplay não foram abordados ao longo da preleção (0,0%) e dos 51,5% de informação tática, apenas 1,5% foi sobre aspetos referentes ao Power Play Ofensivo.

Ainda na categoria Tática, o treinador considera as seguintes de Pouco Importantes (Nível 2): Tática individual Ofensiva (0,3%), Tática Individual Defensiva (2,3%), Tática Grupo Ofensiva (0,0%), Tática Grupo Defensiva (0,0%), Inferioridade Numérica Ofensiva (0,0%) e Superioridade Numérica Defensiva (0,0%)

Ao analisarmos os resultados, constatamos que para o jogo em causa as subcategorias, Tática Grupo Ofensiva, Tática Grupo Defensiva, Inferioridade Numérica Ofensiva e Superioridade Numérica Defensiva não foram Pouco importantes (Nível 2), mas sim Nada Importantes (Nível 1), pois não tiveram qualquer unidade registo (0,0%).

Por sua vez, a subcategoria Tática Individual Ofensiva teve apenas 0,3% de informação deste teor, sendo também ela quase insignificante, algo que já não aconteceu com a subcategoria Tática Individual Defensiva, pois dos 51,5% de informação Tática, 2,3% foi referente a aspetos Táticos Individuais Defensivos, aceitando-se desta forma o Nível 2 (Pouco Importante) atribuído pelo treinador.

As subcategorias consideradas mais importantes pelo treinador, tendo sido-lhes atribuído o nível 5 (Bastante Importante), foi a Tática Coletiva Ofensiva (18,2%) e a Tática Coletiva Defensiva (25,7%).

Ao analisarmos os resultados, constatamos efetivamente, que existiu um alto nível de congruência entre o que era importante focar na preleção deste jogo e o que efetivamente foi focado, pois em 51,5% de informação Tática, 43,9% foi repartida entre as únicas duas subcategorias que o treinador considerou de Bastante Importantes (Nível 5).

No que diz respeito a categoria Psicológico, o treinador atribuiu-lhe o Nível 3 (Importante) e 8,3% da informação proferida ao longo da sua preleção foi sobre aspetos psicológicos, como tal, consideramos que existe congruência nos resultados obtidos nesta dimensão no jogo analisado e o conhecimento declarativo o treinador.

Em relação à categoria Físico, o treinador para este jogo considerou-a de Pouco Importante (Nível 2), no entanto, quer a categoria principal, quer as subcategorias não tiveram

qualquer tipo de unidades de registo (0,0%), como tal, o Nível 1 -Nada Importante é mais representativo da importância conferida pelo treinador a esta categoria para este jogo.

Em relação à categoria Equipa Adversária o treinador considerou-a de Bastante Importante (Nível 5) e a verdade é que a mesma obteve 29,5% da totalidade das unidades de registo, como tal, consideramos que é pertinente a classificação sobre o grau de importância que o treinador lhe concedeu.

Esta categoria foi subdividida em dezanove subcategorias, tendo o treinador concedido diferentes níveis de importância a cada uma delas.

O objeto de estudo, considerou as seguintes categorias de Nada Importantes (Nível 1) e constatámos que as mesmas foram efetivamente negligenciadas pelo treinador na preleção do jogo com o FCP, como tal, existe em relação a estas subcategorias um elevado nível de congruência entre a importância de cada uma para o jogo e aquilo que o treinador prelecionou sobre as mesmas, sendo elas: Equipa Adversária Finalização Grupo (0,0%), Equipa Adversária Físico Grupo (0,0%), Equipa Adversária Físico Atleta (0,0%), Equipa Adversária Psicológico Grupo (0,0%) e Equipa Adversária Psicológico Atleta (0,0%);

Nas subcategorias Equipa Adversária Finalização Atleta (0,0%), Equipa Adversária Atleta Ofensivo (0,0%), Equipa Adversária Atleta Defensivo (2,3%), o treinador classificou-as de Pouco Importantes (Nível 2), no entanto, podemos constatar que as duas primeiras foram completamente negligenciadas, pois em ambos os casos as mesmas não tiveram qualquer unidade de registo (0,0%), algo que não aconteceu com a subcategoria Equipa Adversária Atleta Defensivo (2,3%), na qual se justifica o grau de importância concedido pelo treinador.

Salta-nos à vista o facto de o treinador ter considerado Importante (Nível 3), as subcategorias Equipa Adversária Transição Ofensiva (0,8%), Equipa Adversária Transição Defensiva (0,8%), Equipa Adversária Finalização Equipa (0,8%), Equipa adversária Guarda Redes (0,8%) e Equipa Adversária Psicológico Equipa (0,8%), pois em todos os casos, as subcategorias atingem % insignificantes, não existindo desta forma um nível de congruência entre a importância que o treinador lhes pensava conferir e que efetivamente prelecionou na reunião de preparação para o jogo com o FCP.

Por sua vez, o treinador considerou de Importante (Nível 3) as subcategorias Equipa Adversária Grupo Ofensivo (2,3%) e Equipa Adversária Físico Equipa (3,0%) e constatamos que o treinador conferiu alguma importância a estas subcategorias na preleção.

O treinador considerou como Consideravelmente Importante (Nível 4) a caracterização da Equipa Adversária (4,0%) e a Equipa Adversária Defensivamente (3,0%), no entanto, apesar de ter dado relevo a ambas as subcategorias, as mesmas pelos resultados obtidos tinham um maior nível de congruência caso tivessem sido avaliadas como Importantes (Nível 3).

A única subcategoria que o treinador avaliou como Bastante Importante (Nível 5) foi a Equipa Adversária - Equipa Ofensivamente (9,0%). Constatamos que em 29,5% da informação proferida sobre a Equipa Adversária, 9,0% foi de teor ofensivo sobre a totalidade da equipa, justificando-se desta forma o Nível 5 (Bastante Importante) com que o treinador classificou esta categoria.

Tendo em conta que ia defrontar uma das melhores equipas do campeonato, é natural que o treinador tenha dissecado mais os aspetos ofensivos do adversário do que os defensivos.

Em relação à categoria Arbitragem, a mesma foi avaliada como Importante (Nível 3), tendo a mesma 10,7% das unidades de registo. A subcategoria mais abordada foi a Faltas de Equipa (7,7%), talvez pelo FCP ter exímios marcadores de bolas paradas, tendo também dado algum realce à caracterização da dupla de arbitragem (2,1%), algo que considerou como Importante (Nível 3).

3.2.2. Inquérito referente ao conhecimento declarativo relativo ao jogo 2 – Física x PA

Tabela 8: Inquérito referente ao conhecimento declarativo relativo ao jogo - Física x PA

DIMENSÃO	1 Nada importante	2 Pouco Importante	3 Importante	4 Consideravelmente importante	5 Bastante importante
1-Objetivo					
Avaliação +		X			
Avaliação -	X				
Descrição					X
Prescrição					X
Interrogação		X			
Afetividade +		X			
Afetividade -	X				
2- Direção					
Atleta		X			
Grupo	X				
Equipa					X
3-Conteúdo					
A -Técnico		X			
A.1-Individual		X			
A.2-Coletiva		X			
A.3-Finalização Equipa		X			
A.4 - Finalização Grupo		X			
A.5 – Finalização Atleta			X		
A.6-Patinagem				X	
B-Tático					X
B.1-Individual Ofensiva		X			
B.2 – Individual Defensiva			X		
B.3 – Grupo Ofensiva	X				
B.4 – Grupo Defensiva	X				
B.5 – Coletiva Ofensiva					X
B.6 – Coletiva Defensiva					X
B.7 - Transição Ofensiva			X		
B.8 - Transição Defensiva			X		
B.9 - Power Play Ofensivo (4x3)		X			
B.10 - Underplay (3x4)		X			

B.11 - Inferioridade Numérica Ofensiva		X			
B.12 - Superioridade Numérica Defensiva		X			
C - Psicológico				X	
D - Físico			X		
D.1 - Velocidade		X			
D.2 - Resistência			X		
D.3 - Intensidade		X			
D.4 - Aquecimento			X		
E - Equipa Adversária					X
E.1 – Caraterização			X		
E.2 - Transições Ofensivas		X			
E.3 - Transições Defensivas		X			
E.4- Finalização Equipa			X		
E.5 – Finalização Grupo	X				
E.6 – Finalização Atleta			X		
E.7 – Equipa Ofensivamente				X	
E.8 – Equipa Defensivamente				X	
E.9 – Grupo Ofensivamente		X			
E.10 – Grupo Defensivamente			X		
E.11 – Atleta Ofensivamente			X		
E.12 – Atleta Defensivamente			X		
E.13 - Guarda - Redes			X		
E.14 – Físico Equipa		X			
E.15 – Físico Grupo	X				
E.16 – Físico Atleta		X			
E.17 – Psicológico Equipa		X			
E.18 – Psicológico Grupo	X				
E.19 – Psicológico Atleta	X				
F - Arbitragem				X	
F.1 - Regra dos 45 segundos	X				
F.2 - Faltas Técnicas	X				
F.3 - Faltas de Equipa					X
F.4 - Psicológico					X
F.5 - Caraterização					X
G - Sem conteúdo	-	-	-	-	-
H - Indeterminado	-	-	-	-	-

No que concerne ao jogo número dois – Física x PA, existem categorias e subcategorias que importam realçar, não só pela sua importância para percebermos aquilo que o treinador considera mais ou menos pertinente abordar para obter o sucesso neste jogo, mas também para avaliarmos o nível de congruência entre aquilo que o objeto de estudo considera importante focar na preleção e aquilo que efetivamente aborda.

Em relação à Dimensão Objetivo existe um alto nível de congruência entre aquilo que o treinador considera abordar na preleção e que aquilo que efetivamente aborda.

O treinador considera Pouco Importante (Nível 2) focar informação sobre aspetos de Avaliação Positiva, Interrogação e Afetividade Positiva não tendo abordado ao longo da preleção qualquer informação deste tipo, pois em ambas as categorias não passou dos 0,0% de unidade de registo. Podemos constatar que o nível que seria mais congruente com os resultados obtidos seria o Nível 1 (Nada Importante), existindo deste forma um ligeiro desvio entre as intenções do treinador e o que realmente prelecionou.

O treinador considera Nada Importante (Nível 1) dissecar informação relativa a Avaliação Negativa e Afetividade Negativa, indo desta forma ao encontro com os resultados obtidos, pois as mesmas não têm qualquer tipo de significância ao longo da sua preleção (0,0%).

O treinador considerou de capital importância focar aspetos Descritivos e Prescritivos, tendo concedendo-lhes Nível 5 (Bastante Importante) e a verdade é que foram consideravelmente as duas categorias mais utilizadas ao longo da sua preleção com 48,3% e 51,7% das unidades de registo respetivamente.

Ao nível da Dimensão Direção, o treinador concedeu Nível 1 (Nada Importante) à informação dirigida aos Atleta (1,4%) e a Grupos de Atletas (0,0%), tendo em ambos os casos atingidos % de unidades de registo quase insignificantes.

Nesta dimensão, considerou a informação dirigida à Equipa como Bastante Importante (Nível 5) e é um facto que a mesma atingiu os 98,6% da totalidade das unidades de registo, sendo de uma forma esmagadora a categoria mais utilizada ao longo desta dimensão.

No que concerne à Dimensão Conteúdo, o treinador considerou para este jogo os aspetos Técnicos como Pouco Importantes (Nível 2), algo corroborado pelos resultados obtidos, pois apenas 2,1% da informação foi de cariz técnico.

No que diz respeito às subcategorias da categoria Técnica, o treinador considerou de Pouco Importantes (Nível 2) as subcategorias Técnico Individual (0,0%), Técnico Coletivo

(0,0%), Finalização equipa (0,0%) e Finalização Grupo (0,0%), mas podemos constatar que não houve qualquer tipo de informação referente a estas subcategorias ao longo da preleção do presente jogo.

O treinador concedeu ainda um Nível 3 (Importante) à subcategoria Finalização Atleta, mas a mesma também não teve qualquer unidade de registo ao longo da preleção.

A única subcategoria da categoria Técnica que teve unidades de registo foi a subcategoria Patinagem, a qual foi avaliada como Consideravelmente Importante (Nível 4), mas que teve apenas 2,1% das unidades de registo totais ao longo da preleção.

Concluimos desta forma, que ao nível da categoria Técnica e respetivas subcategorias houve uma baixo nível de congruência entre aquilo que o treinador considerava importante abordar e aquilo que efetivamente abordou.

Ao nível da Categoria Tático, a qual foi considerada pelo treinador de Bastante Importante (Nível 5), a mesma mostrou ao longo da preleção ser aquela com que o treinador teve mais preocupações, pois 35,6% da informação total prelecionada pelo treinador foi referente a aspetos táticos, justificando desta forma o grau de importância concedido pelo treinador no respetivo inquérito.

Relativamente às subcategorias referentes à categoria Tático, o treinador considerou de Nada Importante (Nível 1) focar aspetos Táticos Ofensivos e Defensivos referentes a Grupos de Atletas, sendo desta forma congruente com os resultados obtidos (0,0% em ambos os casos).

O treinador considerou de Pouco Importante (Nível 2) focar aspetos referentes ao Power Play Ofensivo, Underplay, aspetos Táticos Individuais Ofensivos, Inferioridade Numérica Ofensiva e Superioridade Numérica Defensiva, tendo em ambos os casos negligenciado por completo estas subcategorias, pois todas elas não passaram dos 0,0% das unidades de registo, como tal, consideramos que o Nível 1 (Nada Importante) era mais congruente com aquilo que efetivamente disse.

O treinador considerou Importante (Nível 3) focar aspetos Individuais Defensivos (1,4%), Transição Ofensiva (1,4%) e Transição Defensiva (0,7%), no entanto, ambas as subcategorias apresentam % consideravelmente baixas, não indo desta forma ao encontro com o nível de importância concedido pelo treinador.

Neste jogo, o treinador considerou como Bastante Importante (Nível 5) focar aspetos Coletivos Ofensivos (13,0%) e Coletivos Defensivos (19,1%), algo que os resultados obtidos

demonstram, pois dos 35,6% de informação tática abordada para este jogo 32,1% da informação foi repartida por estas duas subcategorias.

Ao nível da categoria Psicológico, o treinador considerou-a de Consideravelmente Importante (Nível 4), sendo que 9,1% da informação total do objeto de estudo na reunião de preparação para o jogo ter sido sobre aspetos psicológicos, sendo desta forma, efetivamente uma categoria Consideravelmente Importante de ser abordada para este jogo.

Relativamente à categoria Físico (3,5%), o treinador considerou-a de Importante (Nível 3), indo ao encontro dos resultados obtidos, pois nesta preleção 3,5% da informação total foi sobre aspetos Físicos.

Ao nível das subcategorias, o treinador considera de Pouco Importante (Nível 2) focar aspetos relativos à Velocidade (0,0%) e Intensidade (0,7%) e de Importante (Nível 3) relativos à Resistência (2,1%) e Aquecimento (0,7%). Constatamos que em todos os casos, o treinador sobrevalorizou ligeiramente as quatro subcategorias relativamente ao que considerava importante prelecionar e o que efetivamente abordou.

No que diz respeito à categoria Equipa Adversária, o treinador considerou-a de Bastante Importante (Nível 5) de ser dissecada na preleção e 18,9% da informação total foi deste cariz, existindo nesta categoria uma congruência entre as intenções de verbalizar e o que efetivamente verbalizou.

Ao nível das respetivas subcategorias da categoria supramencionada, o treinador considerou de Nada Importante (Nível 1) aprofundar aspetos referentes ao Físico Grupo (0,0%), Psicológico Grupo (0,0%), Psicológico Atleta (0,0%) e Finalização Grupo (0,0%) e em todos os casos o treinador não verbalizou qualquer tipo de informação deste cariz.

O treinador também mostrou um elevado nível de congruência, ao ter considerado Pouco Importante (Nível 2) focar aspetos referentes à Transição Ofensiva do Adversário (0,0%), Transição Defensiva (0,0%), Grupo Ofensivo (0,7%), Físico Equipa (0,0%), Físico Atleta (0,7%) e Psicológico Equipa (0,7%), tendo em todas elas resultados quase insignificantes ou mesmo sem qualquer tipo de unidade de registo.

É importante focar, que tais resultados não demonstram que o treinador não considera estes aspetos importantes para obter o sucesso no jogo, apenas não os considerou vitais de serem abordados na preleção, podendo por exemplo ter sido abordados ao longo dos treinos.

O treinador considerou algumas subcategorias de Importantes (Nível 3), tendo sido encontrada alguma incongruência entre o que considerava importante abordar e o que efetivamente abordou.

Se ao nível das subcategorias Caraterização (2,1%), Atleta Ofensivo (2,1%), Finalização Equipa (2,1%) e Atleta Defensivo (2,1%) através dos resultados obtidos demonstra alguma importância concedida pelo treinador, já as categorias Finalização Atleta (0,0%), Grupo Defensivo (0,0%) e Guarda – Redes (1,4%), os resultados demonstram que no inquérito o treinador sobrevalorizou as referidas categorias (Nível 3) em relação ao que efetivamente prelecionou.

Consideramos que também existiu uma sobrevalorização das subcategorias Equipa Ofensivamente (4,2%) e Equipa Defensivamente (2,8%), pois as mesmas não tiveram uma taxa de verbalização por parte do treinador condizente com o grau de importância que o mesmo lhes concedeu no inquérito (Nível 4 – Consideravelmente Importante).

No que diz respeito à categoria Arbitragem, a mesma foi considerada de Consideravelmente Importante (Nível 4) para este jogo, o que demonstrou uma ligeira subvalorização, pois esta categoria com 30,8% da informação total foi a segunda mais enfatizada por parte do treinador, como tal, consideramos que seria mais congruente que o treinador a tivesse considerado de Bastante Importante (Nível 5).

Tal facto tem muito a ver com a especificidade do adversário (ganham muitas Faltas de Equipa) e da própria dupla de arbitragem, a qual o treinador verbalizou 11,2% de informação a Caraterizá-la e 9,1% a focar aspetos psicológicos desta mesma dupla.

O treinador enfatizou ainda aspetos relativos à marcação de Faltas de Equipa (10,5%). De referir que nas três subcategorias acima referenciadas o treinador classificou-as de Bastante Importante (Nível 5), algo que indo ao encontro dos resultados obtidos nos parece apropriado.

3.2.3. Inquérito referente ao conhecimento declarativo relativo ao jogo 3 – PA x SCP

Tabela 9: Inquérito referente ao conhecimento declarativo relativo ao jogo 3 - PA x SCP

DIMENSÃO	1 Nada importante	2 Pouco Importante	3 Importante	4 Consideravelmente importante	5 Bastante importante
1-Objetivo					
Avaliação +			X		
Avaliação -	X				
Descrição					X
Prescrição					X
Interrogação	X				
Afetividade +		X			
Afetividade -	X				
2- Direção					
Atleta	X				
Grupo	X				
Equipa					X
3-Conteúdo					
A -Técnico		X			
A.1-Individual		X			
A.2-Coletiva		X			
A.3-Finalização Equipa		X			
A.4 - Finalização Grupo		X			
A.5 – Finalização Atleta		X			
A.6-Patinagem		X			
B-Tático					X
B.1-Individual Ofensiva		X			
B.2 – Individual Defensiva		X			
B.3 – Grupo Ofensiva	X				
B.4 – Grupo Defensiva	X				
B.5 – Coletiva Ofensiva					X
B.6 – Coletiva Defensiva					X
B.7 - Transição Ofensiva		X			
B.8 - Transição Defensiva		X			
B.9 - Power Play Ofensivo (4x3)		X			
B.10 - Underplay (3x4)		X			

B.11 - Inferioridade Numérica Ofensiva	X				
B.12 - Superioridade Numérica Defensiva	X				
C - Psicológico					X
D - Físico		X			
D.1 - Velocidade		X			
D.2 - Resistência	X				
D.3 - Intensidade	X				
D.4 - Aquecimento			X		
E - Equipa Adversária					X
E.1 – Caraterização			X		
E.2 - Transições Ofensivas			X		
E.3 - Transições Defensivas		X			
E.4- Finalização Equipa			X		
E.5 – Finalização Grupo	X				
E.6 – Finalização Atleta	X				
E.7 – Equipa Ofensivamente					X
E.8 – Equipa Defensivamente					X
E.9 – Grupo Ofensivamente	X				
E.10 – Grupo Defensivamente		X			
E.11 – Atleta Ofensivamente			X		
E.12 – Atleta Defensivamente	X				
E.13 - Guarda - Redes		X			
E.14 – Físico Equipa	X				
E.15 – Físico Grupo	X				
E.16 – Físico Atleta	X				
E.17 – Psicológico Equipa	X				
E.18 – Psicológico Grupo	X				
E.19 – Psicológico Atleta	X				
F - Arbitragem				X	
F.1 - Regra dos 45 segundos	X				
F.2 - Faltas Técnicas	X				
F.3 - Faltas de Equipa			X		
F.4 - Psicológico			X		
F.5 - Caraterização				X	
G - Sem conteúdo	-	-	-	-	-
H - Indeterminado	-	-	-	-	-

Ao nível da dimensão Objetivo o treinador concedeu diferentes níveis de importância às várias categorias em análise.

O treinador concedeu Nível 1 (Nada Importante) às categorias Avaliação Negativa (1,7%), Interrogação (1,7%) e Afetividade Negativa (0,0%).

Das três categorias supramencionadas, apenas a Afetividade Negativa nunca foi mencionada ao longo da preleção, tendo as restantes pouco significado, pois em ambos os casos as mesmas foram mencionadas em 1,7% do total das unidades de registo.

O objeto de estudo considerou de Importante (Nível 3) prelecionar informação sobre Avaliação Positiva, algo que o fez em 4,1% da totalidade das unidades de registo, ou seja, não foi uma categoria negligenciada, mas também não foi uma categoria que tenha tido uma importância exacerbada ao longo da preleção, como tal consideramos que o nível concedido pelo treinador se ajusta aos resultados obtidos.

O treinador considerou como Bastante Importante (Nível 5) emitir informação Descritiva (49,2%) e Prescritiva (42,5%) e em ambos os casos foram claramente as categorias mais utilizadas, pois as duas categorias perfazem um total de 91,7% da informação emitida, atingindo desta forma um elevado nível de congruência entre aquilo que o treinador considerava importante abordar e efetivamente aquilo que abordou.

Ao nível da Dimensão Direção, o treinador considerou de Nada Importante (Nível 1) dirigir informação a Atletas Individuais (0,9%) e a Grupos de Atletas (0,0%) e em ambos os casos atingem % insignificantes ou nulas.

No que concerne à informação dirigida à Equipa, o treinador focou 99,1% da sua informação para a totalidade dos atletas, indo ao encontro do Nível 5 (Bastante Importante) concedido pelo treinador, ou seja, também nesta categoria existe um alto nível de congruência entre as expectativas do treinador e a informação que efetivou.

Ao nível da Dimensão Conteúdo, o treinador considerou Pouco Importante (Nível 2) focar informação relativa à categoria principal (Técnica) como às suas subcategorias (Individual, Coletivo, Finalização Equipa, Finalização Grupo e Patinagem). Todas elas foram completamente ignoradas pelo treinador (0,0%), como tal, o nível que mais se adequava era o Nível 1 (Nada Importante).

O treinador considerou de Bastante Importante (Nível 5) abordar questões Táticas e é um facto que foi uma categoria extremamente verbalizada, tendo sido mesmo a mais referenciada pelo treinador com 35,9% da informação total a ser de foro tático, indo desta forma ao encontro do Nível 5 (Bastante Importante) atribuído pelo treinador.

Ao nível das subcategorias da categoria Tático, o treinador considerou Nada Importante (Nível 1) focar aspetos Táticos Ofensivos e Defensivos sobre Grupos de Atletas (0,0%) e ainda sobre Inferioridade Numérica Ofensiva (0,0%) e Superioridade Numérica Defensiva (0,0%).

Todos os resultados obtidos vão ao encontro do conhecimento declarativo do treinador, pois todas as subcategorias não passam dos 0,0% de informação proferida pelo treinador, ou seja, esta ausência de informação relativa a estas subcategorias demonstram um alto nível de congruência entre o conhecimento declarativo do treinador e aquilo que prelecionou.

Em relação às subcategorias Tática Individual Ofensiva, Tática Individual Defensiva, Transição Ofensiva, Transição Defensiva, Power Play Ofensivo e Underplay, o treinador considerou-as de Pouco Importante (Nível 2). Em todos os casos houve uma ausência total de informação, não passando nenhuma dos 0,0% de unidades de registo, como tal, o treinador sobrevalorizou ligeiramente estas subcategorias no seu conhecimento declarativo em relação à importância que lhes concedeu aquando do preenchimento do inquérito.

Uma vez mais, também neste jogo o treinador considerou de Bastante Importante (Nível 5) focar aspetos Táticos Coletivos Ofensivos (31,8%) e Táticos Coletivos Defensivos (3,3%).

Se no que concerne aos aspetos Táticos Ofensivos Coletivos, constata-se uma enorme congruência entre aquilo que o treinador tinha como expectativa de ser bastante importante e aquilo que efetivamente prelecionou, já nos aspetos Táticos Defensivos Coletivos existe uma enorme dispersão entre o conhecimento declarativo do treinador (Nível 5) e a informação que proferiu sobre esta subcategoria (apenas 3,3%).

Em relação à Categoria Psicológico, o treinador considerou-a de Bastante importante (Nível 5), talvez por ir defrontar uma equipa manifestamente inferior, mas que já tinha derrotado a sua equipa na 1.^a volta do campeonato.

24,1% das unidades de registo do treinador nesta preleção foram sobre aspetos psicológicos, indo desta forma ao encontro das expectativas do treinador, ou seja, o mesmo considerava esta categoria bastante importante de ser abordada e foi efetivamente uma categoria, cuja informação foi extremamente referenciada ao longo da preleção, justificando-se desta forma o Nível 5 (Bastante importante) atribuído pelo treinador.

Em relação à categoria Físico o treinador considerou-a de Pouco Importante (Nível 2) de ser abordada e apenas o foi em 1,6% da informação total.

Os 1,6% desta categoria foram aplicados na totalidade na subcategoria Velocidade (1,6%), que foi conotada também como Pouco Importante (Nível 2) por parte do treinador.

O treinador considerou Nada importante (Nível 1) focar aspetos relativos à Resistência dos atletas e à Intensidade dos mesmos e é um facto que ambas as subcategorias ficam marcadas por uma ausência total de informação por parte do treinador (0,0%).

O objeto de estudo considerou Importante (Nível 3) focar aspetos relacionados com o Aquecimento, mas durante a preleção nunca mencionou qualquer unidade de registo acerca desta temática, não passando também dos 0,0%, ou seja, denotou-se nesta subcategoria uma incongruência entre o conhecimento declarativo e processual do treinador.

No que diz respeito à informação referente à categoria Equipa Adversária, o treinador classificou-a de Bastante Importante (Nível 5). Ao analisarmos os resultados, constatamos que esta categoria foi a segunda que o treinador conferiu mais importância, com 21,7% da informação total ser referente à Equipa Adversária, confirmando-se desta forma a importância concedida a estes aspetos pelo treinador (Nível 5).

As seguintes subcategorias foram todas classificadas de Nada Importantes (Nível 1) pelo treinador, no que à preleção do jogo PA x SCP diz respeito:

Equipa Adversária Finalização Grupo (0,0%), Equipa Adversária Finalização Atleta (0,0%), Equipa Adversária Grupo Ofensivo (0,0%), Equipa Adversária Atleta Defensivo (0,0%), Equipa Adversária Físico Grupo (0,0%), Equipa Adversária Físico Atleta (0,0%), Equipa Adversária Psicológico Equipa (0,0%), Equipa Adversária Psicológico Grupo (0,0%) e Equipa Adversária Psicológico Atleta (0,0%);

Ao analisarmos os resultados constatamos que efetivamente o treinador não lhes conferiu qualquer importância na preleção do jogo supramencionado, pois existe em todos os casos uma ausência total de informação relativa a estas subcategorias (0,0% de unidades de registo), existindo desta forma uma perceção coerente da parte do treinador.

O treinador considerou de Pouco Importante (Nível 2) as subcategorias Equipa Adversária Transição Defensiva (0,8%), Equipa Adversária Grupo Defensivo (1,7%) e Guarda – Redes (0,8%) e em todos os casos obtêm resultados quase insignificantes de unidades de registo preleccionadas por parte do treinador.

Para o treinador, era Importante (Nível 3) focar aspetos sobre a Finalização da Equipa Adversária, no entanto o mesmo nunca direccionou qualquer unidade de registo sobre este assunto (0,0%), existindo uma incoerência entre o conhecimento declarativo do treinador e a informação proferida sobre esta temática.

O treinador também considerou de Importante (Nível 3) Caraterizar o Adversário (0,8%), focar aspetos da Transição Ofensiva do Adversário (0,8%) e ainda sobre Atletas Ofensivamente do Adversário (4,3%).

As duas primeiras subcategorias atingem resultados quase nulos, sendo desta forma sobrevalorizados pelo treinador no seu inquérito de intenções para o jogo em causa, no entanto, podemos aferir um nível de congruência entre o conhecimento declarativo do treinador e a informação que efetivou acerca do Atleta Ofensivamente, o qual considerou de Importante (Nível 3) e teve 4,3% de unidades de registo.

Para o treinador, os aspetos mais importantes a serem focados seriam os relativos à Equipa Ofensivamente (5,0%) e Equipa Defensivamente (7,5%) e podemos constatar que num universo total de 21,7% de informação total sobre a Equipa Adversária, mais de metade dessa informação (12,5%) foi dividida por estas duas subcategorias, indo desta forma ao encontro de expetativas do treinador.

Em relação à categoria Arbitragem, a mesma foi classificada de Consideravelmente Importante (Nível 4) e 16,7% da informação do treinador para este jogo foi referente a questões de arbitragem. Consideramos que existe congruência entre o conhecimento declarativo e processual do treinador e a informação referente a esta categoria.

Ao nível das respetivas subcategorias, o treinador classificou de Nível 1 (Nada importante) a regra dos 45 segundos (0,0%) e as Faltas Técnicas (0,0%) e efetivamente foram totalmente negligenciadas por parte do treinador.

O treinador considerou Importante (Nível 3) focas aspetos sobre as Faltas de Equipa (4,2%) e aspetos Psicológicos da dupla de arbitragem (3,3%), o que tendo em conta que estamos a falar de um universo total desta categoria de 16,7% podemos considerar que houve congruência por parte do treinador entre o que expectou e a informação que produziu.

O objeto de estudo classificou de Consideravelmente Importante (Nível 4) a Caraterização da dupla de arbitragem (9,2%). Consideramos que para os 16,7% totais de informação sobre arbitragem, esta subcategoria foi Bastante importante (Nível 5), ou seja, foi ligeiramente subvalorizada por parte do treinador.

3.2.4. Inquérito referente ao conhecimento declarativo relativo ao jogo 4 – Braga x PA

Tabela 10: Inquérito referente ao conhecimento declarativo relativo ao jogo 4 - Braga x PA

DIMENSÃO	1 Nada importante	2 Pouco Importante	3 Importante	4 Consideravelmente importante	5 Bastante importante
1-Objetivo					
Avaliação +		X			
Avaliação -	X				
Descrição					X
Prescrição					X
Interrogação	X				
Afetividade +		X			
Afetividade -	X				
2- Direção					
Atleta		X			
Grupo	X				
Equipa					X
3-Conteúdo					
A -Técnico		X			
A.1-Individual		X			
A.2-Coletiva		X			
A.3-Finalização Equipa			X		
A.4 - Finalização Grupo		X			
A.5 – Finalização Atleta			X		
A.6-Patinagem		X			
B-Tático					X
B.1-Individual Ofensiva				X	
B.2 – Individual Defensiva			X		
B.3 – Grupo Ofensiva	X				
B.4 – Grupo Defensiva	X				
B.5 – Coletiva Ofensiva					X
B.6 – Coletiva Defensiva					X
B.7 - Transição Ofensiva				X	
B.8 - Transição Defensiva		X			
B.9 - Power Play Ofensivo (4x3)		X			
B.10 - Underplay (3x4)		X			

B.11 - Inferioridade Numérica Ofensiva	X				
B.12 - Superioridade Numérica Defensiva	X				
C - Psicológico			X		
D - Físico		X			
D.1 - Velocidade		X			
D.2 - Resistência		X			
D.3 - Intensidade		X			
D.4 - Aquecimento			X		
E - Equipa Adversária					X
E.1 – Caraterização				X	
E.2 - Transições Ofensivas		X			
E.3 - Transições Defensivas		X			
E.4- Finalização Equipa			X		
E.5 – Finalização Grupo	X				
E.6 – Finalização Atleta		X			
E.7 – Equipa Ofensivamente			X		
E.8 – Equipa Defensivamente			X		
E.9 – Grupo Ofensivamente	X				
E.10 – Grupo Defensivamente	X				
E.11 – Atleta Ofensivamente				X	
E.12 – Atleta Defensivamente			X		
E.13 - Guarda - Redes				X	
E.14 – Físico Equipa	X				
E.15 – Físico Grupo	X				
E.16 – Físico Atleta			X		
E.17 – Psicológico Equipa	X				
E.18 – Psicológico Grupo	X				
E.19 – Psicológico Atleta	X				
F - Arbitragem				X	
F.1 - Regra dos 45 segundos	X				
F.2 - Faltas Técnicas	X				
F.3 - Faltas de Equipa			X		
F.4 - Psicológico				X	
F.5 - Caraterização				X	
G - Sem conteúdo	-	-	-	-	-
H - Indeterminado	-	-	-	-	-

No que concerne à Dimensão Objetivo, o treinador concedeu um variado leque de classificações no que diz respeito à importância que cada categoria tinha para a preleção do jogo Braga x PA.

O treinador concedeu Nível 1 (Nada Importante) à informação que ia prelecionar de Avaliação Negativa, Interrogação e Afetividade Negativa. Podemos constatar que com exceção da primeira, que tens uns insignificantes 0,7% de unidades de registo, as restantes não têm qualquer unidade de registo (0,0%), existindo coerência entre a expectativa do treinador e a informação proferida, assim como em relação à categoria Afetividade Positiva (0,7%) e Avaliação Positiva (1,9%) as quais foram classificadas de Pouco Importante (Nível 2).

O treinador considerou uma vez mais a informação Descritiva (53,9%) e Prescritiva (42,8%) como vitais para o sucesso da equipa, conotando-as de Nível 5 (Bastante Importante). Os resultados obtidos demonstram uma forte congruência entre o conhecimento declarativo e processual do treinador no que à informação Descritiva e Prescritiva diz respeito.

Em relação à Dimensão Direção, o treinador mostrou uma vez mais ser coerente na relação entre a quem considera mais importante dirigir a informação e a quem efetivamente o faz.

O objeto de estudo classificou a informação dirigida a um Atleta de Pouco Importante (Nível 2) e é um facto que dirigiu pouca informação a um determinado atleta da equipa, pois apenas 1,4% das suas unidades de registo foram para um atleta.

O treinador considerou de Nada Importante (Nível 1) a informação ser segregada por Grupos de Atletas e não emitiu qualquer informação referente a esta categoria (0,0%), indo ao encontro do seu conhecimento declarativo.

A quem considerava mais importante dirigir a sua preleção era à totalidade da Equipa e assim o fez, pois 98,6% da informação emitida foi para todos os elementos da equipa, provando assim ser coerente a quem considerava ser mais importante dirigir a informação, pois classificou-a de bastante importante (Nível 5).

No que concerne à Dimensão Conteúdo, o treinador não foi coerente no que à categoria Técnico e respetivas subcategorias diz respeito, pois nesta preleção não emitiu qualquer informação deste foro (0,0%), mas classificou-as com níveis distintos de importância, sendo eles:

- Técnico (Nível 2 – Pouco Importante);
- Técnico Individual (Nível 1 – Nada importante);

- Técnico Coletivo (Nível 1 – Nada importante);
- Técnico Finalização Equipa (Nível 3 – Importante);
- Técnico Finalização Grupo (Nível 2 – Pouco Importante);
- Técnico Finalização Atleta (Nível 3 – Importante);
- Técnico Patinagem (Nível 2 – Pouco Importante);

Em relação à categoria Tático o treinador considerou de Bastante Importante (Nível 5) toda a informação deste cariz e é um facto que foi um tipo de informação extremamente utilizada, pois 36,9% da informação total foi sobre questões táticas, indo ao encontro do conhecimento declarativo do treinador.

O objeto de estudo considerou Nada Importante (Nível 1) a informação relativa às subcategorias Tático Grupo Ofensivo (0,7%) e Defensivo (0,0%), Inferioridade Numérica Ofensiva (0,0%) e Superioridade Numérica Defensiva (0,0%). Podemos constatar que todas estas subcategorias têm valores nulos (0,0%) ou praticamente insignificantes (0,7%).

O treinador considerou de Pouco Importante (Nível 2) a informação referente às Transições Defensivas (0,7%), Power Play Ofensivo (0,0%) e Underplay (0,0%). Com a exceção da primeira subcategoria, as restantes foram ligeiramente sobrevalorizadas no inquérito de intenções, pois durante a preleção não tiveram qualquer unidade de registo.

Uma subcategoria que demonstrou ter resultados incoerentes com a expectativa do treinador foi a Tática Individual Defensivo, a qual o treinador considerou de Importante (Nível 3) para a preparação deste jogo, mas que apenas foi abordada em 0,7% da informação total prelecionada pelo treinador.

Em relação aos aspetos Táticos Individuais Ofensivos e à Transição Ofensiva os mesmos foram classificados de Consideravelmente Importantes (Nível 4), tendo obtido em ambos casos 4,6% da informação total. Consideramos que estas categorias foram ligeiramente sobrevalorizadas, sendo mais ajustada, face aos resultados obtidos a atribuição de Nível 3 (Importante).

O treinador considerou Bastante Importante (Nível 5) a informação relativa à categoria Tática Coletiva Ofensiva (15,8%) e à Tática Coletiva Defensiva (9,8%). Existe coerência por parte do treinador ao considerar estas duas subcategorias como as mais importantes, pois num universo total 36,9% de informação tática, 25,6% dessa mesma informação foi repartida por estas duas subcategorias.

Em relação à categoria Psicológico, a mesma foi classificada de Importante (Nível 3) e foi utilizada em 4,6% do total da informação, concedendo importância a esta categoria na preleção para o jogo.

A categoria Físico teve 0,7% das unidades de registo totais e foi considerada Pouco Importante (Nível 2), ou seja, existiu coerência entre o conhecimento declarativo e processual. Ao nível das subcategorias, o treinador considerou também Pouco Importante (Nível 2) focar aspetos relativos à Velocidade, Resistência e Intensidade dos atletas e em todos os casos houve uma ausência total de informação por parte do treinador (0,0%), ajustando-se mais, desta forma, a classificação de nada importante (Nível 1).

O treinador considerou Importante (Nível 3) falar sobre o aquecimento, mas apenas o fez em 0,7% da totalidade das unidades de registo, o que nos leva a considerar uma ligeira sobrevalorização por parte do treinador ao nível das expectativas sobre esta subcategoria, isto relacionando-a com os resultados obtidos.

Ao nível da Categoria Equipa Adversária, a mesma foi considerada de Bastante importante (Nível 5) de ser abordada e foi efetivamente a categoria mais referenciada pelo treinador com 43,4% das unidades de registo totais o que demonstra coerência por parte do treinador.

O treinador considerou Nada Importante (Nível 1) a informação relativa à Equipa Adversária Grupo Ofensiva (0,0%), Equipa Adversária Grupo Defensiva (2,0%), Equipa Adversária Físico Equipa (0,0%), Finalização Grupo (0,0%) e Equipa Adversária Psicológico Atleta, Grupo e Equipa (0,0% nas três subcategorias). Constatamos que o treinador foi coerente, com a exceção da subcategoria Equipa Adversária Grupo Defensiva (2,0%) a qual o treinador não conferia importância, mas que os resultados nos dizem que 2,0% da informação total prelecionada pelo treinador foi deste tipo.

Para o treinador, as categorias Finalização Atleta (2,0%), Transição Ofensiva (0,7%) e Transição Defensiva (0,7%) são consideradas Pouco Importantes (Nível 2), e constatamos que as mesmas atingem resultados pouco expressivos ao nível da verbalização do treinador na preleção antes do jogo, no entanto, salientamos que a Finalização Atleta (2,0%) teve efetivamente mais importância do que aquela que foi expectada pelo treinador.

O objeto de estudo considerou de Importante (Nível 3) as subcategorias Finalização Equipa (0,0%), Equipa Ofensiva (4,6%), Equipa Defensiva (2,6%), Atleta Defensivo (2,6%) e Físico Atleta (2,0%) e verificamos que com exceção da subcategoria Finalização Equipa, que

foi totalmente negligenciada pelo treinador, todas as outras demonstram coerência entre o conhecimento declarativo do treinador e a informação proferida.

Para o treinador, a Caraterização do Adversário (15,1%), O Atleta Ofensivo (6,5%) e o Guarda – Redes (4,6%) foram subcategorias classificadas como Consideravelmente Importantes (Nível 4). Consideramos que o treinador foi congruente, apesar da subcategoria Caraterização do Adversário, pelos resultados obtidos pudesse ter sido avaliada como Bastante importante (Nível 5).

Ao nível da categoria Arbitragem, a mesma foi classificada como Consideravelmente Importante (14,4%), tendo tido uma enorme expressão nos resultados totais de toda a informação prelecionada pelo treinador.

O treinador considerou Nada Importante (Nível 1) focar aspetos referentes à regra dos 45 segundos (0,6%) e Faltas Técnicas (0,0%). Por sua vez, classificou como Importante (Nível 3) focar aspetos relativos às Faltas de Equipa (3,2%) e Consideravelmente Importante (Nível 4) assuntos relacionados com aspetos Psicológicos da Dupla de Arbitragem (4,6%) e Caraterização dessa mesma dupla (5,9%).

Consideramos que ao nível da categoria arbitragem e demais subcategorias existiu coerência entre o conhecimento declarativo do treinador e a informação efetivada pelo treinador na preleção do jogo Braga x PA.

3.2.5. Apresentação dos resultados no total dos quatro jogos analisados:

Tabela 11: Total de Unidades de Registo e de Frequências Relativas no total das quatro preleções

DIMENSÃO	Época 2012 / 2013	
1-Objetivo	Unidades de Registo	%
Avaliação +	8	1,5%
Avaliação -	3	0,5%
Descrição	266	48,6%
Prescrição	263	48,0%
Interrogação	5	0,9%
Afetividade +	3	0,5%
Afetividade -	0	0,0%
2- Direção	Unidades de Registo	%
Atleta	11	2,1%
Grupo	0	0,0%
Equipa	537	97,9%

3-Conteúdo	Unidades de Registo	%
A -Técnico	3	0,5%
A.1-Individual	0	0,0%
A.2-Coletiva	0	0,0%
A.3-Finalização Equipa	0	0,0%
A.4 - Finalização Grupo	0	0,0%
A.5 – Finalização Atleta	0	0,0%
A.6-Patinagem	3	0,5%
B-Tático	218	39,8%
B.1-Individual ofensiva	8	1,5%
B.2 – Individual defensiva	6	1,1%
B.3 – Grupo ofensiva	1	0,2%
B.4 – Grupo defensiva	0	0,0%
B.5 – Coletiva ofensiva	105	19,1%
B.6 – Coletiva defensiva	81	14,8%
B.7 - Transição Ofensiva	14	2,5%
B.8 - Transição Defensiva	2	0,3%
B.9 - Power Play Ofensivo (4x3)	2	0,3%
B.10 - Underplay (3x4)	0	0,0%
B.11 - Inferioridade numérica ofensiva	0	0,0%
B.12 - Superioridade numérica defensiva	0	0,0%
C - Psicológico	60	11,0%
D - Físico	8	1,5%
D.1 - Velocidade	2	0,4%
D.2 - Resistência	3	0,5%
D.3 - Intensidade	1	0,2%
D.4 - Aquecimento	2	0,4%
E - Equipa Adversária	159	29,0%
E.1 – Caraterização	33	6,0%
E.2 - Transições Ofensivas	3	0,6%
E.3 - Transições Defensivas	3	0,6%
E.4- Finalização Equipa	4	0,7%
E.5 – Finalização Grupo	0	0,0%
E.6 – Finalização Atleta	3	0,6%
E.7 – Equipa Ofensivamente	25	4,6%
E.8 – Equipa Defensivamente	19	3,5%

E.9 – Grupo Ofensivamente	4	0,7%
E.10 – Grupo Defensivamente	9	1,7%
E.11 – Atleta Ofensivamente	18	3,3%
E.12 – Atleta Defensivamente	16	2,9%
E.13 - Guarda - Redes	11	2,0%
E.14 – Físico Equipa	4	0,7%
E.15 – Físico Grupo	0	0,0%
E.16 – Físico Atleta	4	0,7%
E.17 – Psicológico Equipa	2	0,4%
E.18 – Psicológico Grupo	0	0,0%
E.19 – Psicológico Atleta	0	0,0%
F - Arbitragem	100	18,2%
F.1 - Regra dos 45 segundos	2	0,4%
F.2 - Faltas Técnicas	0	0,0%
F.3 - Faltas de Equipa	35	6,4%
F.4 - Psicológico	24	4,4%
F.5 - Caraterização	39	7,0%
G - Sem conteúdo	0	0,0%
H - Indeterminado	0	0,0%
Total	548	100%

3.2.6. Inquérito referente ao conhecimento declarativo do treinador no total dos quatro jogos analisado

Tabela 12: Inquérito referente ao conhecimento declarativo do treinador no total dos quatro jogos analisados

DIMENSÃO	1 Nada importante	2 Pouco Importante	3 Importante	4 Consideravelmente importante	5 Bastante importante
1-Objetivo					
Avaliação +			X		
Avaliação -	X				
Descrição					X
Prescrição					X
Interrogação		X			
Afetividade +		X			
Afetividade -	X				

2- Direção					
Atleta		X			
Grupo	X				
Equipa					X
3-Conteúdo					
A -Técnico		X			
A.1-Individual		X			
A.2-Coletiva		X			
A.3-Finalização Equipa		X			
A.4 - Finalização Grupo		X			
A.5 – Finalização Atleta		X			
A.6-Patinagem		X			
B-Tático					X
B.1-Individual Ofensiva		X			
B.2 – Individual Defensiva		X			
B.3 – Grupo Ofensiva	X				
B.4 – Grupo Defensiva	X				
B.5 – Coletiva Ofensiva					X
B.6 – Coletiva Defensiva					X
B.7 - Transição Ofensiva			X		
B.8 - Transição Defensiva			X		
B.9 - Power Play Ofensivo (4x3)			X		
B.10 - Underplay (3x4)			X		
B.11 - Inferioridade Numérica Ofensiva		X			
B.12 - Superioridade Numérica Defensiva		X			
C - Psicológico			X		
D - Físico		X			
D.1 - Velocidade		X			
D.2 - Resistência		X			
D.3 - Intensidade		X			
D.4 - Aquecimento			X		
E - Equipa Adversária					X
E.1 – Caraterização				X	
E.2 - Transições Ofensivas			X		
E.3 - Transições Defensivas			X		
E.4- Finalização Equipa			X		
E.5 – Finalização Grupo	X				

E.6 – Finalização Atleta			X		
E.7 – Equipa Ofensivamente					X
E.8 – Equipa Defensivamente					X
E.9 – Grupo Ofensivamente	X				
E.10 – Grupo Defensivamente	X				
E.11 – Atleta Ofensivamente			X		
E.12 – Atleta Defensivamente			X		
E.13 - Guarda - Redes				X	
E.14 – Físico Equipa		X			
E.15 – Físico Grupo		X			
E.16 – Físico Atleta		X			
E.17 – Psicológico Equipa		X			
E.18 – Psicológico Grupo	X				
E.19 – Psicológico Atleta		X			
F - Arbitragem				X	
F.1 - Regra dos 45 segundos	X				
F.2 - Faltas Técnicas	X				
F.3 - Faltas de Equipa				X	
F.4 - Psicológico				X	
F.5 - Caraterização				X	
G - Sem conteúdo	-	-	-	-	-
H - Indeterminado	-	-	-	-	-

3.3 Conclusões

Ao analisarmos os quadros descritivos sobre as preleções do treinador e os quadros referentes aos inquéritos realizados ao treinador sobre a importância do que preleciona podemos constatar o nível de congruência entre aquilo que o treinador considera importante abordar na preleção do respetivo jogo e aquilo que efetivamente aborda.

Devemos levar em linha de conta que os resultados obtidos, não têm a ver com o que o treinador confere mais ou menos importância para obter sucesso nos jogos, mas sim o que considera mais ou menos importante abordar na preleção que antecede a competição, como tal, existem categorias ou subcategorias que o treinador pode pretender negligenciar na preleção, mas que são vitais para a obtenção do sucesso da equipa no jogo, podendo por exemplo ter optado por dissecar essas mesmas categorias ou subcategorias durante a semana e não na preleção que antecede a entrada em competição.

1. No que concerne à Dimensão Objetivo, a informação transmitida foi essencialmente descritiva, com 48,6%, e prescritiva, com 48,0%, sendo as restantes categorias praticamente inócuas.
2. O treinador assumiu ser pouco emotivo e afetivo no momento das preleções, pois os valores atingidos pelas categorias Afetividade e Avaliação foram praticamente nulas.
3. A sua informação foi essencialmente dirigida à Equipa, com 97,9% das unidades de registo.
4. Negligenciou por completo a informação transmitida a Grupos da Equipa, sendo normal não segregar uns atletas dos outros, pois no Hóquei em Patins, todos os atletas fazem as diferentes posições ao longo do jogo.
5. Dirigiu pouca informação aos atletas individualmente, dando normalmente ênfase sobre aspetos específicos de adversários diretos, ou então sobre lacunas ou pontos fortes que os seus atletas pudessem possuir.

6. Ao nível da Dimensão Conteúdo, a sua informação foi essencialmente Tática - 39,8% - e sobre a Equipa Adversária - 29,0% -, e, muitas vezes ao longo das suas preleções, a informação destas duas categorias cruzou-se mutuamente.

7. Concedeu uma enorme importância às questões de arbitragem, pois 18,2% da informação que debitou foi sobre esta vertente, o que demonstra quão decisivas para o resultado de um jogo podem ser as questões de arbitragem após a reformulação das regras.

8. Conferiu alguma importância às questões Psicológicas - 11,0% -, principalmente devido ao facto de ter algum receio que os seus atletas se possam deslumbrar com o 3.º lugar da tabela classificativa no momento desta recolha de dados, “algo completamente impensável no início da época desportiva”, segundo o objeto de estudo.

9. As restantes categorias não tiveram uma incidência significativa na preleção do treinador em estudo.

10. Ao nível da Dimensão Objetivo existe congruência entre o conhecimento declarativo e processual do treinador, com exceção da categoria Avaliação Positiva, a qual classificou-a de Importante (Nível 3) e apenas foi utilizada em 1,5% das unidades de registo no total dos quatro jogos analisados.

11. No que concerne à Dimensão Direção, também existe uma enorme congruência entre o nível de importância atribuído às três categorias em análise (Atleta, Grupo e Equipa) e os resultados obtidos.

12. Ao nível da Dimensão Conteúdo, o treinador sobrevalorizou ligeiramente a categoria Técnica ao classificá-la de Pouco Importante (Nível 2), na medida em que com a exceção da subcategoria Patinagem (0,5%), todas as restantes têm uma ausência total de unidades de registo (0,0%).

13. O treinador considerou a categoria Tático de Bastante Importante (Nível 5) e foi efetivamente a categoria mais referenciada ao longo das preleções (39,8%). Nesta categoria demonstrou alguma incoerência entre a importância atribuída (Nível 3 -

Importante) e os resultados obtidos nas seguintes subcategorias: Transição Defensiva (0,3%), Power Play Ofensivo (0,3%) e Underplay (0,0%).

14. Considerou a categoria Psicológico de Importante (Nível 3) e foi efetivamente uma categoria bastante utilizada pelo treinado nas suas preleções com 11,0% das unidades de registo totais.

15. Classificou a categoria Físico de Pouco Importante (Nível 2) e a mesma apenas foi utilizada em 1,5% das unidades de registo totais, demonstrou alguma incoerência ao classificar a subcategoria Aquecimento de Importante (Nível 3), mas apenas atingiu os 0,4% das unidades de registo totais.

16. Considerou a informação transmitida sobre a Equipa Adversária de Bastante Importante (Nível 5) e foi a segunda categoria mais referenciada ao longo das preleções com 29,0% das unidades de registo totais. Demonstrou alguma incongruência entre o nível de importância atribuído (Nível 3 – Importante) e os resultados obtidos nas seguintes subcategorias: Transição Ofensiva (0,6%), Transição Defensiva (0,6%), Finalização Equipa (0,7%) e Finalização Atleta (0,6%).

17. Considerou a informação preleccionada sobre Arbitragem de Consideravelmente Importante (Nível 4) indo ao encontro dos resultados obtidos (18,2%), demonstrando congruência entre o conhecimento declarativo e processual acerca desta categoria. As restantes subcategorias desta categoria, também demonstram todas elas congruência entre as intenções do treinador e a informação verbalizada.

Em suma, pode considerar-se que é um treinador que emite informação essencialmente Descritiva e Prescritiva e que não raras vezes, descreve uma situação e depois prescreve os comportamentos a adotar pelos seus atletas para essa mesma situação.

Dirige a sua informação à Equipa e o seu conteúdo é essencialmente sobre aspetos Táticos e sobre a Equipa Adversária.

Ao nível do conhecimento declarativo e processual do treinador, podemos considerar que existe congruência entre ambos, na medida em que as categorias que considerou mais importantes, foram efetivamente as que atingiram mais unidades de registo ao longo dos

quatro jogos analisados e aquelas que classificou com níveis mais modestos também foram as menos verbalizadas ao longo das preleções.

No que concerne às subcategorias, existem algumas incongruências, normalmente por sobrevalorizar algumas delas no inquérito referente ao conhecimento declarativo e posteriormente os resultados não demonstrarem tanta importância conferida pelo treinador no momento da reunião que antecede o jogo.

Recomendações e perspetivas futuras

Para a realização de futuros trabalhos de investigação na linha da pesquisa sobre a instrução que o treinador debita ao longo da sua preleção são aconselhadas as seguintes orientações:

- Aumentar a amostra de treinadores com curriculum significativo, bem como analisar mais jogos oficiais.
- Aplicar a presente metodologia no quadro de diferentes quadros competitivos, como por exemplo iniciados, juvenis ou juniores e verificação de quais as diferenças mais significativas encontradas nas diversas preleções.
- Replicar este estudo noutras modalidades coletivas, de modo a verificar se existe ou não um padrão tipo de instrução na preleção.
- Comparar a intenção do treinador antes da preleção, ou seja, sobre os aspetos que pondera focar e o que realmente foca nessa mesma preleção.
- Analisar se o tipo de instrução varia de acordo com a fase do campeonato em que está inserido.
- Relacionar treinadores com formação inicial diferenciada, de modo a verificar a existência, ou não, de um perfil de instrução do treinador diferenciado pela sua formação.
- Verificar o impacto da preleção fornecida pelos treinadores, na atitude e no comportamento dos jogadores durante a competição.
- Aplicar o mesmo estudo relacionando o sucesso dos treinadores na competição, ou seja, comparando os treinadores colocados nas primeiras posições, com os treinadores de equipas colocadas nas últimas posições.
- Acarear a informação que os atletas consideram mais importante que deverá ser abordada pelo treinador durante a preleção.

Bibliografia

- Anderson, R. J. (1982). Acquisition of cognitive skill. *Psychological Review*, 89, 369-406.
- Araújo, J (1994). *Ser Treinador*. Lisboa: Editorial Caminho SA
- Barreto, H. (1998). Competências do treinador desportivo. In Metodologia do treino desportivo. Castelo, J., Barreto, H., Alves, F., Santos, P., Carvalho, J., Vieira, J. *Metodologia do Treino Desportivo*. (pp. 629-647) Lisboa: FMH Edições
- Barroja, E. (2005). Análise da instrução do treinador. Caracterização da informação transmitida pelo treinador na preleção inicial e do grau de retenção por parte dos atletas em situações de competição de Judo. Dissertação apresentada à Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa para a obtenção do grau de mestre, orientado pelo Professor Doutor António Fernando Boleto Rosado, Lisboa
- Bolchover, D, & Brady, C. (2008). *O Gestor de 90 minutos. As lições de gestão dos melhores treinadores do mundo*. Lisboa: Lua de Papel
- Botelho, S., Mesquita, I. & Moreno, M. (2005). A intervenção do treinador de voleibol na competição. Estudo comparativo entre equipas masculinas e femininas dos escalões de formação. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*. 2(5) 174-183
- Castelo, J. (2009). Futebol. Organização Dinâmica do Jogo. (3ª Edição) Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas
- Castelo, J. (2003). *Futebol - Guia Prático dos Exercícios de Treino*. Lisboa: Visão e Contextos
- Castelo, J. (2002). *O Exercício de Treino Desportivo. A Unidade lógica de programação e estruturação do treino desportivo*. Lisboa: Edições FMH-UTL
- Castelo, J. (2000). *Reunião de preparação para o jogo*. Lisboa: Edições FMH-UTL
- Cid, L. (2006). O processamento de informação e a cognição social. A nossa construção da Realidade. *Revista Digital Efdeportes*. Ano 10, Nº9. Acedido em 25 de março de 2014 em <http://www.efdeportes.com/efd92/realidad.htm>

- Coelho, O. (2004). *Contributos para uma compreensão do desporto juvenil*. Lisboa: Livros Horizonte
- Costa, J. C., Garganta, J., Fonseca, A. & Botelho, M. (2002). Inteligência e conhecimento específico em jovens futebolistas de diferentes níveis competitivos. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 2 (4), 7-20
- Cunha, P. (1998). A intervenção do treinador durante o tempo morto. *Treino Desportivo*, 2, 33-38
- Damásio, A. (2003). *Ao Encontro de Espinosa. As Emoções Sociais e a Neurologia do Sentir*. Lisboa: Temas & Debates, Circulo de Leitores
- Ferrão, N. (2011). *Organização e Planeamento do Treino de Hóquei em Patins de Alto Rendimento – Desenvolvimento das Capacidades Motoras*. Dissertação apresentada à Faculdade de Educação Física e Desporto da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias para a obtenção do grau de mestre, orientado pelo Professor Doutor Jorge Proença, Lisboa
- Ferreira, C. J. (1999). *Conhecimento declarativo no futebol: estudo comparativo em praticantes federados e não federados do escalão sub-14*. Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto para a obtenção do grau de mestre em Ciências do Desporto, Especialização em Alto Rendimento, orientada pelo Professor Doutor Júlio Garganta da Silva, Porto
- Garganta, J. & Oliveira, J. (1996). *Estratégia e Tática nos Jogos Desportivos*. In Oliveira, J. & Tavares, F. (Eds). *Estratégia e Tática nos Jogos Desportivos Coletivos*. (pp.7-24). Vila do Conde: Centro Estudos dos Jogos Desportivos. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física. Universidade do Porto
- Giacomini, D. S. Grego, P. J. (2008). Comparação do conhecimento tático processual em jogadores de futebol de diferentes categorias e posições. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 8 (1), 126-136
- Giacomini, D. S., Soares, V. O., Santos, H. F, Matias, C. J. & Grego, P. J (2011). O conhecimento tático declarativo e processual em jogadores de futebol de diferentes escalões. *Motricidade*, 7 (1), 43-53

- Hotz, A. (1999). Corrigir apenas o estritamente necessário, variar o mais possível. *Treino Desportivo*, 2, 22-36
- Honório, E. & Manaças, J. (1994). *Despertar o Hóquei em Patins*. Associação Nacional de Treinadores de Hóquei em Patins. I Clinic de Treinadores de Hóquei em Patins. Amadora
- Lima, T. (2000). *Saber Treinar Aprende-se*. Centro de Estudos e Formação Desportiva. Lisboa
- Matias, C. J. & Greco, P. J. (2010). Cognição e Ação nos Jogos Esportivos Coletivos. *Ciências & Cognição*, 15(1), 252-271
- Mesquita, I. (2005). *A Pedagogia do Treino. A formação em jogos desportivos coletivos*. Lisboa: Livros Horizonte
- Miragaia, C. M. (2001). Conhecimento declarativo e tomada de decisão em Futebol. Estudo comparativo da exatidão e do tempo de resposta de futebolistas seniores pertencentes a equipas da I, II liga e 2ª Divisão “B”. Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto para a obtenção do grau de mestre em Ciências do Desporto, Especialização em Alto Rendimento, orientada pelo Professor Doutor Júlio Garganta da Silva, Porto
- Mourinho, J. (2004, 22 de janeiro). *Ser Mourinho*. Entrevista ao canal televisivo RTP1
- Neto, J. (2004). *José Mourinho, o vencedor*. Lisboa: Edições Dom Quixote
- Oliveira, G. J. (2004). Conhecimento específico em futebol – Contributos para a definição de uma matriz dinâmica do processo ensino-aprendizagem/treino do Jogo. Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto para a obtenção do grau de mestre em Ciências do Desporto, Especialização em Alto Rendimento, orientada pelo Professor Doutor Júlio Manuel Garganta da Silva, Porto
- Pacheco, R. (2005). *Segredos de balneário*. Prime Books
- Pina, R. & Rodrigues, J. (1999). *Análise da instrução do comportamento em Voleibol*. Lisboa: Edições FMH

- Pina, R. (1998). Análise da instrução do treinador em competição. Dissertação apresentada à Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa para a obtenção do grau de mestre, orientado pelo Professor Doutor José de Jesus Fernandes, Lisboa
- Pina, R. & Rodrigues, J. (1997). *Análise do comportamento do treinador em competição*. Lisboa: Edições FMH
- Pina, R., & Rodrigues, J. (1994). Os episódios de informação do treinador e a reação dos atletas numa situação de competição em Voleibol. *Ludens*, 14, 47-49
- Pinto, P. (2004). A intervenção pedagógica do treinador sobre conteúdo específico no treino e no jogo de basquetebol. *Treino Desportivo*. Especial 6: 13-19. Lisboa: Edições CEFD
- Richheimer, P., & Rodrigues, J. (2000). O feedback pedagógico nos treinadores de jovens em Andebol. *Treino Desportivo*. 12, 36-46. Lisboa: Edições CEFD
- Rodrigues, J. (1995). O comportamento do treinador. Estudo da influência dos treinos e do nível de prática dos atletas na atividade pedagógica do treinador de voleibol. Tese apresentada à Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa para a obtenção do grau de Doutor, orientado pelo Professor Doutor Pedro Augusto Cordeiro Sarmiento, Lisboa
- Rodrigues, J. (1997). *Os treinadores de sucesso*. Lisboa: Edições FMH
- Santos, A. (2004). A intervenção do treinador na preparação para a competição. *Treino Desportivo*. 24, 26-33. Lisboa: Edições CEFD
- Santos, A. (2003). Análise da instrução na competição em futebol. Estudo das expectativas e dos comportamentos de treinadores da 2ª Divisão B, na preleção de preparação e na competição. Dissertação apresentada à Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa para a obtenção do grau de mestre, orientado pelo Professor Doutor José de Jesus Fernandes Rodrigues, Lisboa
- Santos, A & Rodrigues, J. (2008). Análise da Instrução do treinador de futebol. Comparação entre a preleção de preparação e a competição. *Fitness & Performance Journal*, 7 (2).112-122

- Santos, F., Sequeira, P., Rodrigue, J. (2012, abril/junho). A comunicação de treinadores de futebol em equipas infanto-juvenis amadores e profissionais durante a competição. *Motriz, Rio Claro*. 18 (2), 262-272
- Schachter, D. L. (1987). Implicit memory: History and current status. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory and Cognition*, 13(3), 501-518
- Sénica, L. (2011). Organização e Planeamento do Treino de Hóquei em Patins de Alto Rendimento – Desenvolvimento do Modelo de Jogo. Dissertação apresentada à Faculdade de Educação Física e Desporto da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias para a obtenção do grau de mestre, orientado pelo Professor Doutor Jorge Proença, Lisboa
- Sénica, L. (1995). O treino específico do Guarda-Redes de Hóquei em Patins. Monografia de final de Licenciatura [não publicada] do curso de Educação Física e Desporto da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
- Siedentop, D. (1983). *Developing Teaching Skills in Physical Education*. Mayfield Publishing Company. Mountain View.
- Sousa, P. (2006). A «descoberta guiada» como processo de transmissão das Ideias de Jogo para a concretização do «jogar». Estudo de caso na equipa sénior do Sporting Clube de Espinho. Monografia de Licenciatura apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto para a obtenção do grau de licenciado, orientada pelo Mestre José Guilherme Oliveira, Porto

APÊNDICES

Apêndice I – Validação das alterações ao SAIC original e ao inquérito relativo ao conhecimento declarativo do objeto de estudo pelo Mestre Luís Sénica e Mestre Nuno Ferrão

O sistema que foi utilizado para analisar a preleção do treinador objeto de estudo foi o Sistema de Análise da Informação em Competição (SAIC), criado por Pina & Rodrigues (1993), que tem como objetivo codificar todos os episódios de informação que o treinador profere na sua instrução.

A categorização deste SAIC teve por base as categorias que Raul Pina prescreveu no seu trabalho, *Análise da instrução do treinador em competição* (1998).

No entanto, foram realizadas algumas alterações em relação ao SAIC original, tendo em conta a especificidade da modalidade da presente investigação, nomeadamente, alteraram-se os exemplos demonstrativos de cada categoria e reduziu-se o número de categorias.

Assim, acrescentou-se a categoria Arbitragem na Dimensão Conteúdo, pois um dos objetivos do trabalho é analisar a preleção do treinador em questão e considerámos que esta categoria seria importante, visto que a dupla de arbitragem são mais um elemento no jogo.

Para além disso, das quatro dimensões de análise originais - Forma, Objetivo, Direção e Conteúdo da informação – foram apenas tidas em conta as três últimas, pois a Dimensão Forma não entra no âmbito deste estudo.

De referir que neste sistema, procedemos à subdivisão de quarente e seis subcategorias incluídas em oito categorias principais e em três dimensões.

1. Dimensão Objetivo

Nesta dimensão, o treinador procura informar os atletas sobre a sua prestação. As categorias desta dimensão são:

- Avaliação (AV) - O treinador fornece uma estimativa qualitativa da execução do atleta sem emitir qualquer informação específica. A avaliação pode assumir um carácter aprovativo (AV+), como por exemplo: “Está bem o remate”, ou assumir um carácter desaprovativo (AV-), como por exemplo “ A rematar assim não”,

- Descrição (DES) - O treinador descreve o gesto, a ação efetuada pelo atleta, na totalidade ou em parte, como por exemplo: “ A inclinação do corpo dessa forma é correta”;
- Prescrição (PRE) - O treinador fornece indicações que o atleta deverá respeitar em futuras execuções, propondo um novo comportamento, como por exemplo “Deves rematar da seguinte forma...”;
- Interrogação (INT) - O treinador coloca questões ao atleta sobre a sua execução, levando-o a refletir sobre o erro, como por exemplo: “Achas que estás a patinar corretamente?”;
- Afetividade (AF) - O treinador reage à prestação do atleta incentivando-o (AF+), como por exemplo: “Está bem”, ou criticando-o (AF-), como por exemplo: “Está mal”.

2. Dimensão Direção

Esta dimensão é constituída por três categorias principais: Atleta, Grupo e Equipa.

- Atleta (ATL) - O treinador dirige a mensagem a um só atleta;
- Grupo (GRU) - O treinador dirige a mensagem a um grupo de atletas inferior à totalidade da equipa, como por exemplo: “ Os defesas não podem estar tão perto da nossa baliza...”;
- Equipa (EQU) – A mensagem é dirigida à totalidade da equipa.

3. Dimensão Conteúdo

Esta dimensão é constituída por oito categorias principais: Técnica, Força, Tática, Psicológica, Equipa Adversária, Arbitragem, Sem Conteúdo e Indeterminado.

De referir, que estas oito categorias principais estão divididas em quarenta e seis subcategorias.

- **A) Técnica (TÉC)** - O treinador refere os elementos técnicos realizados pelo atleta, como por exemplo: “atenção que no passe deves colocar o corpo da seguinte forma...”;
- A.1) - Individual (Ind) – O treinador refere os elementos técnicos enfatizando o papel de um único atleta, como por exemplo “ João, ao passares a bola, deves inclinar mais o corpo...”;
- A.2) – Coletiva (Col) – O treinador refere os elementos técnicos, enfatizado o papel da equipa, como por exemplo” tenham atenção à travagem, pois o piso escorrega muito...”;
- A.3) – Finalização Equipa (Fin Equ) – O treinador foca aspetos da finalização para toda a equipa, como por exemplo “ Ao rematarem devem baixar mais o tronco...”;
- A.4) – Finalização Grupo (Fin Gru) – O treinador foca aspetos da finalização para um determinado grupo de atletas, como por exemplo “O João e o André devem pegar no stick mais abaixo...”;
- A.5) – Finalização Atleta (Fin Atl) – O treinador dirige a sua informação acerca da finalização para um atleta, como por exemplo “João, deves baixar-te mais aquando do remate...);
- A.6) - Patinagem (Pat) – O treinador aborda elementos técnicos da patinagem, como por exemplo “ João estás a travar com o corpo pouco fletido...”
- **B) Tática (TÁC)** - O treinador salienta os pormenores táticos, procedimentos individuais e coletivos, como por exemplo “devemos utilizar a jogada combinada...”
- B.1) – Individual Ofensiva (Ind Of) – O treinador refere aspetos táticos ofensivos para um só atleta, como por exemplo “ João, tens de bloquear o jogador contrário ao lado da bola...”;
- B.2) – Individual Defensiva (Ind Def) – O treinador refere aspetos táticos defensivos para um só atleta, como por exemplo “João, tens que marcar o avançado à frente e não atrás”;
- B.3) – Grupo Ofensiva (Gru Of) – O treinador refere aspetos táticos ofensivos para um grupo de atletas, como por exemplo “os avançados devem jogar mais atrás da baliza”;

- B.4) – Grupo Defensiva (Gru Def) – O treinador refere aspetos táticos defensivos para um grupo de atletas, como por exemplo “ Os nossos avançados devem marcar os defesas deles mal perdemos a bola...”;
- B.5) – Coletiva Ofensiva (Col Of) - O treinador refere aspetos táticos ofensivos para a totalidade da equipa, como por exemplo “ Quero uma circulação de bola em 2x1x1”;
- B.6) – Coletiva Defensiva (Col Def) - O treinador refere aspetos táticos defensivos para a totalidade da equipa, como por exemplo “ Quero uma defesa 4x4 com trocas de marcação”;
- B.7) – Transição Ofensiva (Trans Of) – O treinador refere aspetos táticos relativos à transição ofensiva, como por exemplo “ Em situação de 3x2, quero o passe e corte pelas costas com entrada do outro avançado ao 2.º poste...”;
- B.8) – Transição Defensiva (Trans Def) - O treinador refere aspetos táticos relativos à transição defensiva, como por exemplo “ Em situação de 1x2, o defesa sai ao passe...”;
- B.9) – Power Play Ofensivo (PP Of) – O treinador refere aspetos táticos relativos a situação de superioridade numérica de 4x3, como por exemplo “ em situação de Power Play, quero um bloqueio cego ao jogador do vértice do triângulo...”;
- B.10) – Underplay (Uplay) - O treinador refere aspetos táticos relativos a situação de inferioridade numérica em situação de 3x4, como por exemplo “ Quero 2x1, no entanto o defesa lateral sobe sempre ao homem da bola, para impedir a meia-distância...”;
- B.11) – Inferioridade Numérica Ofensiva (Inf Num Of) – O treinador aborda aspetos táticos sobre o momento em que a sua equipa está em inferioridade numérica no processo ofensivo, como por exemplo “ se estivermos em inferioridade numérica, quero 2x1 e não 1x2...”;
- B.12) – Superioridade Numérica Defensiva (Sup Num Def) - O treinador aborda aspetos táticos sobre o momento em que a sua equipa está em superioridade numérica no processo defensivo, como por exemplo “ se estivermos em superioridade numérica, defensivamente quero sempre 2 homens com o portador da bola...”;

- **C) - Psicológico (PSIC)** – O treinador opina sobre medidas gerais e especiais que têm por fim desenvolver aspetos do foro psíquico do atleta, como por exemplo: “temos de nos concentrar”.

- **D) - Físico (FIS)** - O treinador centra a sua informação nas qualidades motoras específicas do atleta, como por exemplo: “o sprint tem de ser mais forte”;
 - D.1) – Velocidade (Vel) – O treinador realça aspetos físicos, enfatizando questões inerentes à capacidade física velocidade, como por exemplo “tens que ser mais rápido no arranque...”;
 - D.2) – Resistência (Res) - O treinador realça aspetos físicos, enfatizando questões inerentes à capacidade física resistência, como por exemplo “tens têm que se resguardar, poi o jogo tem 50 minutos, não podemos jogar sempre ao mesmo ritmo...”;
 - D.3) – Intensidade (Intens) – O treinador ao longo do jogo, fala sobre aspetos físicos, nomeadamente, obre a importância da recuperação física ao longo do jogo, como por exemplo “tivemos jogo na quarta-feira passada, vamos entrar num ritmo lento...”;
 - D.4) – Aquecimento (Aquec) – O treinador foca aspetos inerentes ao aquecimento antes da entrada em competição, como por exemplo “vamos fazer um bom aquecimento para entrarmos bem preparados para o jogo...”;

- **E) - Equipa Adversária (EQU ADV)** - O treinador transmite informação sobre a equipa adversária, como por exemplo: “a equipa deles ataca mais pelas tabelas”.
 - E.1) – Caraterização (Carat) – O treinador carateriza o adversário, como por exemplo “Vamos jogar contra um adversário muito experiente...”;
 - E.2) – Transições Ofensivas (Trans Of) – O treinador foca aspetos inerentes à transição ofensiva do adversário, como por exemplo “ O Benfica quando ganha a bola é muito rápido na transição ofensiva, aproximando imediatamente dois jogadores perto da baliza adversária...”;

- E.3) – Transições Defensivas (Tran Def) - O treinador foca aspetos inerentes à transição defensiva do adversário, como por exemplo “ O Benfica quando perde a bola é muito rápido na transição defensiva, marcando imediatamente o portador da bola...”
- E.4) – Finalização Equipa (Fin Equ) – O treinador fala sobre a forma como o adversário finaliza, como por exemplo “ O FCP é uma equipa que remata de todo o lado...”;
- E.5) – Finalização Grupo (Fin Gru) - O treinador fala sobre a forma como determinados atletas do adversário finalizam, como por exemplo “ Os avançados do FCP finalizam muito bem de primeira...”;
- E.6) – Finalização Atleta (Fin Atl) – O treinador fala sobre a forma com que um determinado atleta da equipa adversária finaliza, como por exemplo “ O Reinaldo remata muito bem do lado esquerdo...”;
- E.7) – Guarda – Redes (GR) – O treinador emite informações sobre o guarda – redes da equipa adversária, como por exemplo “ O Guilherme já não tem os mesmos reflexos de antigamente...”;
- E.8) – Equipa Ofensivamente (Equip Of) – O treinador informa os seus atletas sobre pormenores do foro ofensivo do adversário, como por exemplo “ O Braga é uma equipa que joga sempre em 2x2...”;
- E.9) - Equipa Defensivamente (Equip Def) - O treinador informa os seus atletas sobre pormenores do foro defensivo do adversário, como por exemplo “ O Braga é uma equipa que defende à zona...”;
- E.10) – Grupo Ofensivamente (Gru Of) – O treinador comunica aos seus atletas informações do foro ofensivo, sobre determinados atletas do adversário, como por exemplo “Os médio do FCP entram muito bem nas costas dos avançados adversários...”;
- E.11) – Grupo Defensivamente (Gru Def) - O treinador comunica aos seus atletas informações do foro defensivo, sobre determinados atletas do adversário, como por exemplo “Os médio do FCP marcam muito mal dentro da área...”;

- E.12) – Atleta Ofensivamente (Atl Of) – O treinador refere pormenores de cariz ofensivo sobre um determinado atleta adversário, como por exemplo “ O André dribla sempre da direita para a esquerda...”;
- E.13) – Atleta Defensivamente (Atl Def) - O treinador refere pormenores de cariz defensivo sobre um determinado atleta adversário, como por exemplo “ O André no 2x1 defensivo ataca sempre a bola...”;
- E.14) – Físico Equipa (Fis Equip) – O treinador refere aspetos físicos do adversário sobre a totalidade da equipa, como por exemplo “ O SLB jogou a meio da semana, vamos aproveitar o desgaste que sofreram no jogo europeu e na respetiva viagem...”;
- E.15) – Físico Grupo (Fis Gru) - O treinador refere aspetos físicos do adversário sobre parte da equipa, como por exemplo “ os avançados são algo pesados e recuam muito lentamente...”;
- E.16) – Físico Atleta (Fis Atl) – O treinador aborda aspetos físicos de um determinado atleta adversário, como por exemplo “ O Alan já não tem a mobilidade de outros tempos...”;
- E.17) – Psicológico Equipa (Psic Equ) – O treinador refere aspetos psicológicos sobre a equipa adversária, como por exemplo “O SCP é uma equipa que quando está a perder fica totalmente desorientada...”;
- E.18) – Psicológico Grupo (Psic Grup) - O treinador refere aspetos psicológicos sobre parte da equipa adversária, como por exemplo “ O Rafa e o Tomás quando as coisas não lhes saem bem perdem completamente a cabeça...”;
- E.19) – Psicológico Atleta (Psic Atl) - O treinador refere aspetos psicológicos sobre um atleta da equipa adversária, como por exemplo “ O Manuel é um jogador extremamente concentrado ...”;
- **F) - Arbitragem** - O treinador transmite informação sobre a equipa de arbitragem, como por exemplo: “o árbitro ao mínimo toque marca falta”;

- F.1) – Regra dos 45 segundos (45 seg) – O treinador fala sobre a importância do limite do tempo de ataque da sua equipa, como por exemplo “esta dupla de arbitragem é totalmente descoordenada na cadência da contagem do tempo de ataque...”;
- F.2) – Faltas Técnicas (F Téc) – O treinador aborda questões sobre as faltas técnicas, como por exemplo “Atenção que só podem voltar para o nosso meio – campo 5 vezes na mesma jogada...”;
- F3) – Faltas de Equipa (F Equ) – O treinador emite informação sobre as faltas de equipa, como por exemplo “Atenção com as entradas na tabela, que os árbitros marcam logo falta...”;
- F.4) – Psicológico (Psic) - O treinador aborda questões emocionais da equipa de arbitragem, como por exemplo “esta dupla quando apita em ambientes hostis tem tendência para proteger o visitado...”;
- F.5) – Caraterização (Carat) – O treinador carateriza a dupla de arbitragem, como por exemplo “esta dupla de arbitragem ao mínimo toque marca falta ...”.

- **G) - Sem Conteúdo (S/C)** - O treinador transmite informação, que não contém nenhum tipo de conteúdo, como por exemplo: “Boa, Manuel”;

- **H) - Indeterminado (IND)** - Não se percebe o que o treinador transmite aos seus atletas.

4. Exemplo de um Inquérito referente ao conhecimento declarativo do objeto de estudo

DIMENSÃO	1 Nada importante	2 Pouco Importante	3 Importante	4 Consideravelmente importante	5 Bastante importante
1-Objetivo					
Avaliação +					
Avaliação -					
Descrição					
Prescrição					
Interrogação					
Afetividade +					
Afetividade -					
2- Direção					
Atleta					
Grupo					
Equipa					
3-Conteúdo					
A -Técnico					
A.1-Individual					
A.2-Coletiva					
A.3-Finalização Equipa					
A.4 - Finalização Grupo					
A.5 – Finalização Atleta					
A.6-Patinagem					
B-Tático					
B.1-Individual Ofensiva					
B.2 – Individual Defensiva					
B.3 – Grupo Ofensiva					
B.4 – Grupo Defensiva					
B.5 – Coletiva Ofensiva					
B.6 – Coletiva Defensiva					
B.7 - Transição Ofensiva					
B.8 - Transição Defensiva					
B.9 - Power Play Ofensivo (4x3)					
B.10 - Underplay (3x4)					

B.11 - Inferioridade Numérica Ofensiva					
B.12 - Superioridade Numérica Defensiva					
C - Psicológico					
D - Físico					
D.1 - Velocidade					
D.2 - Resistência					
D.3 - Intensidade					
D.4 - Aquecimento					
E - Equipa Adversária					
E.1 – Caraterização					
E.2 - Transições Ofensivas					
E.3 - Transições Defensivas					
E.4- Finalização Equipa					
E.5 – Finalização Grupo					
E.6 – Finalização Atleta					
E.7 – Equipa Ofensivamente					
E.8 – Equipa Defensivamente					
E.9 – Grupo Ofensivamente					
E.10 – Grupo Defensivamente					
E.11 – Atleta Ofensivamente					
E.12 – Atleta Defensivamente					
E.13 - Guarda - Redes					
E.14 – Físico Equipa					
E.15 – Físico Grupo					
E.16 – Físico Atleta					
E.17 – Psicológico Equipa					
E.18 – Psicológico Grupo					
E.19 – Psicológico Atleta					
F - Arbitragem					
F.1 - Regra dos 45 segundos					
F.2 - Faltas Técnicas					
F.3 - Faltas de Equipa					
F.4 - Psicológico					
F.5 - Caraterização					
G - Sem conteúdo	-	-	-	-	-
H - Indeterminado	-	-	-	-	-

COMENTÁRIO CRÍTICO DO MESTRE LUÍS SÉNICA (1) – “Julgamos que a versão adaptada para o Hóquei em Patins do Sistema de Análise da Informação em Competição (SAIC) utilizada no trabalho do mestrando Hugo Lourenço serve o objetivo de quem pretenda investigar e intervir nesta área tomando como referência o treinador de Hóquei em Patins”.

COMENTÁRIO CRÍTICO DO MESTRE NUNO FERRÃO (2) - “Da análise do Sistema de Análise da Informação em Competição (SAIC) adaptado pelo mestrando Hugo Lourenço ao Hóquei em Patins, pelo meu conhecimento académico e experiência desportiva, permite-me afirmar que as categorias e os conteúdos estudados são totalmente válidos para o objetivo do estudo.

- (1)** – Mestre em Treino Desportivo de Alto Rendimento pela ULHT, atual selecionador Nacional de seniores de Hóquei em Patins e Diretor Técnico da Federação Portuguesa de Patinagem

- (2)** – Mestre em Treino Desportivo de Alto Rendimento pela ULHT, atual Preparador Físico da Seleção Nacional de seniores de Hóquei em Patins e Diretor Técnico-adjunto da Federação Portuguesa de Patinagem

Apêndice II - Registos das preleções efetuadas

Jogo 1 - PA – FCP – Época 2012 / 2013

“Espero que se encontrem todos nas melhores condições, principalmente no aspeto emocional. Este jogo para mim, não querendo fazer o papel de coitadinhos perante aqueles homens, é um jogo de elevado grau de dificuldade, até pelo nosso resultado no Dragão, mas mesmo assim, não faz de nós favoritos.

O que faz de nós uma equipa que pode ganhar o jogo é se mantivermos os níveis de desempenho que efetuámos durante a primeira volta. Uma equipa concentrada e atenta aos detalhes, uma equipa que faz da disciplina de grupo o seu ponto forte. É isso que pretendo para hoje. Nós trabalhamos durante a semana, sabem perfeitamente quais os aspetos fortes e menos fortes do FCP, mas sobretudo, que têm que ser vós próprios.

O perigo vem de qualquer lado, meia distância, curta distância, longa distância, canto esquerdo, canto direito, construção nos 20 metros, dentro da área, por trás da baliza. Vocês têm perfeitamente identificados as zonas onde o FCP é forte. É quase como dizer que é em todas as zonas do ringue. É fundamental que nos mantenhamos organizados defensivamente, seja qual for a marcha do marcador e essa estratégia é para levar até ao fim. Ninguém ganha ao FCP se não tiver um bom desempenho defensivo. Chamo a atenção à defesa do lado contrário da bola, para termos mais margem, para nos aproximarmos mais do portador da bola. É fundamental defendermos sempre 3 para 2 nas laterais, principalmente no nosso corredor direito defensivo. Atenção às entradas do Barreiros, do Tiago Santos. Principalmente destes dois jogadores no corredor esquerdo ofensivo. São bastantes fortes e para defendermos uma eventualidade deles numa situação 2x2 laterais ou 2x1, o jogador que está dentro da área, mesmo que tenho um jogador para marcar joga à zona. Estão todos lembrados desta situação? Isto é para cumprir. A nossa primeira linha defensiva não pode ser baixa, senão começam a sair remates de meia distância. Eu quero um jogador perto do portador da bola e o outro a jogar em ajuda, cortando a linha de passe anterior. É importante sabermos gerir o nosso posicionamento. Não quero uma equipa demasiado baixa. Quero uma equipa que retire espaço, tanto em largura como em profundidade ao adversário. Atenção quando subirmos à

bola, a equipa tem que subir toda em bloco. Quando sentirem dificuldades, quando eles começarem a rodar a 3 cá fora, juntem-se. Não defende cada um para seu lado. O perigo vem de todo o lado. Transições rápidas, o FCP é uma equipa de impulsos. Acredito que venha aqui respeitar o PA e provavelmente fazer uma gestão do esforço, é capaz de não entrarem já com toda a intensidade, mas vão querer resolver o jogo cedo.

Vão tentar fazer disto um jogo controlado. Evidente que eu não quero dominar o jogo, mas quero controlar o jogo o mais tempo possível, tanto com bola, como sem bola. As transições são importantes, principalmente a defensiva. O FCP é uma equipa que começa a construir o seu contra ataque no GR e eu chamo a atenção para controlarmos o nosso ímpeto nas transições ofensivas, porque o FCP dá de propósito a transição ao adversário, para depois criar desequilíbrios. Fazemos uma, duas transições e depois colocamos gelo no jogo. Não podem ir atrás das facilidades que eles propositadamente colocam ao adversário. No ataque, boa circulação de bola, preferencialmente em 2x2. Não podem cair na rotina de 3 jogadores a rodar e o jogo a ser construído na linha dos 22 metros, tem que ir lá para baixo. Aproveitem alguma menor eficiência dos avançados do FCP a defender, principalmente a entrar sem bola. Os avançados dão muito as costas ao jogador sem bola. Vocês saberão certamente aproveitar isso, sabendo quais os jogadores que estão lá dentro. Quando o Tiago Santos ou o Vitor Hugo estão lá dentro essas lacunas aumentam. Atenção ao Jorge Silva, que é o avançado que defende melhor. Segundas bolas, desvio em cima da baliza, aproveitem o espaço conseguido. O Reinaldo dá espaços na finalização dentro da área e o Moreira também. Não tragam o jogo excessivamente para os médios. Não têm que ser só os médios a controlar o jogo. A nossa estratégia é clara, vamos condicionar o FCP, por força das nossas ações defensivas, mas também na posse e circulação da bola. Temos que fazer das nossas transições a nossa principal arma. Situações de meia distância são para fazer, mas de uma forma controlada. Uma chamada de atenção para os Power Play e arbitragem. Tanto o Carpelho, como Ventura são árbitros que gostam de ter protagonismo na condução do jogo. Muito provavelmente vão existir muitas faltas. Vocês sabem que o FCP é forte nas bolas paradas, nós vamos encurtar ao máximo o averbar de faltas. O FCP é uma equipa que comete muitas faltas. As situações de Power Play é 2x2 com bloqueio ao jogador do vértice superior do triângulo. Se eles jogarem 1x2, a finalização deverá ser feita nas laterais relativamente aos avançados.

Aquilo que treinámos durante a semana na rotação não é para por já em prática, só mais para a frente.

Controlem as faltas, principalmente as ofensivas. Não vamos exagerar. Nelson, tens que ter cuidado com essas coisas. Nós temos que gastar as faltas a defender. Ok? Volto a frisar, muita atenção á acumulação de faltas, às palavras aos árbitros e ainda ao facto deles contarem os 45 segundos para rematar à baliza muito depressa. Não vamos passar a vida a condicionar o jogo do FCP com o autocondicionarmo-nos a nós. Entendido? Carlos, tens os alvos identificados. Há que ter cuidado de todo o lado. Falar com os colegas, ser a primeira voz de comando no setor defensivo. Nelson mais dentro, Moreira por fora. André mais em posição e Carlitos mais móvel.

Malta vamos lá para dentro ganhar o jogo.”

Jogo 2 - Física X PA – Época 2012 / 2013

Temos que controlar muito bem o jogo interior da Física. A defesa do nosso lado esquerdo defensivo, principalmente no corredor lateral. O movimento que utilizámos com o FCP, que foi defender dois jogadores na lateral e o terceiro jogador a jogar em posição independentemente do sítio onde esteja o seu opositor direto é fundamental, porque vocês sabem que a Física é bola lá para dentro para o desvio a meia altura, sendo determinante as segundas bolas e evitar faltas, senão prevejo um jogo com 5 ou 6 penalties contra nós. Parece que no jogo deles com o Barcelos foi o que aconteceu. Muitos penalties resultantes quase sempre de ações teatrais do German. É fundamental sabermos dominar o jogo lateral, mais importante se torna sabermos jogar em posição no lado contrário ao jogador da bola e sermos sempre nós a ganhar a segunda bola, em vez de estarmos focalizados na marcação individual direta ao jogador. Vamos ocupar o espaço e jogar em antecipação, para não provocarmos contacto físico na área. Ok? Marcamos à frente. Quanto menos contacto físico houver dentro da área melhor, porque eu prevejo que os árbitros possam ter muita influência no resultado final, por força das penalizações que possamos vir a sofrer dentro da área. É evidente que no corredor direito é o Godinho que desequilibra. Quando não consegue tomar a decisão nesta zona, vai até ao final da tabela, trava e vem à procura do meio para enrolar a bola.

Atenção às movimentações do Alan e German na zona perto e atrás da baliza onde puxam os defesas até à zona do penalti para ganhar as costas e finalizar ao primeiro ou segundo poste e

muitas vezes a meia altura. Atenção ao pormenor do Alan na troca de stick por trás das costas, normalmente a mão livre empurra o opositor direto para ganhar espaço. Nós podemos defender com um bloco mais baixo porque a Física não tem grandes soluções de meia distância, com a exceção do German e Grileiro, que bate bem do lado esquerdo, mas que se for pressionado perde muitas bolas.

A Física não tem uma grande capacidade de meia distância. É importante a defesa do jogo interior, fazer o menor número de faltas, é evidente que não nos vai ser possível passarmos o jogo sem fazer faltas, mas é importante termos a consciência do perigo que elas podem ter. Defesa do jogo interior ao lado contrário da bola, muita atenção às segundas bolas e minimizar o número de faltas. É uma equipa que quando está empatada, ou a ganhar conserva a posse de bola, que anda muitas vezes os 45 segundos com ela, mas também é uma equipa que quando está a perder, tenta pressionar alto e como vocês sabem, com exceção do German, os avançados são lentos a recuperar. Não são jogadores muito fortes a marcar 1x1 a ringue inteiro, a sua primeira linha defensiva quando em pressão alta é permeável. Temos que ter atenção às dificuldades do ringue. É irregular, escuro, rijo. Carlos, atenção à rapidez das tabelas atrás da baliza. Temos que ser outra vez nós próprios, temos que ser iguais fora e em casa, seja qual for o adversário. Às vezes um pequeno ajustamento é fundamental para anular o adversário, isto sem nos descaracterizarmos. Quero a equipa em termos ofensivos a desgastar o adversário. Se tivermos Moreira, Carlitos, Rui da mesma maneira vamos desgastar muito o Alan, German, Ricardo e Beja que não é um jogador com grande mobilidade e capacidade de reação. Os GR já sabemos que será o Pilé na primeira parte e o Azevedo na segunda. O Pilé é para apostar nas bolas rasteiras, situações de meia distância e segundas bolas. A Física dá muito espaço na área para recargas, O Pilé defende muito para a frente. Nós temos que ser lesto nesse aspeto. Rematar para a zona de baixo da luva direita. O Azevedo é um GR que joga dentro da baliza. Do lado direito dele sai mais do que do lado esquerdo. Quero remates do nosso lado direito ofensivo para o poste mais distante e rasteiro. Nós na primeira volta, o Moreira ofereceu um golo ao Rui assim. Rematou do lado direito, ele fez-se à bola e encostou. O Azevedo sai-se mais deste lado, é um facto. Daquele lado é mais permeável. O fundamental é a intensidade na construção ofensiva. Rápidos nas transições para marcar ou provocar desgaste. É um jogo difícil, com uma equipa de arbitragem que pode e muito condicionar o jogo, não quer dizer que seja só o nosso, mas pode e muito. Nós já apanhámos esta dupla em Turquel. Foi o jogo onde nos foram averbadas mais faltas, um jogo

em que não saímos satisfeitos porque perdemos e porque aconteceram coisas estranhas de arbitragem. Mas não podemos passar essas ideias para o jogo. Temos que ser inteligentes para controlar as emoções e tentar fugir à forma de arbitrar desta dupla, ou seja, dar mais o jogo exterior à Física, evitar entradas extemporâneas, dizer algo aos árbitros está fora de questão.

O controlo emocional tem que ser elevadíssimo. É importante não nos deixarmos condicionar pela forma de arbitrar desta dupla, mas isto também não pode servir de desculpa para nos inibirmos e condicionar a nossa forma de jogar. Temos que ser agressivos ao portador da bola, incisivos na marcação ao jogador sem bola, mas se podermos controlar melhor o espaço defensivo é o ideal. Estamos mais longe de fazer faltas. Não deixar que a arbitragem nos condicione, mas também não sermos nós a ir ao encontro à forma de arbitrar desta dupla. Não ir com o Godinho até à tabela de fundo, um metro antes da tabela e já estamos a travar e deixamo-lo ir. Atenção ao contra gancho porque ele por vezes entra para dentro. Quando a bola entrar no corredor direito, temos que reduzir em largura o espaço interior defensivo e marcarmos à frente os jogadores interiores deles. Carlos, o homem da bola é teu. No lado contrário ao da bola, não deem as costas. Quando tiverem a marcar o German, sempre à frente, evirem o contacto físico, porque os penaltis podem ser muitos. Isso verificou-se na última jornada. A Física vai entrar com Azevedo, Samuel, Alan e German. Tiveram menos três dias descanso. Temos que ter muita atenção na racionalização dos espaços em largura. Em profundidade vão pressionar o homem da bola. Temos que defender bem, ser inteligentes, rápidos na transição ofensiva.

No ataque temos que ser dinâmicos, mudar de direção e abusar nas travagens. O Alan é um jogador de desgaste fácil, não tem a mesma capacidade de reação. Apostem nas segundas bolas, apostem na vantagem posicional em relação ao defensor nas zonas interiores. 2x2, 3x1 sempre dinâmicos. Nós vimos aqui para ganhar e aposto que se ganharmos hoje, vamos para terceiro lugar.

Vamos aquecer bem e vamos ganhar.”

Jogo 3 -PA X SCP - Época 2012 / 2013

“Parece que vamos jogar com um grande. Parece que foi isto que o capitão deles disse numa entrevista. De facto o nosso Hóquei é fértil em “baboseiras” destas. Quando oiço um jogador do SCP dizer que são o único grande que ganhou ao PA, eu pergunto o que é ser grande no HP. Todos devem estar lembrados da derrota sofrida na primeira volta, deixou-nos tristes, inconformados. Durante a semana senti algum sentimento de revolta. Esse sentimento é positivo se o soubermos dosear. É bom que entrem com tudo, com o sentido de ganhar, mas temos de saber como fazer. Não podemos jogar só com o lado emocional. Nós temos vindo a contornar bem algumas adversidades que nos têm sido colocadas, temos tido a capacidade de recuperar de resultados negativos, mas isso tudo graças à força do coletivo e principalmente à inteligência. Para este jogo volto a pedir isso. Quero que estejam focalizados nas tarefas, com intensidade elevada, mas que saibam gerir alguma revolta pela forma como perdemos na primeira volta. No plano técnico e tático, felizmente eu chego aos jogos com pouco a dizer. Temos que ser nós a controlar a maior parte do jogo, não temos que ser nós sempre a dominar. O SCP vem jogar na expectativa, no nosso erro, vão jogar em transições rápidas onde o Lã se destaca, sendo ele o primeiro da linha defensiva do SCP, assentando a sua capacidade em desarmar e arrancar logo para o contra ataque. Nós não podemos ir atrás disso, nós temos que ser uma equipa organizada nas diferentes fases do jogo, temos que ser agressivos defensivamente, intensos na disputa do lance, intensos na redução dos espaços e quando tivermos que ter a bola sermos uma equipa dinâmica. Tenho vindo a alertar para o facto de nós sermos uma equipa que apesar de apresentarmos uma intensidade elevada nas ações, temos uma dinâmica espacial curta. Uma dinâmica que assenta em zonas muito reduzidas do ringue e isso facilita quem defende. É preciso dar mais amplitude e profundidade à equipa. É isso que eu quero hoje. Ontem fiquei muito agradado com o treino, porque houve disponibilidade, entrega e dinâmica. Entrem do primeiro ao último minuto com capacidade de ter a bola, mas com intencionalidade e dinâmica, utilizando toda a meia pista ofensiva. O

SCP é uma equipa que nas laterais confunde a marcação, principalmente se levarmos para a ação jogadores como o Marinho, Garrancho, o Trindade ou Pimenta. Temos que ser inteligentes para nunca permitirmos que o lado contrário ao portador da bola funcione como ajuda. Ou nos posicionamos no lado contrário de forma a que a bola possa lá chegar e que obrigue um defensor a estar lá ou provocamos aclaramentos e somos rápidos na mudança de

flanco de jogo. Tem que haver largura no nosso jogo ofensivo e apostem claramente nos desequilíbrios laterais, porque vão tirar muito partido. Temos que explorar os desequilíbrios defensivos que vem da fraca capacidade que alguns dos avançados deles têm a defender sem bola. A nossa circulação 3x1, não a façam demasiado próxima deles, principalmente do lado direito defensivo por causa do Lã. Moreira, muita atenção nesse aspeto. Nesta fase inicial vamos encontrar um bloco do SCP baixo, nós não vamos forçar a entrada aproximando-nos da primeira linha defensiva deles. Se tiverem que fazer o 3x1 quase na zona dos 20 metros do meio ringue, façam e atirem à baliza. Tem é que haver referências na área para as segundas bolas. O Igor defende muito as bolas para a frente e nós temos que aproveitar a capacidade de recarga e temos que ganhar as segundas bolas. Entendido? Nas transições metam alta velocidade no jogo. As nossas opções no banco são muito superiores, aliás à semelhança do que já disse, os jogos não se resumem ao cinco inicial e este jogo está preparado para isso mesmo. Jogar com intensidade, mas com inteligência emocional. Os árbitros são os mesmos da primeira volta, são bons tecnicamente, mas do ponto de vista emocional, principalmente o Romão, se complicam o trabalho dele, ele lixa o vosso trabalho. Não vamos complicar o trabalho dele. O Peixoto é um assumido sportinguista, mas como homem sério que é, gosta sempre de manter a imparcialidade, que às vezes até favorece os adversários do SCP. Nós não podemos estar a contar com isso. Eles fizeram uma boa arbitragem na primeira volta, mas estão ligados ao resultado do jogo com a obtenção do terceiro golo. Vamos fugir disso. O SCP é uma equipa que faz muitas faltas, os defesas deles por terem alguma falta de mobilidade recorrem muito à falta. O Marinho está constantemente a mandar-se para o chão e a verdade é que saca muitas faltas. A ele vamos dar espaço, não encostamos para os árbitros não serem enganados. O Nogueira vai muito às tabelas e faz muitas faltas. Vamos aproveitar. O Pimenta também. O Igor, quando passam atrás da baliza tenta cortar a bola e a minoria das vezes acerta no adversário. O averbar das faltas pode ser decisivo, quer para nós, quer para eles. O Marinho e Garrancho são exemplos disso porque têm claras lacunas de patinagem. Vamos ser inteligentes porque as bolas paradas podem ser decisivas. Vamos pensar em ganhar e não em golear, porque a nossa equipa não é equipa para dar goleadas.

Malta, vamos lá para dentro e ganhar.”

Jogo 4 - Braga X PA - Época 2012 / 2013

“O Braga é uma equipa que mudou. A entrada do Rato e do Fred veio dar uma maior dinâmica, principalmente ofensivamente. Eles estão a jogar com o Guilherme, Luís Filipe, Ratos, Fred e Ruben. Bloco muito baixo, um GR que lhes está a dar confiança, mas que acusa muito o desgaste nas segundas partes. Está com menos reação, está a deixar muitas bolas soltas na área. Temos que explorar as recargas, as saídas do GR. O Rato não é vocacionado para jogar atrás, dá muitas abébias defensivas, principalmente quando marca o jogador sem bola. O Luís já não tem a mobilidade e reação de outros tempos. Na frente têm jogadores com poucas aptidões defensivas. São jogadores que não permitem que a equipa tenha consistência defensiva. Apostam nas transições rápidas, dá muitos contra ataques, o jogador que sai com mais disparo é o Ruben, mas tem dificuldades em definir, apostando quase sempre no lance individual. O Fred não é rápido, é um falso lento, aproveita muito bem os ressaltos, tem um remate fácil e se lhe derem cinco oportunidades ele marca duas. O Rodrigo é um jogador que dá dinâmica ofensiva, tem boa leitura de jogo. O Chumbinho quando entra, mexe com o jogo, às vezes é ele quem entra para marcar as bolas paradas. O Vieirinha vai entrando, apesar de ser muito novo e revelar alguma imaturidade, pode mexer com o jogo. Um Braga em bloco baixo, com algumas brechas defensivas no último terço do ringue de duas formas. As bolas defendidas pelo Guilherme e no espaço concedido pelo Rato na marcação ao jogador sem bola. Os dois avançados marcam mal sem bola. Os nossos médios devem entrar sem bola nas costas e criar desequilíbrios. O Kika é o jogador menos utilizado, vale pelo remate, é pesado, tem pouca mobilidade. Se marcarem perto ganham muitas bolas e originam muitos contra ataques. Temos que apostar nesta situação. Vamos lá buscá-lo. Temos que estar atentos aos árbitros que são uma dupla cá de cima. É na minha perspetiva a nossa saída mais difícil até ao final do campeonato. É um adversário que vem de uma série de 4 vitórias, é uma equipa em crescendo e que no seu ringue já ganhou a opositores com grandes aspirações neste campeonato. Neste momento está estabilizado na tabela. Temos na nossa memória, uma equipa que nos causou imensas dificuldades em PA. É um jogo de grau de dificuldade elevado pelo valor do adversário e ainda mais se nós não conseguirmos controlar a pressão positiva de estarmos a lutar pelo terceiro lugar. Tem que haver a necessidade de individualmente cada um de vós tentar ser melhor na concentração, no desempenho, na intensidade. É bom aproveitarmos este clima de confiança, mas não subvalorizarmos os

outros. Com o GR que temos e a equipa a defender como está, o contra ataque chega para ganharmos o jogo, isto se seguirmos à risca os princípios propostos. Temos que ter a capacidade de finalizar. Acredito que defendendo como é habitual, com o Carlos ao seu nível, nós vamos ter transições que nos permitem vencer o jogo.

Para haver transição tem que haver boa defesa, para haver boa defesa tem que haver concentração, boa ocupação do espaço e elevada intensidade nas ações, jogar perto deles, chegar à tabela com a certeza que vou ganhar a bola e não fazer uma falta. É vital ter uma correta leitura do jogo e capacidade de explosão para chegarmos perto. O Braga é uma equipa que arrisca, os dois avançados são puros, não ajudam na recuperação defensiva. Os médios são dois jogadores com muita apetência para subirem, para desequilibrarem. Prevejo que vai haver muita procura da nossa baliza, com muito risco, porque os médios têm que entrar para desequilibrarem. Os dois avançados são finalizadores, apesar de achar o Ruben um bom jogador tecnicamente, mas falta-lhe a capacidade de decidir bem. O Fred é um finalizador, de drible curto, não de explosão. Atenção à meia distância do Luís no nosso corredor direito, o Rato mais no corredor esquerdo. É um jogador rápido na condução da bola. Temos capacidade para sermos mais dinâmicos, falta fazermos coisas diferentes, às vezes somos repetitivos e previsíveis, apesar de sermos intencionais. Temos de aproveitar a patinagem do Moreira, a explosão e visão do Carlitos, a capacidade de romper do Rui, a leitura do André. Nelson e Rui no jogo interior têm que ser alimentados, mas também temos que ser intuitivos, imprevisíveis, explosivos, temos que dar trabalho ao Guilherme, sobretudo na procura das segundas bolas. É um GR que ocupa muito bem a baliza. O Guilherme na primeira bola, continua a ser dos mais difíceis de bater. Falta falar da arbitragem, que cada vez assume mais preponderância e importância. São dois árbitros que não consigo defini-los e isso é mau, tanto podem ser uma coisa boa, como uma coisa muito má. Mais uma vez, à semelhança do que fizemos na Física, onde conseguimos superar as adversidades por via dos erros de arbitragem, nós aqui temos que ter a mesma postura. Individualmente têm que melhorar a atitude face à arbitragem. As novas regras vieram para ficar e cada vez podem decidir mais jogos. A arbitragem é para respeitar e ser superada. Prevejo muitas faltas de equipa e muitos penaltis. Esta dupla ao mínimo toque marca penalti, pensam que estão a apitar basquetebol. Nas idas à tabela, atenção, tentar não tocar neles. Ao mínimo toque no stick marcam falta. Vamos jogar pelas laterais, criar desequilíbrios 2x1 nas zonas laterais. Principalmente no corredor direito ofensivo. Muita racionalização dos espaços. Quer a defender, quer a atacar. Vamos utilizar

todo o campo na parte ofensiva. Vamos explorar as zonas atrás da baliza, Com 2x2 e a cortar para dentro. Defensivamente vamos estar juntos e sair para transições rápidas. Na transição ofensiva vamos procurar o lado natural e rematar de primeira. Na transição defensiva vamos encostar ao marcador mais próximo. No livre direto, Nelson, remata direto. No penalti, para o lado esquerdo inferior do Guilherme. Quero posse de bola. Explorar o 1x1 com os avançados. Um bom aquecimento e uma boa vitória.”